

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI – UFSJ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – DECIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Lucas Barcelos de Assunção Coelho

**“O FUTEBOL É UMA MANIFESTAÇÃO PASSIONAL. É COMO A
POLÍTICA”: A SELEÇÃO BRASILEIRA NAS CRÔNICAS ESPORTIVAS DE
ROBERTO DRUMMOND NAS COPAS DO MUNDO DE 1978 E 1982**

SÃO JOÃO DEL-REI – MG
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI – UFSJ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – DECIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Lucas Barcelos de Assunção Coelho

**“O FUTEBOL É UMA MANIFESTAÇÃO PASSIONAL. É COMO A
POLÍTICA”: A SELEÇÃO BRASILEIRA NAS CRÔNICAS ESPORTIVAS DE
ROBERTO DRUMMOND NAS COPAS DO MUNDO DE 1978 E 1982**

Pesquisa apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: Poder e Cultura

Orientador: Professor Doutor Euclides de Freitas Couto

SÃO JOÃO DEL-REI – MG
2022

“[...] O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.”

(Carlos Drummond de Andrade)

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C672" Coelho, Lucas.
"O futebol é uma manifestação passional. É como a política" : A Seleção Brasileira nas crônicas esportivas de Roberto Drummond nas Copas do Mundo de 1978 e 1982. / Lucas Coelho ; orientador Euclides de Freitas Couto. -- São João del-Rei, 2022.
109 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em História) -- Universidade Federal de São João del Rei, 2022.

1. Crônicas. 2. Futebol. 3. Nova História Política. 4. Roberto Drummond. I. de Freitas Couto, Euclides, orient. II. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

OUTROS Nº 2184 / 2022 - PGHIS (13.19)

Nº do Protocolo: 23122.047033/2022-56

São João del-Rei-MG, 17 de novembro de 2022.

Este exemplar da dissertação "'O FUTEBOL É UMA MANIFESTAÇÃO PASSIONAL. É COMO POLÍTICA': A SELEÇÃO BRASILEIRA NAS CRÔNICAS ESPORTIVAS DE ROBERTO DRUMMOND NAS COPAS DO MUNDO DE 1978 E 1982", de LUCAS BARCELOS DE ASSUNÇÃO COELHO, corresponde à redação final aprovada pela banca examinadora em 14 de novembro de 2022, composta pelos professores doutores Euclides de Freitas Couto (UFSJ - orientador), Marcus Vinícius Costa Lage (PUC-MG-examinador externo) e Cleber Augusto Gonçalves Dias(UFSJ - examinador externo).

(Assinado digitalmente em 18/11/2022 16:42)

EUCLIDES DE FREITAS COUTO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DECIS (12.13)
Matrícula: 1920037

(Assinado digitalmente em 17/11/2022 16:08)

CLEBER AUGUSTO GONÇALVES DIAS
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 088.877.027-80

(Assinado digitalmente em 18/11/2022 15:16)

MARCUS VINÍCIUS COSTA LAGE
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 077.292.756-19

Para verificar a autenticidade deste documento entre em
<https://sipac.ufsj.edu.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **2184**, ano:
2022, tipo: **OUTROS**, data de emissão: **17/11/2022** e o código de verificação: **4f659f68dd**

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Eliane e Silvestre, por tudo o que fizeram por mim, e por tudo o que deixaram de fazer para eles, para que eu pudesse construir meu próprio caminho. Espero um dia poder retribuir.

À Mariana, por tudo.

Ao professor Euclides de Freitas, pela leveza e profissionalismo com que me orientou no conturbado período da pandemia.

Aos professores Marcus Lage e Cleber Dias, pelas fundamentais contribuições nas bancas de defesa. Ao Marcus também quero agradecer pela indispensável ajuda na concepção do projeto para o Mestrado.

Aos colegas do curso de História, em especial ao Lucas Ferreira, colega e amigo que contribuiu para o nascimento dessa pesquisa.

Aos amigos e amigas, por todos os momentos em que, mesmo não sabendo, me ajudaram muito a chegar até aqui.

Por fim, a todos os professores e professoras da Universidade Federal de São João del-Rei, pela oportunidade de aprender.

RESUMO

O estudo do futebol e da literatura já é comum em pesquisas no campo das Ciências Sociais e não é diferente na História. Assim, por meio de crônicas esportivas escritas por Roberto Drummond, durante as Copas do Mundo de 1978 e 1982 no Jornal Estado de Minas, buscamos relacionar esses campos de estudos, entendendo as crônicas produzidas pelo autor como parte de uma cultura política democrática no âmbito da crônica esportiva nacional. Utilizamos a abordagem da Nova História Política, na qual o “político” extrapola o campo do poder institucional, abarcando também uma série de práticas e representações sociais, como é o caso do futebol espetáculo. No primeiro capítulo realizou-se a análise das crônicas como fontes de pesquisa histórica, e também a contextualização da biografia intelectual de Drummond. O segundo capítulo é dedicado ao contexto da ditadura Argentina, sede da Copa do Mundo de 1978, e às crônicas de Drummond sobre o torneio. Por fim, o terceiro capítulo traz a análise das crônicas da Copa do Mundo de 1982. O cotejamento das fontes evidencia que o autor confere continuidade a alguns temas recorrentes abordados por ele no mundial anterior. Em síntese, o conjunto de análises sugere que as crônicas produzidas por Drummond revelam seu estilo popularesco, recheado de coloquialidades, com a ideia de que a Seleção Brasileira de futebol representaria todo o povo brasileiro, por meio do talento, criatividade e genialidade que, em certa medida, alimenta a tradição deixada por cronistas como Mário Filho e Nelson Rodrigues.

Palavras-chave: Crônicas; Roberto Drummond; Nova História Política; Futebol.

RESUMEN

El estudio del fútbol y la literatura ya es habitual en la investigación en el campo de las Ciencias Sociales, y no es diferente en la Historia. Así, a través de las crónicas deportivas escritas por Roberto Drummond, durante las Copas del Mundo de 1978 y 1982 en el Jornal Estado de Minas, buscamos relacionar estos campos de estudio, entendiendo las crónicas producidas por el autor como parte de una cultura política democrática en el ámbito de la crónica deportiva nacional. Utilizamos el enfoque de la Nueva Historia Política, en el que lo “político” va más allá del campo del poder institucional, abarcando también una serie de prácticas y representaciones sociales, como es el caso del fútbol espectáculo. En el primer capítulo se analizaron las crónicas como fuentes de investigación histórica, así como la contextualización de la biografía intelectual de Drummond. El segundo capítulo está dedicado al contexto de la dictadura argentina, sede del Mundial de 1978, ya las crónicas de Drummond sobre el torneo. Finalmente, el tercer capítulo presenta el análisis de las crónicas del Mundial de 1982. La comparación de fuentes muestra que el autor da continuidad a algunos temas recurrentes abordados por él en el mundial anterior. En resumen, el conjunto de análisis sugiere que las crónicas producidas por Drummond revelan su estilo popular, lleno de coloquialidades, con la idea de que la selección brasileña de fútbol representaría a todo el pueblo brasileño, a través del talento, la creatividad y la genialidad que, en cierto modo, en cierta medida, alimenta la tradición dejada por cronistas como Mário Filho y Nelson Rodrigues.

Palabras clave: Crónicas; Roberto Drummond; Nueva Historia Política; Fútbol.

ABSTRACT

The study of football and literature is already common in research in the field of Social Sciences, and it is no different in History. Thus, through sports chronicles written by Roberto Drummond, during the 1978 and 1982 World Cups in *Jornal Estado de Minas*, we seek to relate these fields of study, understanding the conics produced by the author as part of a democratic political culture within the scope of national sports chronicle. We use the approach of the New Political History, in which the "politician" extrapolates the field of institutional power, also encompassing a series of practices and social representations, as is the case of football spectacle. In the first chapter, the chronicles were analyzed as sources of historical research, and the contextualization of Drummond's intellectual biography was made. The second chapter is dedicated to the context of the Argentine dictatorship, host of the 1978 World Cup, and to Drummond's chronicles about the tournament. Finally, the third chapter presents the analysis of the chronicles of the 1982 World Cup. The comparison of sources shows that the author gives continuity to some recurring themes addressed by him in the previous World Cup. In summary, the set of analyzes suggests that the chronicles produced by Drummond reveal his popular style, full of colloquialities, with the idea that the Brazilian football team would represent the entire Brazilian people, through talent, creativity and genius that, in to a certain extent, it feeds the tradition left by chroniclers such as Mário Filho and Nelson Rodrigues.

Key Words: Chronicles; Roberto Drummond; New Political History; Football

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. CAPÍTULO 1.....	19
1.1 As crônicas esportivas e o futebol no campo da História.....	19
1.2 O <i>Jornal Estado de Minas</i> e a ditadura civil-militar brasileira.....	32
1.3 O “elemento comunista” do <i>Estado de Minas</i>.....	38
2. CAPÍTULO 2.....	47
2.1 O contexto das ditaduras brasileira e argentina.....	47
2.2 A Copa do Mundo de 1978 nas crônicas de Roberto Drummond.....	51
3. CAPÍTULO 3.....	70
3.1 As continuidades nas crônicas de Roberto Drummond.....	70
3.2 A Copa do Mundo de 1982 nas crônicas de Roberto Drummond.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	106

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa buscou analisar as crônicas esportivas escritas por Roberto Drummond na coluna diária *Bola na Marca*, do jornal *Estado de Minas*, durante as Copas do Mundo de Futebol dos anos de 1978 e 1982, período que marcou o final do lento e gradual retorno do país à democracia, no qual o escritor buscou expressar, por meio das crônicas esportivas, sua filiação a uma cultura política pró-democracia.

O recorte temporal se dá pela importância dos eventos para o mundo esportivo, com as atenções voltadas para as Copas do Mundo, principal competição organizada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA). As análises inspiraram-se nas abordagens da História Política do Esporte¹, um campo de estudos relativamente novo no Brasil, cujas reflexões possibilitam enfrentar o debate do esporte à luz do arsenal teórico da Nova História Política², na qual a noção de “política” extrapola os meandros institucionais e encampa uma série de práticas e de representações sociais, inclusive aquelas inscritas no campo esportivo.

Além de apresentar o conceito de Cultura Política, é preciso defini-lo, para que não seja usado de forma vazia, como acontece com termos que caem no senso comum, que passam a ser apresentados de maneira pouco profunda por “analistas” das diversas mídias.

Cunhado por cientistas sociais dos Estados Unidos da América, caiu no gosto dos historiadores, entre as décadas de 1950 e 1960³. Depois, foi reformulado e melhor analisado pelos franceses, que procuraram pensar “a categoria em termos plurais, buscando identificar as diferentes culturas políticas que integram e disputam um mesmo espaço nacional.”⁴. É nessa perspectiva que pretendo trabalhar, definindo o conceito como

Conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas, partilhado por determinado grupo humano, que expressa/constrói identidade coletiva e

¹ MELO, Victor de Andrade. História Política do Esporte. In: **Pesquisa histórica e história do esporte**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2013.

² RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

³ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Cultura política e ditadura: um debate teórico e historiográfico. **Tempo e Argumento**, Florianópolis: v.10, n.23, p.109-137, jan./mar. 2018, p.111

⁴ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Cultura política e ditadura: um debate teórico e historiográfico. **Tempo e Argumento**, Florianópolis: v.10, n.23, p.109-137, jan./mar. 2018, p.112

fornece leituras comuns do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro.⁵

A perspectiva de Drummond não se contrapõe à da Nova História Política, na verdade são complementares, porque “a cultura política, presente no comportamento das microssociedades que se fundem na sociedade global”⁶ só pode ser explicada a partir de uma análise de “longuíssima duração”⁷. Evidentemente o objetivo do projeto não é analisar de forma profunda o surgimento de culturas políticas no Brasil, visto o recorte temporal, mas tentar entender a contraposição de culturas políticas durante a ditadura civil-militar.

Digo culturas políticas, no plural, me apoiando em mais um clássico sobre o tema, Serge Berstein⁸, que aponta uma clara diferença entre a cultura da elite e a cultura de massas. Nesse sentido, diversas seriam as culturas políticas dentro de um mesmo país⁹, por mais que uma possa se tornar dominante, com um campo de influência que afete as outras. Por isso afirmarmos que o presente projeto dialoga com uma tradição da Nova História Política, em especial com os trabalhos que articulam as dimensões tradicionais da política com as manifestações culturais da sociedade.

Além da Nova História Política, ao longo da pesquisa nos baseamos também nas abordagens da História Cultural do Esporte. A representação popularesca do futebol brasileiro observada nas crônicas assinadas por Drummond nos permitiu entender o futebol como prática e também como representação da cultura popular brasileira.¹⁰

Estamos preocupados, portanto, em entender o que as “práticas esportivas representam para as pessoas”¹¹, para Roberto Drummond e os leitores de suas crônicas. Entender como o esporte é mobilizado pelos políticos ou agências de poder é importante, mas para nós foi mais central mostrar “de que maneira as competições

⁵ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Cultura política e ditadura: um debate teórico e historiográfico. **Tempo e Argumento**, Florianópolis: v.10, n.23, p.109-137, jan./mar. 2018, p.114

⁶ RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. P.35

⁷ RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. P.35

⁸ BERNSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Direção) **Para uma História Cultural**. Tradução de Ana Moura. 1ª Edição, Lisboa: Editorial Estampa, 1998. P.353

⁹ BERNSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Direção) **Para uma História Cultural**. Tradução de Ana Moura. 1ª Edição, Lisboa: Editorial Estampa, 1998. P.350.

¹⁰ MELO, Victor et al. História cultural do esporte. In: **Pesquisa histórica e história do esporte**. MELO, Victor et al. 1ª Ed, Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013, p.57

¹¹ MELO, Victor et al. História cultural do esporte. In: **Pesquisa histórica e história do esporte**. MELO, Victor et al. 1ª Ed, Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013, p.58

internacionais e os atletas e equipes que deles participaram são mobilizados em relação à identidade nacional”¹². Não só mobilizados pelos governos e Estados, mas pelo cronista em questão.

Um exemplo, quando Drummond diz que “nós” brasileiros jogamos mal ou bem determinada partida, quando escreve que a alegria dos jogadores representa a alegria de um povo, o esporte está sendo mobilizado como representante de uma nação. Portanto, “Os espetáculos esportivos devem ser encarados como espaços de múltiplas performances”¹³, não só dos atletas, mas também daqueles que analisam as partidas.

A primeira hipótese que percorremos foi a de que Roberto Drummond viu no caderno de esportes do Jornal *Estado de Minas*, um espaço aparentemente menos controlado pelos censores da ditadura, e em um contexto de recrudescimento ditatorial vivenciado pelo país desde 1964, uma ótima oportunidade para veicular suas críticas ao poder executivo brasileiro e, ao mesmo tempo, para defender pautas progressistas, a exemplo do retorno da democracia.

A partir da leitura das fontes primárias e da bibliográfica analisada, foi formulada uma segunda hipótese, que, não necessariamente, elimina a primeira. A contratação de Drummond pelo jornal Estado de Minas pode ser enquadrada na ideia de acomodação entre os interesses do veículo de comunicação e do jornalista. Enquanto Roberto Drummond, conhecido por suas convicções “comunistas” teria espaço aberto para formular posições menos radicais nas páginas esportivas, o jornal notadamente anticomunista e antigo apoiador da ditadura militar, se rendia ao apelo democrático que passava a se tornar hegemônico nos maiores jornais do país.

Um dos benefícios para o Estado de Minas seria a presença de um quadro de oposição à ditadura dentro de sua folha de pagamento, num possível controle ou censura prévia, uma vez que o jornal sempre se mostrou alinhado ao regime militar. Com a escalada do regime autoritário, é possível que Drummond, depois de mais de 10 anos escrevendo as crônicas diariamente, tenha atenuado o tom das suas críticas ao regime militar, focando somente nas confluências entre o esporte e aqueles que o comandavam, como foi visto nas crônicas relativas à Copa do Mundo de 1978.

¹² MELO, Victor et al. História cultural do esporte. IN: **Pesquisa histórica e história do esporte**. MELO, Victor et al. 1ª Ed, Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013, p.58

¹³ MELO, Victor et al. História cultural do esporte. IN: **Pesquisa histórica e história do esporte**. MELO, Victor et al. 1ª Ed, Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013, p.58

Outra possibilidade é a verificação de autocensura nos textos do autor. No início da escrita literária nos jornais, os escritores precisavam se adaptar às demandas dos impressos, se ajustando às condições dos contratantes, característica que pode ter se mantido e que incentivou Drummond a desinflar suas críticas. A necessidade de trabalhar, em conjunto com a perseguição sofrida pelo Estado brasileiro¹⁴, pode ter feito com que Drummond diminuísse a força de suas críticas.

A partir das discussões durante o exame de qualificação, chegou-se a uma terceira hipótese, que conduzirá a pesquisa daqui por diante. A ideia é que, como já apresentado, a acomodação/conciliação não se faz necessariamente somente durante a ditadura civil-militar, mas é uma característica histórica da imprensa brasileira, como será visto com o caso do *Jornal Estado de Minas*. Assim, diante da ausência de fontes que pudessem fornecer indícios para interpretar a relação entre o escritor e o jornal, optamos por analisar o conteúdo político presente nas relações de poder dramatizadas pelas cônicas do autor.

Portanto, a nova hipótese que se apresentou é a de que, com sutis críticas em suas crônicas, Roberto Drummond tem uma visão popularesca do futebol, se aproximando à visão do que ele chama de “povo brasileiro”, se afastando das análises dos “entendidos” da imprensa e de outros setores. Essa visão está presente quando o autor defende a individualidade dos jogadores frente aos esquemas táticos apresentados pelos técnicos e comissões, fazendo referência ao “jeito brasileiro de jogar futebol, que demonstrava mais plasticidade e malemolência”¹⁵.

Como será visto aqui, a análise preliminar das fontes indica que algumas manifestações políticas relevantes foram protagonizadas por atletas participantes dos torneios, como por exemplo o jogador José Reinaldo de Lima, no ano de 1978. É possível também reconhecer o uso desses eventos como forma de legitimação do status quo político, como ocorreu com a ditadura argentina no mundial de futebol de 1978. Além disso, algumas questões levantadas pelo autor não são necessariamente ligadas à

¹⁴ Como no caso em que foi citado na carta endereçada a Alberto de Sales Fonseca Júnior, chefe do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) da Secretaria da Segurança Pública do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 24 de novembro de 1961.

¹⁵ COSTA, Leda Maria da. **A trajetória da queda**: as narrativas da derrota e os principais vilões da Seleção Brasileira em Copas. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008, p.25

política institucional, mas à política do cotidiano, da vida social, à política das relações de poder.

Sabemos que a ditadura civil-militar brasileira é um tópico sensível, tendo como um dos motivos a negociação para o retorno à democracia, com papel relevante dos próprios militares no processo de redemocratização, – diferente de outros países sul-americanos, como a Argentina, que teve o fim do período ditatorial marcado por um colapso após a fracassada campanha na Guerra das Malvinas¹⁶, evento comentado por Drummond em alguns textos do ano de 1982.

A ditadura civil-militar brasileira pode ser entendida também a partir da ideia de “conciliação/acomodação”¹⁷, mais frequentes e viáveis no Brasil, sendo uma das principais características da cultura política do país, aspecto importante para entender as diferenças entre a ditadura brasileira para outras do Cone-Sul, como a chilena, argentina e uruguaia¹⁸. Um ponto importante da acomodação “é que ela envolve dois campos, ou dois lados, em um jogo de concessão mútuas. Para o jogo funcionar há que existir uma via de mão dupla [...]”¹⁹.

A acomodação ampla faria parte dos acordos não só das elites políticas, mas estaria presente também “em outros espaços sociais e institucionais, com envolvimento de outros atores, como intelectuais, acadêmicos e produtores culturais (...)”²⁰, como pode ter sido o caso da relação de Roberto Drummond com o jornal *Estado de Minas*. O jornal que apoiou o golpe de 1964, e seguiu dando suporte à ditadura - mesmo quando envolvia um dos seus, Pedro Aleixo - pelo menos até o início da década de 1980²¹,

¹⁶ ROMERO, Luis Alberto. **Breve historia contemporánea de la argentina**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2012. P.322-330. (Tradução nossa)

¹⁷ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Cultura política e ditadura: um debate teórico e historiográfico. **Tempo e Argumento**, Florianópolis: v.10, n.23, p.109-137, jan./mar. 2018, p.115.

¹⁸ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Cultura política e ditadura: um debate teórico e historiográfico. **Tempo e Argumento**, Florianópolis: v.10, n.23, p.109-137, jan./mar. 2018, p.115.

¹⁹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Cultura política e ditadura: um debate teórico e historiográfico. **Tempo e Argumento**, Florianópolis: v.10, n.23, p.109-137, jan./mar. 2018, p.120.

²⁰ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Cultura política e ditadura: um debate teórico e historiográfico. **Tempo e Argumento**, Florianópolis: v.10, n.23, p.109-137, jan./mar. 2018, p.119.

²¹ AMARAL, Laio; RODRIGUES, Hila. **Jornalismo político e enquadramento**: uma análise da cobertura da ditadura militar pelo jornal Estado de Minas. Intercom, XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Ouro Preto, 2012. P. 9

empregou um comunista declarado e já conhecido do DOPS-MG²² ainda na década de 1960.

Há “uma pluralidade de culturas políticas”²³ no interior das nações, como é visto no exemplo Drummond/*Estado de Minas*. O cronista, que fazia parte do Partido Comunista Brasileiro, entrou para o *Estado de Minas*, estando sem emprego já há 11 meses,²⁴ e passou a contribuir e com a cultura política mais forte do Brasil.

A intenção aqui não é desmerecer ou recusar a possibilidade de enxergar os textos de Drummond como oposicionistas – ou mesmo de resistência à ditadura, mas “evitar o exagero oposto, o superdimensionamento da história das mobilizações políticas populares, uma forma de idealização que serve para embalar sonhos e utopias generosas, mas turva o entendimento e a ação”.²⁵ Assim, a partir das contribuições na qualificação e do desenvolvimento das hipóteses já apresentadas, a intenção é justamente entender as crônicas de Drummond como elas se apresentavam em seu contexto, sem nenhum tipo de exagero ou deformação.

Em uma de suas entrevistas disponíveis na Internet, Roberto Drummond disse que “O *Estado de Minas* era minha casa, eu não tinha problemas no *Estado de Minas*”²⁶. Outra fala do cronista é sobre sua popularidade. Na mesma entrevista, ele disse que se “O *Estado de Minas* tinha 80 de Ibope, eu tinha 80 de Ibope”²⁷.

Entendendo que o autor tinha um público cativo para suas crônicas, o *Estado de Minas* pode ter, em um caso específico, aberto mão de uma das bandeiras ideológicas mais caras a seus antigos donos - o anticomunismo -, para ter uma figura que conseguia

²² Carta endereçada à Alberto de Sales Fonseca Júnior, chefe do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) da Secretaria da Segurança Pública do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 24 de novembro de 1961.

²³ BERNSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Direção) **Para uma História Cultural**. Tradução de Ana Moura. 1ª Edição, Lisboa: Editorial Estampa, 1998. P.354.

²⁴ DRUMMOND, Roberto. **Programa Gente**. 1999. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2nKwpWOjcaE&t=1s>>. Acesso em: 15/10/2020.

²⁵ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Cultura política e ditadura: um debate teórico e historiográfico**. Tempo e Argumento, Florianópolis: v.10, n.23, p.109-137, jan./mar. 2018, p.120.

²⁶ DRUMMOND, Roberto. **Programa Gente**. 1999. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2nKwpWOjcaE&t=1s>>. Acesso em: 15/10/2020.

²⁷ DRUMMOND, Roberto. **Programa Gente**. 1999. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2nKwpWOjcaE&t=1s>>. Acesso em: 15/10/2020.

atenção própria nas páginas do jornal, pensando no impacto positivo no número de vendas.

Enquanto isso, Roberto Drummond, que outrora fazia comícios relâmpagos para o Partido Comunista em Belo Horizonte, que queria transformar a Serra do Curral de Belo Horizonte em uma Sierra Maestra²⁸, como tinha feito Che Guevara em Cuba, abriu mão de suas radicais opiniões da juventude para conseguir continuar trabalhando e escrevendo.

Além da análise política das crônicas esportivas de Drummond, tentaremos analisar as crônicas a partir não só do campo político, mas também do campo literário, posto que esse gênero textual ganhou fôlego como objeto e fonte histórica em pesquisas desde o final do século XX.

As crônicas, esportivas no caso desta pesquisa, podem ser definidas “como um gênero ‘híbrido’ ou ‘fronteiriço’, entre o jornalismo e a literatura”²⁹, vem ganhando espaço nas pesquisas históricas nos últimos anos. Claro, assim como qualquer outro tipo de fonte histórica, é preciso ter os cuidados necessários ao analisar um gênero tão peculiar como este, entendendo que as crônicas não são a narração dos fatos, mas as interpretações deles, “os fatos transformados pelo olhar do cronista”³⁰, e não “transcrição exata do real”³¹. Utilizamos os textos de Drummond não só como fonte, mas como o próprio objeto de pesquisa.

Devido aos desafios impostos pela pesquisa histórica e a exiguidade do prazo para o desenvolvimento desta dissertação, optamos por não explorar a repercussão e influência das crônicas drummondianas ou o peso das suas opiniões diante das diversas existentes no período, nos reservando a compreender as reações do autor diante dos acontecimentos, e que pode representar parte da opinião de seus leitores, porque “a

²⁸ DRUMMOND, Roberto. **Programa Gente**. 1999. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2nKwpWOjcaE&t=1s>>. Acesso em: 15/10/2020.

²⁹ SILVA, Marcelino Rodrigues da. **O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1997. p.31

³⁰ SILVA, Marcelino Rodrigues da. **O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1997. p.37

³¹ COUTO, André Alexandre Guimarães. **Cronistas esportivos em campo: letras, imprensa e cultura no Jornal dos Sports (1950-1958)**. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2016. P. 90

história consiste não apenas em saber como os acontecimentos ocorreram, mas igualmente como foram percebidos”.³²

No que tange à sua forma, esta dissertação apresenta em seu primeiro capítulo uma revisão bibliográfica sobre os estudos de crônicas no campo da História, sejam elas esportivas ou não. Em seguida, apresenta um breve painel histórico do Jornal *Estado de Minas*, a fim de entender suas posições políticas. Não temos o objetivo de fazer uma “história da imprensa”³³, mas é imprescindível entender o posicionamento político do jornal que será estudado ao longo da pesquisa, uma vez que “a imprensa age sempre no campo político ideológico”.³⁴

Por fim, apresenta-se um recorte biográfico sobre Roberto Drummond, personagem central do estudo. Apesar de conhecido por seus livros e outros tipos de obras, com algumas delas adaptadas para a televisão, do ponto de vista historiográfico, muito pouco foi produzido sobre o autor. Nesse sentido, o uso de obras de caráter memorialista foi necessário para o intuito de conhecer aspectos da trajetória pessoal e intelectual do autor.

O segundo capítulo é dedicado a esboçar um rápido contexto político social do Brasil e da imprensa brasileira, por ser o país de publicação do jornal aqui analisado, e uma rápida análise referente ao contexto da Argentina, país sede da Copa do Mundo de 1978, e que vivia um período de ditadura militar, perseguição à oposição e censura da imprensa. O foco do capítulo passa a ser, em seguida, as crônicas de Roberto Drummond publicadas durante o ano de 1978.

O terceiro e último capítulo é dedicado à análise das publicadas crônicas no ano de 1982, que abarcavam críticas ao treinador Telê Santana e conferiam continuidade às ideias apresentadas nas crônicas relativas ao ano de 1978. Notadamente, Roberto Drummond continuou, em 1982, a defender a liberdade dos jogadores em detrimento ao “aprisionamento” imposto pelos esquemas táticos.

³² BLOCH, Marc. *Apologie pour l'histoire ou le métier d'historien*. Paris: Colin, 1969. Apud. JEANNENEY, Jean-François. A mídia. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. P. 201

³³ ZICMAN, Renée Barata. **História através da imprensa**: algumas considerações metodológicas. **História e Historiografia**: contribuições ao debate, PUC-SP. v.4, p.89-102, jan/dez 1985. P.89

³⁴ ZICMAN, Renée Barata. **História através da imprensa**: algumas considerações metodológicas. **História e Historiografia**: contribuições ao debate, PUC-SP. v.4, p.89-102, jan/dez 1985. P.90

1. CAPÍTULO 1

1.1 As crônicas esportivas e o futebol no campo da História

O 5 de março de 1978 está entre um dos episódios mais dolorosos da memória atleticana. Naquele dia a “massa alvinegra” lotou as dependências do Mineirão na esperança de ver os comandados do lendário técnico Barbatana repetirem, contra a equipe do São Paulo, o bom futebol apresentado desde o início daquele Campeonato Brasileiro de 1977. Nem mesmo a polêmica suspensão do craque Reinaldo, o “Rei” dos atleticanos, se mostrou capaz de tirar o otimismo dos alvinegros para aquele confronto final. Afinal de contas, após 20 partidas disputadas, o Galo já havia conquistado 17 vitórias e empatado apenas 3 partidas. Mas, para espanto e tristeza dos pouco mais de 100 mil pagantes presentes àquela tarde no Gigante da Pampulha, após empate sem gols nos 120 minutos de bola rolando, o tricolor paulista acabou derrotando o clube mineiro nos pênaltis, fazendo dele o primeiro, e ainda hoje único, vice-campeão nacional invicto.

Dois dias depois do fatídico vice-campeonato atleticano, o escritor Roberto Drummond publicaria sua tradicional crônica na coluna Bola na Marca, do *Jornal Estado de Minas*, reverberando um pouco da tristeza que havia tomado conta da torcida alvinegra. Apesar disso, ao concluir seu texto, o cronista, atleticano de coração e mais tarde conhecido pela célebre frase “Se houver uma camisa branca e preta pendurada num varal durante uma tempestade, o atleticano torce contra o vento”, não deixava de partilhar com seus leitores a esperança em dias melhores.

Assim, valendo-se do lirismo e de toda carga afetiva que marcaria sua vasta produção literária, Drummond dizia aos seus companheiros de sofrimento: “Queria que se vocês sentirem vontade de chorar a chuva que está caindo no Brasil, vocês não chorassem não, vocês ficassem esperando a garça, porque um dia a garça vem e fica com vocês.”¹.

Mas será que, ao mencionar o tempo chuvoso que dominava os céus do Brasil, e a vontade de chorar causada por ele, Drummond não poderia estar se referindo aos medos e incertezas provocados pela ditadura civil-militar instaurada no país em 31 de

¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 7 de março de 1978.

março de 1964 e que, àquela altura, em 1978, chegava ao seu momento econômico mais crítico? Ou será que ele estava, como fanático atleticano, “somente” abrindo seu coração metafórico para analisar uma partida de futebol que o machucou profundamente?

A vocação para a escrita de Roberto Drummond costuma ser lembrada e pesquisada em diversos trabalhos durante sua fase de literatura *pop* e seus grandes sucessos². Entretanto, a partir do ano de 1968 – portanto, durante quase todo o período ditatorial brasileiro -, Roberto Drummond se notabilizou como um dos mais relevantes cronistas esportivos da capital mineira, assinando a coluna Bola na Marca no jornal *Estado de Minas*.

De acordo com levantamentos documentais preliminares, pode-se dizer que nem sempre os textos de Drummond caracterizaram-se pela subjetividade, como evidencia a crônica de 7 de março de 1978 escrita por Drummond por ocasião da derrota atleticana para o São Paulo. Outras crônicas que serão apresentadas mostram como o autor tinha por característica a crítica política em seus textos. Futebol, Política, História e Literatura têm e precisam ter imbricações nítidas.

As crônicas vêm sendo utilizadas como importantes fontes de pesquisa no campo da História. Elas nos possibilitam acessar fatos da chamada pequena História, dos acontecimentos do dia a dia, do cotidiano, do homem comum. Alguns jornalistas, por exemplo, se dedicaram a contar fatos que passam despercebidos por seus contemporâneos, seja por desatenção ou por desejo que alguns assuntos não sejam tratados, nem documentados para gerações futuras, ficando esquecidos em nossa memória. Assim,

nesse processo – entre lembranças e esquecimentos – a mídia produz o acontecimento como algo que emerge na duração [...] Acontecimento passaria a ser nesta ótica tudo aquilo que se materializaria via publicização dos meios.³

² Como por exemplo Hilda Furacão, de 1991 e que depois foi adaptada para a televisão pela Rede Globo.

³ BARBOSA, M. C. Jornalistas, senhores da memória? In: **XXVII Congresso da Intercom**, 2004, Porto Alegre. CD Rom do XXVII Congresso da Intercom. Porto Alegre: PUC-RS e Intercom, 2004. P.2

Os jornalistas são esses seres que escolhem, subjetivamente, quais serão os temas de seus textos, e caracterizados como “senhores da memória”⁴, por definirem quais assuntos serão tratados, fazendo recortes nos acontecimentos que ficarão guardados como registros históricos, construindo o presente de maneira seletiva. Esses potenciais documentos e fontes que podem ser usados pelas gerações futuras fazem da mídia um dos guardiões da memória de uma sociedade.⁵

Aqui, tratamos Roberto Drummond não como um jornalista, mas como um escritor, que carregou também a possibilidade de escolher os temas tratados em seus textos. Apesar de “preso” por algumas características do impresso em que trabalhava, Drummond tinha “independência autoral”⁶ frente à necessidade da informação objetiva requisitada nos textos mais comuns dos jornais.

Ainda, nos movendo na chave da “objetividade versus subjetividade”, os meios de comunicação se estruturam para narrar fatos de forma a se adequar e legitimar as estruturas de poder e os grupos hegemônicos, marginalizando núcleos não hegemônicos, recortando os acontecimentos de acordo com os interesses do primeiro grupo. Assumindo uma posição elitista ao excluir certos grupos dos textos jornalísticos, é a crônica o espaço que esses grupos anti-hegemônicos têm para não serem esquecidos.⁷

Durante muito tempo a crônica foi considerada um gênero menor dentro do jornalismo, tanto no que se refere à sua importância quanto ao tamanho dos textos. Além disso, é nela que se encontra o lugar do cotidiano e, portanto, alguns temas, digamos, obscuros para o restante da sociedade. Assim, “não é à toa que Machado de Assis, totalmente absorvido por esse ‘jeito de ser’, que o seu olhar de míope (ou de cronista) está voltado para as pequenas coisas que as grandes vistas não percebem.”⁸

⁴ BARBOSA, M. C. Jornalistas, senhores da memória? In: **XXVII Congresso da Intercom**, 2004, Porto Alegre. CD Rom do XXVII Congresso da Intercom. Porto Alegre: PUC-RS e Intercom, 2004. P.1

⁵ BARBOSA, M. C. Jornalistas, senhores da memória? In: **XXVII Congresso da Intercom**, 2004, Porto Alegre. CD Rom do XXVII Congresso da Intercom. Porto Alegre: PUC-RS e Intercom, 2004. P.5

⁶ COUTO, André Alexandre Guimarães. **Cronistas esportivos em campo**: letras, imprensa e cultura no Jornal dos Sports (1950-1958). Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2016. P.65

⁷ BARBOSA, M. C. Jornalistas, senhores da memória? In: **XXVII Congresso da Intercom**, 2004, Porto Alegre. CD Rom do XXVII Congresso da Intercom. Porto Alegre: PUC-RS e Intercom, 2004. P.5

⁸ LUCENA, Ricardo de Figueiredo. A crônica como gênero que introduziu o esporte do Brasil. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 25, n. 1, p. 159-171, set. 2003. P.162

A crônica, mesmo sendo considerada um gênero menor,

está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, — sobretudo porque quase sempre utiliza o humor.⁹

As crônicas dos jornais brasileiros têm como referências os folhetins franceses, que contavam com notas de rodapé para entreter os leitores, por volta de 1799. Esse gênero, em sua origem, trazia textos de ficção, que chegavam a contar com diversos capítulos, ao longo de vários dias. Com o tempo, as crônicas começaram a tratar também de fatos do cotidiano, como os esportes. E no Brasil esse estilo ganha características próprias, “a ponto de exclamarem que esse gênero seria tipicamente brasileiro”.¹⁰

Já os primeiros registros jornalísticos sobre esportes no Brasil datam metade do século XIX. São notícias e comentários sobre os acontecimentos no Jockey Clube no Rio de Janeiro - então capital da República -, que ajudaram a transformar a forma como os esportes eram tratados nos jornais.

São as crônicas e os jornais os primeiros espaços “literários” em que esse tipo de análise teve relevância no Brasil, e não “em nenhum discurso político, nas quais alguns deputados se abalavam na defesa da ginástica ou dos exercícios militares como ações necessárias para a formação do ‘homem brasileiro’”,¹¹ por isso mesmo “nelas parece não caber a sintaxe rebuscada, [...] nem o vocabulário ‘opulento’, como se dizia dizer, para significar que era variado [...]”.¹²

A relação das crônicas com os esportes se torna mais íntima no final do século XIX e início do XX, quando o futebol é trazido ao Brasil. Lima Barreto, um dos pioneiros nesse segmento, critica negativamente o esporte em seus escritos, reclamando

⁹ CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992. p.14

¹⁰ COSTA, Felipe R. et al. Crônica esportiva brasileira: histórico, construção e cronista. **Pensar a Prática** 10/1: 15-31, jan./jun. 2007. P.16

¹¹ LUCENA, Ricardo de Figueiredo. A crônica como gênero que introduziu o esporte do Brasil. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 159-171, set. 2003. P.160

¹² CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992. p.16

que nossas elites - grupo que se apropriou primeiro desta atividade - seriam “afeitas aos costumes surgidos na Europa”.¹³

Outros cronistas, como José de Alencar, também se debruçaram sobre a temática em seus textos. As crônicas, e por conseguinte os jornais, cobriam cada vez mais os jogos na capital fluminense, popularizando o futebol, que, por sua vez, também ajudou a democratizar e difundir esse gênero literário, como um dos principais meios de análise do esporte, sempre misturando a realidade com a linguagem própria de cada autor, se aproximando do leitor ao misturar a razão e a emoção, apresentando também toques poéticos.¹⁴

O principal jornalista a ajudar na transformação das crônicas, com escritas mais simples, aproximando cada vez mais o leitor do fato narrado pelo escritor, foi Mário Filho - que não por acaso dá nome ao estádio mais famoso do Brasil, o Maracanã. Suas crônicas, escritas nas décadas que sedimentam o futebol como esporte de massa em nosso país - 1920 a 1940 -, além de trazer mudanças na linguagem, na forma, trouxe para esse estilo literário, cada vez mais voltado ao esporte, respeitabilidade.¹⁵

Apesar de todo esse esforço inicial, seria mesmo nas décadas de 1960 e 1970 de:

[...] apogeu do futebol brasileiro em todos os sentidos [...] que a crônica esportiva conquista espaço definitivo nos principais órgãos de imprensa do país e, principalmente, se profissionaliza definitivamente, adquirindo contornos poéticos próprios, e redesenhando novas fronteiras para o universo do literário.¹⁶

As crônicas esportivas de Roberto Drummond, publicadas na coluna *Bola na Marca* do jornal *Estado de Minas*, objeto e fonte principal desse projeto de pesquisa, foram escritas justamente nesse contexto, que abarca o período entre a década de 1970 e início dos anos de 1980. Em seus textos, é possível perceber algo característico das crônicas esportivas, qual seja, a combinação da “autoridade e a referencialidade da

¹³ LUCENA, Ricardo de Figueiredo. A crônica como gênero que introduziu o esporte do Brasil. Rev. **Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 159-171, set. 2003. P.164

¹⁴ LUCENA, Ricardo de Figueiredo. A crônica como gênero que introduziu o esporte do Brasil. Rev. **Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 159-171, set. 2003. P.165

¹⁵ COSTA, Felipe R. et al. Crônica esportiva brasileira: histórico, construção e cronista. **Pensar a Prática** 10/1: 15-31, jan./jun. 2007. P.19

¹⁶ TROUCHE, A. L. G.; REIS, L.; PARAQUETT, M. **Será mesmo este o país do futebol?** In: André Luiz Trouche. (Org.). *Fronteiras do Literário II*. Niterói: EDUFF, 2002, v. 1, p. 121-132. P.125

escrita jornalística com as liberdades ‘literárias’¹⁷. Com a “autoridade conferida por nossa cultura à escrita”¹⁸, a crônica é ao mesmo tempo “uma espécie de ovelha negra, um texto peculiar, radicalmente diferente dos outros textos”¹⁹ dentro dos impressos. Talvez por isso o interesse de ter esse gênero como fonte, ele que está no limite entre a cobertura jornalística e imaginação literária, entre a realidade e a ficção²⁰, mescla da realidade cotidiana e da ficção.²¹

Nos diferentes tipos de crônicas, uma característica peculiar é comum para quase todas elas: são feitas para não durar, tendo um “prazo de validade”²². “Como está vinculada aos periódicos: diários, semanários, no máximo mensários, é exatamente esta a duração planejada para a existência da crônica.”²³. Ela

não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha.²⁴

Mesmo assim, “sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava”²⁵. Com algumas características determinadas pelo formato do impresso, as crônicas podem ser utilizadas como fontes históricas.

¹⁷ SILVA, Marcelino Rodrigues da. **O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1997. p.6

¹⁸ SILVA, Marcelino Rodrigues da. **O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1997. p.12

¹⁹ SILVA, Marcelino Rodrigues da. **O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1997. p.28

²⁰ COUTO, André Alexandre Guimarães. **Cronistas esportivos em campo: letras, imprensa e cultura no Jornal dos Sports (1950-1958)**. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2016. p.28

²¹ CAPRARO, André Mendes. **Identidades imaginadas: Futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX**. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. P.3

²² CAPRARO, André Mendes. **Identidades imaginadas: Futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX**. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. p.30

²³ CAPRARO, André Mendes. **Identidades imaginadas: Futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX**. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. P.30

²⁴ CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992. P.14

²⁵ CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992. P.15

O próprio tamanho do texto (limitado pela diagramação do jornal), o curto espaço de tempo que o autor tem para escrever (que impossibilita o trabalho mais minucioso com a linguagem), a referencialidade temática e a simplicidade da linguagem são algumas das imposições feitas à crônica pelas necessidades e características do jornalismo.²⁶

No caso de Roberto Drummond, seus textos ocupavam um espaço significativo na diagramação do *Jornal Estado de Minas*, como é possível ver na Figura 1, na publicação de 10 de maio de 1978, em que Drummond destaca as ambiguidades do treinador da Seleção Brasileira, Cláudio Coutinho, o caracterizando como “a mistura de santo de demônio”.

É possível perceber que, assim como seu companheiro de página, Hélio Fraga, Roberto Drummond tem aproximadamente 1/6 da página da página 3 do Caderno de Esportes do *Jornal Estado de Minas*. Porém, mesmo com a proximidade da Copa de Mundo de 1978, que se iniciou em primeiro de junho, a manchete da reportagem principal da página destaca uma partida do campeonato mineiro.

²⁶ SILVA, Marcelino Rodrigues da. **O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1997. p. 32

Figura 1: Página do *Jornal Estado de Minas*, 10 de maio de 1978

Bola na marca

Roberto DRUMMOND

Eu acho que não é equivo-
co ou não é.
Para mim, sem essa mi-
tura, e ainda que muitas vezes
o sul apresenta numa perso-
nalidade muito costumeira ficar o
equilíbrio, ou a guerra interna.
Não há santos, bobes.
Não há demônios, bobes.
Por que 'falo nisso'?

Por causa do técnico Cláudio
Coutinho.

Quem pintar Cláudio Couti-
nho como um demônio, sempre
disposto a sacrificar um jogado-
r (chamamos Rafaelão ou
Cerezo), também estará errado.

Qual é a verdade sobre Couti-
nho?

Eu digo é a mistura de san-
to e do demônio.

E essa mistura se estende por
todas as coisas. Inclui-se, sobre
a questão de Coutinho entre-
ter, ou não, o futebol. Ou, o
futebol arte e paixão tão divul-
gadas, não tem tanto mistério.
É tão simples que, muitas ve-
zes, acaba complicada pelas
que o enchem de mistério.

Cláudio Coutinho, mesmo,
gosta de tornar o futebol muito
misterioso.

Gosta, este é a verdade, de
complicar demais.

Por que Cláudio Coutinho
complica tanto?

Eu creio que por inseguran-
ça e por necessidade de afirma-
ção. Se Cláudio Coutinho fosse
mais seguro e, na verdade, a sua
pouca experiência o torna in-
seguro, ele não precisaria exibir
tantos conhecimentos. E como
ele é um técnico em formação,
com a maior responsabilidade
que o futebol brasileiro dá a algu-
guém, sem a necessidade de se
afirmar, complica as coisas.

Mas eu não condeno Coutinho
por isso.

Eu quero entender Cláudio
Coutinho, não condeno em mu-
ltas coisas das atividades, as
que complicam as coisas, as que
expõem as coisas, acabam re-
tendo mais respaldos e orgulhos.

Cláudio Coutinho fala (a ex-
pressão não é minha) em fa-
lsethos, como muita gente fala
em economias.

É a moda dos inseguros.

E a moda dos que querem
impressionar ou impressionar.

Então, Cláudio Coutinho é
também isso.

Apesar, eu sei, que um técnico
da seleção brasileira seja criti-
cado se fazesse muito ou se
não fizesse muito. Então, não
há muita saída em situações
assim.

Nessa tentativa de fazer um
retrato sem a escuridão da pa-
são esportiva, eu diria que Cou-
tinho tem muitas deficiências e al-
guas qualidades.

Coutinho seria?

Varia.

Coutinho tem dúvidas?

Tem.

Mas é do ser humano partir
a dúvida, até é certo, a hora
em que tudo deve ficar claro.
Eu não pretendo Cláudio Cou-
tinho se, em junho, ele conti-
nuar variando, continuando du-
vidando, porque, então, tudo
isso será uma frase que pode-
rá ser fatal para a eficiência da
seleção cariense do Brasil.

Se Cláudio Coutinho entrar
a seleção certa, aí, então, não
tenham dúvidas: a parte boa do
técnico brasileiro, derrotado a
parte ruim e, tudo isso pelo
único caminho que interessa à
seleção cariense do Brasil: o
caminho da felicidade.

Uberaba enfrenta Atlético, amanhã, sem três titulares

Tilo Marçal é dúvida para enfrentar o Atlético

Loteria: jogo da seleção é o único de sábado

Apesar de um jogo não programado para sábado no torneio 1978 da Liga Esportiva Brasileira, o jogo de futebol da seleção brasileira, a pedido do técnico Cláudio Coutinho, será realizado no sábado, 10 de maio, às 19h30, no Estádio Nacional de Brasília, em Brasília.

Com exceção do jogo 1, o torneio vai ser a última rodada da fase preliminar da Copa Brasil, que define os grupos de vencedores e perdedores.

Pagamento aos milionários

Mas houve reclamação relacionada ao pagamento de R\$ 200 mil, segundo a direção da Caixa Econômica Federal. Os R\$ 200 mil seriam pagos aos jogadores da seleção brasileira, mas a Caixa Econômica Federal não tem dinheiro para isso.

No início dos pagamentos há uma apuração de R\$ 200 mil, segundo a direção da Caixa Econômica Federal. Os R\$ 200 mil seriam pagos aos jogadores da seleção brasileira, mas a Caixa Econômica Federal não tem dinheiro para isso.

Incentivo tem nove partidas neste domingo

Dois jogos disputados no Torneio Internacional de Futebol de 1978, em Brasília, foram o jogo de futebol da seleção brasileira, a pedido do técnico Cláudio Coutinho, e o jogo de futebol da seleção brasileira, a pedido do técnico Cláudio Coutinho.

O jogo de futebol da seleção brasileira, a pedido do técnico Cláudio Coutinho, será realizado no sábado, 10 de maio, às 19h30, no Estádio Nacional de Brasília, em Brasília.

Com exceção do jogo 1, o torneio vai ser a última rodada da fase preliminar da Copa Brasil, que define os grupos de vencedores e perdedores.

Por dentro do futebol

Hélio FRAGA

O prazo

Está certa a Comissão Técnica da CBD, duplamente dirigida por Zé Maria, para que se recupere, e lance a mesma partida contra Pernambuco para ver se seu joelho resiste. Zé Maria é um profissional que merece todo respeito. Muito correto e decente. Se a Seleção tiver de jogar na Copa, será uma pena. Mas, felizmente, há a solução de substituí-lo — e bem — pelo melhor da posição, que é Nelinho. A não ser que nos forcem a engolir Orlando como a solução mais indicada.

Eles podiam ir juntos à Copa: Zé Maria e Nelinho. Como foram em 1974. O que aconteceu lá não foi por culpa deles.

América, dia 15

Enquanto se sucedem os resultados de campo, a crise na América está se aprofundando. E vai ser pior mais ainda, porque acaba de ser anunciada para o dia 15, segunda-feira próxima, a reunião do Conselho Deliberativo, que seria amanhã à noite. O tempo não é bom aliado, ou um poderoso inimigo, nos crises. Pode aumentá-las ou diminuí-las. No caso da América, está a favor.

O que se deseja é uma solução racional e elevada, que respeite a América, e não tenha por objetivo destruir ou diminuir pessoas. O trabalho da comissão de alto nível deve ter esta preocupação. Não se trata de depor ou manter um presidente, mas de preservar a dignidade do seu corpo, que ele ilustra nesta sua passagem, ainda que preocupando-se mais com o americano do que com o brasileiro.

Esta é a penúltima rodada da Copa-78

Além de Náutico e Cruzeiro, válido pelo Grupo B, os jogos estão programados para hoje na Copa Brasil. Amanhã tem mais 10 partidas. A rodada é decisiva para definições dos grupos de vencedores e perdedores.

HOJE

GRUPO A
Figueirense x Internacional, em Florianópolis
Brasil x Marília, em Foz de Iguaçu
Atlético-PR x Juventude, em Curitiba

GRUPO B
Sport x América-RN, em Recife

GRUPO C
Mito x Corinthians, em Curitiba
Brasília x Santos, em Brasília
Comercial-MT x Desportivo, em C. Grande

GRUPO D
Ponte Preta x Vitória, em Campinas
Botafogo-RJ x CRB, no Maracanã
CSA x Confiança, em Maceió

GRUPO E
River x Palmeiras, em Tereziânia
Comercial-SP x Moto Club, em R. Preto
Nordeste x São Paulo, em Bauri
Fortaleza x América-SP, em Fortaleza

GRUPO F
América-RJ x Painesland, no Maracanã
Goiatás x Bangu, em Campos

AMANHÃ

GRUPO A
Caxias x Londrina, em Caxias do Sul
Grêmio x Colorado, em Porto Alegre
Coritiba x Chapecoense, em Curitiba

GRUPO B
Atlético-MG x Uberaba, no Mineirão
Uberlândia x ABC, em Uberlândia

GRUPO C
Rio Branco x Vila Nova-GO, em Vitória

GRUPO D
Sergipe x Vasco da Gama, em Aracaju
Votia Redonda x Guarani, em Volta Redonda

GRUPO F
Portuguesa x Americano, no Pacembu
Fluminense x Fast Clube, no Maracanã

Nelson Souza foi uma das atrações do Valeão em passado

DINHEIRO PRA ONTEM

Emprestimos de Cr\$ 1.000,00 e Cr\$ 17.500,00 em oportunidades maiores. Você pode pagar em até 12 vezes. Uberaba: Imobiliária de Uberaba. Visite nosso site.

Fiança SELO HORIZONTE - MG - Rua Espírito Santo, 118 - 2º andar - Uberaba - Fone: (35) 321-1111

Bahia, 365 - 5º andar - JARDIM PARAÍSO - Uberaba - Fone: (35) 321-1111

PS-1: Falta comentar, sobre o jogo Cruzeiro x Botafogo da Paraíba 3, a melhor maioria do gol. O de Etelvão foi absolutamente perfeito, fazendo justiça à sua categoria aquele dia por cobrir uma a face externa do pé. O de Eli Mendonça foi um chute sensacional, pegando 'na veia', com força incrível. O de Chico Alves (o 2º do Botafogo-PR) não ficou nada a dever aos anteriores, pegando de primeira, num rebote espectacular — não importa qual se esteja livre. O chute foi uma beleza. O gol de Roberto César foi mais de oportunismo, num impedido decidido de quem atraiu aquela bola. E o pé não, novamente Chico Alves, foi muito bem batido. Quem foi ao Mineirão deve ter sido satisfeito.

PS-2: Os atletas se ofendem sem necessidade. E as crianças lhes ensinam, às vezes, que 2 passíveis exercitar a rivalidade esportiva sem deixar as palavras. Outros dia, na garagem de um prédio, um Funcionário, dois marinhos cariocas resistiam inocentes como inocentes inocentes de quanto atrevidos. Até que, em coro, saindo de repente com esta resposta:

— Um, dois, três, quatro, cinco, mil, eu quero que o Atlético vá pra fora do Brasil!

Ao que os outros atrevidos, e em se perturbando, cantaram no mesmo tom:

“Atlético é de ouro, América é de prata, colado do Cruzeiro é um pobre tira-lão”

ESTADO DE MINAS — Quarta-feira, 10 de maio de 1978 — 3

Fonte: Acervo da Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

Na esteira do estilo de Nelson Rodrigues, o escritor mineiro se manifestou diversas vezes contra a narrativa hegemônica dos “entendidos”, balaústres do jogo coletivo, “contra os “entendidos”, que se punham em defesa do “coletivismo” no futebol a favor do estilo de jogo eminentemente individualista dos jogadores brasileiros”, como pode ser visto em uma de suas crônicas, do ano de 1966: “No dia em que desaparecerem os “pelés”, os “garrinchas”, as estrelas, enfim, será a morte do futebol brasileiro. E, além disso, no dia em que desaparecerem as dessemelhanças individuais - será a morte do próprio homem.”²⁷

Curioso notar como Drummond, seguindo a tradição de Rodrigues de negar as análises dos “entendidos” do futebol, nos remete a uma característica do início da história das crônicas no Brasil, em que, na década de 1920, “No âmbito do jornalismo, os modernistas encontravam a crônica como mais um meio de combater a tradição de doutores, de acadêmicos e de catedráticos que, com suas expressões rebuscadas, a geração anterior tornara hegemônica.”

É fundamental aqui tratar também das pesquisas sobre futebol. Há estudos que mostram que as produções acadêmicas produzidas no Brasil sobre o tema não são escassas, mas que a divulgação dos trabalhos não estava sendo eficaz tendo em vista a ausência de um intercâmbio das informações produzidas.²⁸ Assim, com a criação de grupos de estudos, revistas especializadas, eventos científicos em que o objeto de estudo é o esporte, foi possível a construção de um campo especializado de estudos no bojo das ciências sociais no Brasil.

No início do século XXI, foram criadas diversas revistas temáticas e grupos de estudos abordando o futebol como principal tema de pesquisa, como é o caso do Grupo de Estudo Sobre Futebol e Torcidas (GEFut), da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, criado em 2006, e que também realiza

²⁷ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O descobrimento do futebol**: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003, p.80.

²⁸ GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, São Paulo: n. 163, p. 293-350, jul./dez. 2010. P.297

levantamentos produções acerca dos esportes²⁹. Os cursos que mais se debruçaram sobre o estudo do futebol foram Educação Física, Ciências Sociais e História.³⁰

Na historiografia, um marco para o campo de estudos do futebol, especificamente pensando a nova história política³¹, mostrou as semelhanças e diferenças entre a abordagem em relação aos esportes nos governos argentino de Perón e na ditadura brasileira, de Getúlio Vargas, no objetivo de descobrir quais os interesses desses governos com os esportes, principalmente o futebol.³² A abordagem de Maurício Costa³³ revela as formas que os Estados tomaram para si a responsabilidade de incentivo ao esporte, fomentando o futebol como um dos elementos para a formação da identidade nacional.

Apontou-se então que

o controle estatal sobre o esporte e sua utilização pelos meios de propaganda política visavam criar um elo de identificação nacional entre o esporte e os governos, ressaltando os novos modelos de nação e cidadãos engendrados pelo varguismo e pelo peronismo. [...] uma relação entre esporte e cultura política nos dois governos [...] comparando manifestações públicas – eventos esportivos, festas, comemorações cívicas –, a produção dos principais órgãos da imprensa esportiva especializada e produções culturais do Estado, envolvendo o esporte e a ideologia oficial dos regimes.³⁴

Mais recentemente, Euclides Couto³⁵ abordou a temática por meio de uma abordagem situada no campo da nova história política. Na obra, o autor apontou os diferentes tratamentos políticos conferidos ao futebol entre as duas ditaduras que

²⁹ GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, São Paulo: n. 163, p. 293-350, jul./dez. 2010. P.307

³⁰ GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, São Paulo: n. 163, p. 293-350, jul./dez. 2010. P.307

³¹ RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. P. 14.

³² COSTA, Maurício Da Silva Drumond. **Nações em jogo: esporte e propaganda política nos governos Vargas (1930-1945) e Perón (1946-1955)**. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007. P.16

³³ COSTA, Maurício Da Silva Drumond. **Nações em jogo: esporte e propaganda política nos governos Vargas (1930-1945) e Perón (1946-1955)**. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007. P.16

³⁴ COSTA, Maurício Da Silva Drumond. **Nações em jogo: esporte e propaganda política nos governos Vargas (1930-1945) e Perón (1946-1955)**. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007. P.14

³⁵ COUTO, Euclides de Freitas. **Da ditadura a ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)**. 1ª edição, Niterói: Editora da UFF, 2014.

governaram o Brasil, primeiro com Getúlio Vargas, em 1930, e depois com os militares, em 1964.

Foi destacada a conturbada relação do futebol brasileiro no último século, seja de apoio aos governantes, sendo usado pelos presidentes para propaganda, ou como espaço de contestação às ditaduras, através de manifestações públicas de jogadores. O autor utilizou documentos de arquivos esportivos, além de revistas e jornais. Foram analisados também discursos de jogadores e políticos contemporâneos à ditadura militar. Outras fontes utilizadas são entrevistas realizadas por ele mesmo com alguns ex-jogadores das épocas estudadas, como por exemplo, o ídolo atleticano José Reinaldo de Lima.

Com a hipótese de que o esporte, principalmente o futebol, teve grande influência e foi muito influenciado pelos governos ditatoriais brasileiros, o pesquisador, por meio de um extenso recorte temporal, analisou de que forma as ditaduras brasileiras utilizaram-se do futebol para benefício, legitimidade e continuidade dos governos, se associando à fama e popularidade que o esporte tinha no país. Além disso, o autor também mostrou em sua obra de que forma o futebol serviu aos opositores, com jogadores e clubes que não aceitavam as censuras e interferências realizadas por estes governos e resistiam dentro e fora de campo.

Sobre a relação entre esporte e política, mais especificamente ditaduras, existem pesquisas sobre as relações do regime ditatorial civil-militar do Brasil e da Argentina com o futebol nos respectivos países, com o recorte temporal das copas de 1970 e 1978, mostrando que futebol e política caminharam lado a lado nesses contextos sul-americanos³⁶. As pesquisas revelam que os ditadores brasileiros se utilizaram da Copa do Mundo de 1970 no México com uma forma de exaltação do nacionalismo, uma vez que o futebol já estava consolidado como o esporte mais conhecido e adorado no país.

As aproximações entre os políticos e os esportistas, com escolhas diretas do Presidente da República ou de pessoas próximas a ele na participação dos atletas na Seleção já eram sabidas na época, com o acercamento da Escola de Educação Física do

³⁶ MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura do Brasil e na Argentina**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014.

Exército nos treinamentos dos jogadores, além do uso dos jogos e da vitória do torneio como propaganda exaltando a própria ditadura.³⁷

Na sede da Copa do Mundo de 1978, a Argentina, não foi diferente. Lá os ditadores conseguiram organizar o maior evento esportivo do mundo em seu próprio país, numa tentativa de legitimar o governo de exceção para as entidades internacionais. Nos dois países os jogadores se relacionaram “diretamente com os líderes do regime”³⁸.

As pesquisas sobre esportes, mais especificamente o futebol, tem utilizado como fonte as crônicas esportivas. Seja como fonte ou como objeto, esse gênero textual ganhou força na academia, e vem sendo analisado por pesquisadores não só das Letras, mas também da História Política.

Apesar da popularização do rádio a partir da década de 1930 e da televisão a partir da década de 1960, o jornal continuou sendo uma importante fonte de informações esportivas. Os cronistas esportivos “em tom de conversa, emitiam suas opiniões pessoais sobre acontecimentos e, talvez sem perceber, iam eternizando certos lances e partidas, como também suas interpretações sobre elas”.³⁹ A interpretação do cronista é tão importante quanto a partida analisada por ele. Nas crônicas o subjetivo pode ter mais destaque do que a parte objetiva.

Os cronistas tinham e ainda têm o desejo de desvendar e “conhecer a realidade nacional que, de certa forma, virara moda e mania entre os intelectuais brasileiros a partir dos anos 30.”⁴⁰ Portanto, seria possível resgatar das crônicas esportivas, em certa medida, o pensamento do período em que o texto foi escrito.

Assim, as crônicas esportivas vêm sendo utilizadas como fonte e objeto de pesquisa desde o final do século XX. Esses textos, em que os autores trabalhavam “no limite entre a literatura e a imprensa, entre a ficção e a realidade, entre a vida esportiva e

³⁷ MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura do Brasil e na Argentina**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014. P. 116-122

³⁸ MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura do Brasil e na Argentina**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014. P. 102

³⁹ ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. “**Com brasileiro não há quem possa!**”: Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p.20

⁴⁰ ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. “**Com brasileiro não há quem possa!**”: Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p.20.

a cultural sem, todavia, procurar sobrepor uma destas dimensões sobre a outra”⁴¹, servem como material de análise de suas respectivas épocas.

Para essa pesquisa foram catalogadas as 183 crônicas diárias, publicadas de segunda à sábado na coluna *Bola na Marca* durante os meses das competições de seleções em 1978 e 1982, e nos meses imediatamente anteriores e posteriores às duas competições. Dessas, 159 foram escritas por Roberto Drummond, em uma média de 22 crônicas por mês. Quando não escrevia, Drummond emprestava o espaço para os colegas Rogério Perez, Plínio Barreto e Daniel Gomes, que se revezaram na ausência do autor.

Os exemplares do *Estado de Minas* se encontram na Hemeroteca Pública de Minas Gerais. Com essas fontes analisadas, foi possível, em primeiro lugar, identificar quais mensagens se relacionavam entre o tema em que o autor estava primeiramente focado, o futebol, e depois, a política.

Importante lembrar que o arquivo público que pode ser acessado para buscar as fontes, ficou fechado por mais de um ano e meio, devido à pandemia de Covid-19. A consulta ao acervo da Hemeroteca Pública de Minas Gerais está novamente suspensa, entre 15 de março de 2022 até 16 de junho do mesmo ano, devido às obras de revitalização do prédio.

A mídia impressa é fundamental para as pesquisas históricas, seja na tentativa de identificar o esporte como parte da identidade brasileira por meio de crônicas esportivas⁴² ou mostrando a interferência de agentes políticos, com tentativas de capitalização com as vitórias da Seleção Brasileira.⁴³

Algumas características formais do jornal são importantes para a análise do impresso como fonte, como por exemplo a própria formatação da página em que as crônicas são publicadas. Além disso, seria interessante também buscar informações

⁴¹ COUTO, André Alexandre Guimarães. **Cronistas esportivos em campo**: letras, imprensa e cultura no Jornal dos Sports (1950-1958). Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2016. p.69.

⁴² COSTA, Felipe R. **Derrotas da Seleção Brasileira**: Futebol e Identidade nas Crônicas de Tostão. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2009. P.11

⁴³ SARTORI, Alex. **A bala, a letra e a bola**: ditadura e futebol nas páginas da revista Veja (1969-1970). Monografia (Graduação em História). Universidade Federal da Fronteira Sul. Santa Catarina, 2016. P.13

sobre os componentes da parte editorial da empresa⁴⁴. Aqui, porém, focaremos nas crônicas como fonte e objeto de análise.

Como já mencionado, buscamos compreender como se reverberou nas páginas esportivas uma opinião política dissonante, uma possível ânsia pela democracia, em contraponto ao autoritarismo vigente. Roberto Drummond seria, assim, um personagem que, por meio das suas crônicas esportivas, desvelava e pautava questões ideológicas que tensionavam a cena política do país.

Assim, a partir do sobrevoo das primeiras referências e fontes apresentadas, é possível perceber a possibilidade de se compreender o futebol como um dos espectros que permeiam e tensionam a vida política das sociedades, principalmente nos regimes autoritários, como foi na ditadura civil-militar brasileira e na Argentina.

Por meio dos periódicos, ainda pouco utilizados como fontes principais de trabalhos da História⁴⁵, justifica-se a pesquisa pela falta de olhar atento ao *Estado de Minas*, principal jornal impresso do estado de Minas Gerais, enquanto pesquisas da História estão mais focadas em trabalhar com jornais de maior circulação nacional, como é o caso da Folha de São Paulo e d'O Globo.

1.2 O Jornal *Estado de Minas* e a ditadura civil-militar brasileira

As representações produzidas pela imprensa no período do regime militar nos ajudam a compreender a trama de interesses e as filiações ideológicas daqueles que comandavam os principais veículos de comunicação do país. Os jornalistas seriam “senhores da memória”⁴⁶ de determinada sociedade, já que fazem recortes da realidade para suas publicações, construindo o presente de maneira seletiva, ao escolher ou não acontecimentos para serem reportados, fato que foi observado no *Estado de Minas*.

Principal jornal mineiro, o *Estado de Minas* foi fundado em março de 1928 por Juscelino Barbosa, Álvaro Mendes Pimentel e Pedro Aleixo - os últimos dois, membros

⁴⁴ CAPELATO, Maria Helena: A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador. In: VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria (Orgs.). **História das Américas**: fontes e abordagens historiográficas. São Paulo: Humanitas, CAPES, 2015.

⁴⁵ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008, p.117.

⁴⁶ BARBOSA, Marialva C. Senhores da Memória. In: **Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo: vol. XVIII, nº2, p. 84 – 101, jul./dez. 1995. P.89

do então Conselho Deliberativo da Capital -, e após um ano com dificuldades financeiras, foi comprado em 1929, por Francisco de Assis Chateaubriand, sócio majoritário do recém-formado Diários Associados, que já possuía em sua formação dois jornais no Rio de Janeiro, um em São Paulo e um em Porto Alegre⁴⁷.

Desde sua fundação com aspirações políticas, o *Estado de Minas* tentou se apresentar como apolítico, “acima de posições partidárias e questões pessoais”⁴⁸, como é visto no primeiro editorial: “[...] o jornal não pode ser partidário, nem mesmo político no sentido usual desta palavra entre nós, pois que política é sinônimo de personalismo, e não de ideias.”⁴⁹. O jornal, criado por políticos, opositores do então prefeito da capital mineira, não conseguiu adotar a independência política propagandeada – que surpresa - em seu primeiro editorial, influenciando eleições mineiras e nacionais nos anos seguintes.

Por meio de “manobras estratégicas feitas de alianças e divórcios, atendendo, em última instância, seus próprios interesses”⁵⁰ o jornal conseguiu se tornar o mais importante veículo de publicidade de Minas Gerais na imprensa escrita, onde a competição não era tão dura. Tendo em seu comando até 1962 Assis Chateaubriand, o *Estado de Minas* se envolveu com política desde o final dos anos de 1920, quando apoiou a candidatura de Getúlio Vargas, ajudando na articulação entre os políticos dos estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Ali, Chateaubriand conseguiu recursos para ampliar seu império de comunicações.⁵¹

Já vemos aqui a inclinação do jornal, por meio de seus representantes, não só para a manifestação e a participação na política institucional, mas realizando acordos que favoreciam a própria instituição, afinal de contas “O jornal é uma empresa, que

⁴⁷ FRANÇA, Vera Veiga. **Jornalismo e vida social**: A história amena de um jornal mineiro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. P. 105.

⁴⁸ FRANÇA, Vera Veiga. **Jornalismo e vida social**: A história amena de um jornal mineiro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. P.109

⁴⁹ Editorial do *Jornal Estado de Minas*, 7 de março de 1928. Apud. FRANÇA, Vera Veiga. **Jornalismo e vida social**: A história amena de um jornal mineiro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p. 109.

⁵⁰ FRANÇA, Vera Veiga. **Jornalismo e vida social**: A história amena de um jornal mineiro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. P.109.

⁵¹ FERREIRA, Marieta de Moraes. Verbete biográfico Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo. Fundação Getúlio Vargas, CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-de-assis-chateaubriand-bandeira-de-melo>>. Acesso em: 11/10/2020

precisa vender o seu produto [...] a um público definido e diferenciado - seus leitores - para obter lucro.”⁵²

O *Estado de Minas* se caracterizou por sua sistemática e ostensiva aliança com a posição política, privilegiando candidatos que tinham o apoio do governo com mais espaços nas páginas, silenciando informações sobre candidatos oposicionistas⁵³. Vemos a importância da imprensa para a influência de discursos e da opinião pública, entendendo que não só o que falado ou relatado importa, mas também os acontecimentos deixados de lado, que nos ajudam a entender a linha política seguida por um editorial jornalístico, ou seja, os silêncios são importantes nas análises de fontes jornalísticas.

Como exemplo desse pacto com o governo, o cargo de assessor de imprensa do governador de Minas Gerais cabia quase sempre a jornalistas do *Estado de Minas*, com pouquíssimas exceções, vistas no governo de Tancredo Neves e de Newton Cardoso.⁵⁴ Também é possível notar como a busca pela acomodação é algo característico da imprensa, e não só especificamente durante a ditadura civil-militar.

A evidente manifestação política do *Estado de Minas* não mudou anos antes do golpe militar. Durante o ano de 1963, no mês de outubro, foi formada a Rede da Democracia, que incluía além dos Diários Associados, outras empresas da área da comunicação, como o grupo Globo e o Jornal do Brasil, estabelecendo “uma poderosa ofensiva de propaganda anticomunista”⁵⁵, associada ao então presidente João Goulart.

Nesse período, o diretor-geral dos Diários Associados, do qual o *Estado de Minas* fazia parte, era João Calmon, então deputado federal pelo estado do Espírito Santo. No Congresso, Calmon se aliou a ala conservadora, promovendo intensa oposição à Goulart, não só nos jornais que controlava, mas também com seus discursos

⁵² BARBOSA, Marialva C. Senhores da Memória. In: **Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo: vol. XVIII, nº2, p. 84 – 101, jul./dez. 1995. P.85

⁵³ FRANÇA, Vera Veiga. **Jornalismo e vida social: A história amena de um jornal mineiro**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. P.109

⁵⁴ FRANÇA, Vera Veiga. **Jornalismo e vida social: A história amena de um jornal mineiro**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. P.110

⁵⁵ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: O anticomunismo no Brasil**. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000. P. 318

inflamados contra o governo e contra os comunistas⁵⁶, confirmando mais uma vez a confluência do *Estado de Minas* para a política institucional, dessa vez não só estadual, mas também nacional.

Com a concretização do golpe em 31 de março de 1964, o *Estado de Minas* trouxe em suas edições dos dias 1º e 2 de abril, notícias comemorando a participação dos militares “ao lado dos mineiros”⁵⁷, mostrando que a força militar de Minas Gerais entrou em ação para “assegurar a legalidade ameaçada do governador Magalhães Pinto”⁵⁸, então governador do estado, que participou ativamente da trama política que culminou no golpe contra o presidente João Goulart.

Na mesma toada, noticiou também que o estado do Paraná teria aderido à “força de defesa da democracia”⁵⁹. Ainda na edição do dia 2 de abril, o editorial justificava a derrubada do Presidente da República, apontando que o

que os mineiros combatem é o comunismo, que se infiltra no organismo nacional através do apoio ostensivo do presidente da República. Tornou-se o governo do Senhor João Goulart incompatível com a formação cívica dos mineiros, desde que passou a estimular o avanço do totalitarismo vermelho.⁶⁰

É importante aqui destacar a real força do Partido Comunista do Brasil, que diferente de outros países como, por exemplo, o Chile, que teve na figura de Salvador Allende um verdadeiro marxista na cadeira da presidência, não conseguia angariar grande número de apoiadores fora das grandes cidades industriais brasileiras, ou seja, o

⁵⁶ SOUZA, Renato João de. **Da Informação à Representação: O Papel do Jornal Escrito Mineiro nos Anos 1963 e 1964.** Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2012. P. 81

⁵⁷ *Jornal Estado de Minas*, 1º de abril de 1964. Apud. AMARAL, Laio; RODRIGUES, Hila. **Jornalismo político e enquadramento:** uma análise da cobertura da ditadura militar pelo jornal Estado de Minas. Intercom, XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Ouro Preto, 2012. P.14

⁵⁸ *Jornal Estado de Minas*, 1º de abril de 1964. Apud. AMARAL, Laio; RODRIGUES, Hila. **Jornalismo político e enquadramento:** uma análise da cobertura da ditadura militar pelo jornal Estado de Minas. Intercom, XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Ouro Preto, 2012. P.14

⁵⁹ *Jornal Estado de Minas*, 02 de abril de 1964. Apud. AMARAL, Laio; RODRIGUES, Hila. **Jornalismo político e enquadramento:** uma análise da cobertura da ditadura militar pelo jornal Estado de Minas. Intercom, XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Ouro Preto, 2012. P.14

⁶⁰ *Jornal Estado de Minas*, 02 de abril de 1964. Apud. AMARAL, Laio; RODRIGUES, Hila. **Jornalismo político e enquadramento:** uma análise da cobertura da ditadura militar pelo jornal Estado de Minas. Intercom, XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Ouro Preto, 2012. P.14

medo dos comunistas sentido pela oposição podia ser real, mas a força dos comunistas dentro do governo não era⁶¹.

Ainda nesse sentido, destaca-se o fundamental papel de parte da imprensa, que atacava diariamente o presidente eleito, contribuindo para a desmoralização de Goulart, associando-o ao comunismo, somando apoio para a causa oposicionista. Ou seja, a máquina de (des)informação de Assis Chateaubriand com João Calmon no comando estava a todo vapor apoiando os militares, não só numa tentativa de apoio político e financeiro, mas pela própria posição de Chateaubriand, que tinha horror aos comunistas.⁶²

Outro exemplo emblemático da atuação do jornal para interesses próprios pode ser visto no ano de 1969. Após o afastamento do segundo ditador do regime, Costa e Silva, por um AVC, a constituição determinava que seu vice assumisse. No caso, o vice-presidente da República era um civil, Pedro Aleixo, um dos criadores e ex-presidente do *Estado de Minas* – mais uma vez mostrando a ligação entre o jornal e a política nacional, mais especificamente com a ditadura. Aleixo foi impedido de tomar posse, assumindo em seu lugar a chamada Junta Provisória, até a eleição, de forma indireta, de Emílio Garrastazu Médici. Nesse acontecimento

O *Estado de Minas* apenas “noticia” o fato, silenciando sobre suas implicações. Em nome dos “interesses dos mineiros”, ele passa a defender os seus interesses, selecionando para publicar apenas os fatos que não colidam com esses interesses.⁶³

Até aqui analisamos em que medida o Jornal *Estado de Minas* se aliou politicamente com os grupos hegemônicos, com aqueles que estavam no governo, quando foi possível tirar proveito do contexto, e com a oposição, inclusive investindo em um golpe de Estado, para acabar com a “erva daninha da infiltração vermelha”⁶⁴, um dos nomes pejorativos dado ao comunismo pelos editores do jornal, que estaria tomando

⁶¹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: O anticomunismo no Brasil.** Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000. P. 339-340

⁶² FERREIRA, Marieta de Moraes. Verbete biográfico Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo. Fundação Getúlio Vargas, CPDOC. Op. Cit.

⁶³ FRANÇA, Vera Veiga. **Jornalismo e vida social: A história amena de um jornal mineiro.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. P.110

⁶⁴ *Jornal Estado de Minas*, 02 de abril de 1964. Apud. AMARAL, Laio; RODRIGUES, Hila. **Jornalismo político e enquadramento: uma análise da cobertura da ditadura militar pelo jornal Estado de Minas.** Intercom, XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Ouro Preto, 2012 P.14

poder no país, fato que nunca esteve perto de acontecer. Veremos agora o caso específico de Roberto Drummond.

A mensagem de Drummond, assim como em outras representações literárias e artísticas durante a ditadura, “estava em partes e não no todo de cada fala [...] Para apreendê-la, era preciso isolar essas partes, penetrar nas entrelinhas e adivinhar intenções”⁶⁵. Para isso, é preciso analisar não apenas as crônicas do autor, mas conhecer sua biografia e especialmente, suas filiações políticas, ideológicas e visões de mundo.

O ideário político-ideológico de Drummond pode ser entendido a partir dos pressupostos analíticos da Nova História Política, os quais evidenciam que:

A esfera do político absorve problemas ou questões que não se colocavam antes e que aliás, em alguns casos, tornam a sair dela [...] se refletirmos, veremos que o político não interessa subjetivamente apenas aos políticos profissionais, nem se reporta objetivamente só a eles. [...] Penso até que um povo se expressa tanto na sua relação com a política quanto na sua literatura [...]”⁶⁶.

Diferente do que pensávamos ao iniciar a pesquisa, Roberto Drummond não se dedica com exaustão ao tema da política institucional em suas crônicas esportivas, já que esse tema é tratado em alguns poucos textos. Porém, isso não significa que o autor não tratava de política, apenas que não abordava, a todo momento, a política institucional. O pano de fundo “político” no qual são arquitetadas as crônicas drummondianas se manifesta em temas como o racismo, popularização do futebol, da liberdade dos atletas. Ou seja, na dimensão política presente nas práticas e representações de sociabilidade do país.

⁶⁵ GASPARI, Elio; HOLLANDA, Heloisa Buarque de; VENTURA, Zuenir. **Cultura em trânsito: da repressão à abertura**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000. P.89

⁶⁶ Por que a História política? Estudos Históricos: CPDOC 20 anos. v. 7 n. 13 (1994): CPDOC 20 anos, p.17 e 18.

1.3 O “elemento comunista”⁶⁷ do *Estado de Minas*

Na capital mineira, com acesso a um repertório cultural mais amplo, tomou conhecimento de Jorge Amado – que tinha sido deputado federal pelo Partido Comunista na década de 40 -, sendo influenciado por esse, se transformando

radicalmente de um garoto conservador do interior de Minas, num radical esquerdista que queria fazer a revolução. [...] A gente queria fazer uma guerrilha em Belo Horizonte, transformar a Serra do Curral em uma Sierra Maestra como Fidel Castro.⁶⁸

Começou a fazer parte de movimentos estudantis, participando de greves de secundaristas. A carreira de Drummond no jornalismo se iniciou justamente neste momento. Na tentativa de noticiar as greves, foi convidado pelo jornalista Felipe Drummond a escrever na extinta Folha de Minas, no início da década de 1950. Lá escrevia a coluna Vida Estudantil. Na juventude realizava também, junto com outros camaradas, comícios-relâmpago contra o governo, nos bondes que iam da rua dos caetés para o Horto, e entrou “a fundo no negócio de jornalismo e de revolução. Tomar o poder como Fidel Castro tomou lá em Cuba e jornalismo.”⁶⁹

Passou a trabalhar no Binômio, que tinha como nome completo Binômio: Sombra e Água Fresca, já mostrando a que vinha, zombando do programa de governo “Binômio: Energia e Transporte”, do então governador do estado de Minas Gerais, Juscelino Kubistchek. Era considerado um dos principais tabloides da imprensa alternativa mineira e brasileira, e contou com outros nomes conhecidos, como Ziraldo e Fernando Gabeira.⁷⁰

Trabalhou também na revista Alterosa, onde convidou para trabalhar um certo Henrique de Souza Filho, a quem apelidou de Henfil. Na década de 1960 foi para o Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro, não se adaptou. Dizia que Belo Horizonte era seu

⁶⁷ Como Roberto Drummond foi chamado na carta endereçada à Alberto de Sales Fonseca Júnior, chefe do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) da Secretaria da Segurança Pública do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 24 de novembro de 1961. Fonte gentilmente cedida pela Historiadora e Pesquisadora Mariana Brescia. Ver mais em: BRESCIA, Mariana. 18 anos sem Roberto Drummond, o “elemento comunista” das crônicas esportivas. Ludopédio, São Paulo, v. 132, n. 73, 2020

⁶⁸ DRUMMOND, Roberto. **Programa Gente**. 1999. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2nKwpWOjcaE&t=1s>>. Acesso em: 15/10/2020.

⁶⁹ DRUMMOND, Roberto. **Programa Gente**. 1999. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2nKwpWOjcaE&t=1s>>. Acesso em: 15/10/2020.

⁷⁰ DRUMMOND, Roberto. **Programa Gente**. 1999. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2nKwpWOjcaE&t=1s>>. Acesso em: 15/10/2020.

mundo, “é como um pé-de-moleque que só a avó da gente faz”⁷¹ era apaixonado pela cidade, voltou.

Eu era, trabalhando no Jornal Do Brasil, um dos cinco maiores salários da imprensa brasileira. Voltei a Belo Horizonte e fiquei 11 meses e 17 dias desempregado. [...] Mesmo desempregado, no entanto, eu me sentia mais feliz em Belo Horizonte do que ganhando uma fortuna no Rio de Janeiro.⁷²

Roberto Drummond, mesmo ligado ao Partido Comunista Brasileiro, segundo o qual a ficha no DOPS dizia “Elemento nocivo, de alta periculosidade, que deseja instaurar no Brasil um regime nos moldes da União Soviética, segundo ordens de Moscou” [...] marcado como subversivo. Tinha gente que me via na rua e pulava para o outro lado, só pra não me cumprimentar”⁷³, foi convidado para escrever, nesse mesmo jornal analisado aqui, conservador, da elite mineira e brasileira, e que deu suporte aos militares no golpe de 1964, que só começou a abrandar sua cobertura em relação aos ditadores e à ditadura no início da década de 1980, “quando já se notavam os sinais da reabertura política iniciada pelo governo Geisel”.⁷⁴

Ele se manteve no *Estado de Minas*, escrevendo suas crônicas durante o período ditatorial brasileiro, desde 1966 até o retorno democrático, passando pela abertura lenta e gradual, que inclui os anos analisados aqui, 1978 e 1982, em que a ditadura já havia aliviado os mecanismos de controle da imprensa.

No conjunto de crônicas cotejadas, é possível perceber que Drummond confere tratamento diferente em relação ao governo daquele já visto aqui nas capas do jornal. Em suas crônicas esportivas, diferente dos colegas, Drummond não abordava apenas as partidas, os lances e os gols, mas buscava conectar o mundo esportivo ao político, não necessariamente institucional, com menções à Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que posteriormente viria a ser a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e outras questões sensíveis da sociedade brasileira no período.

⁷¹ DRUMMOND, Roberto. **Programa Gente**. 1999. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2nKwpWOjcaE&t=1s>>. Acesso em: 15/10/2020.

⁷² DRUMMOND, Roberto. **Programa Gente**. 1999. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2nKwpWOjcaE&t=1s>>. Acesso em: 15/10/2020.

⁷³ DRUMMOND, Roberto. Seleção e Prefácio: Carlos Herculano Lopes. **Coleção melhores crônicas**. São Paulo: Global, 2005. P.188

⁷⁴ AMARAL, Laio; RODRIGUES, Hila. **Jornalismo político e enquadramento: uma análise da cobertura da ditadura militar pelo jornal Estado de Minas**. Intercom, XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Ouro Preto, 2012. P. 9

Em um caso emblemático, a participação de José Reinado de Lima, o craque atleticano, na Copa do Mundo de 1978 na Argentina, Drummond abre mão de todo o lirismo característico de seus textos e ataca abertamente o presidente da CBD, mostrando que já se sabia, na época, da influência política no futebol brasileiro.⁷⁵

Reinaldo, no dia 6 de março de 1978, havia dado uma entrevista ao jornal de oposição *Movimento*, deixando claro seu desgosto pela ditadura, dizendo que “o povo brasileiro está preparado ‘como sempre estava’ para votar”⁷⁶, complementando que

Eles fizeram o povo se afastar da política, mas é claro que o povo tem maturidade para votar. Isso já foi demonstrado diversas vezes no passado e não é possível que quem já votou uma vez vá ficar imaturo depois de velho. Está na hora de aproximar todo mundo das decisões políticas. O povo tem sua opinião e essa opinião deve ser respeitada⁷⁷

O atacante seria substituído por Roberto Dinamite para o último jogo da fase de grupos da competição mundial em junho de 1978, contra a Áustria, de acordo com o técnico por não estar jogando bem. Mas Drummond aponta que o pensamento do atacante contra a ditadura foi forte argumento para a troca, somado ao seu gesto clássico de punho cerrado feito no primeiro jogo da competição, contra a Suécia. Segundo o cronista

o clima da Seleção Brasileira é massacrante para certos jogadores, porque é um clima de medo, de ameaças, de jogadores sendo vigiados, censurados, etc. Alguns jogadores estão proibidos de fazer referência à situação argentina (o que a maioria dos jogadores de seleções que já se classificaram tem feito) e sabem que sempre há alguém espiando para ver o que falam.⁷⁸

Completando ainda que se Dinamite fizesse os gols que Reinaldo não vinha fazendo, o então presidente da CBD, Almirante Heleno Nunes

terá resolvido dois problemas que doem nos homens que controlam o futebol brasileiro: terá matado a fome de gols, que salvarão a seleção canarinho do Brasil, e terá afastado do comando do ataque uma estrela inconveniente para os senhores da CBD, como é Reinaldo.⁷⁹

⁷⁵ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 11 de junho de 1978

⁷⁶ Movimento, 6 de março de 1978. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/interior/2019/03/31/noticia_interior,575691/historicas-entrevistas-de-reinaldo-e-tostao-que-desafiaram-a-ditadura.shtml. Acesso em: 10/10/2020.

⁷⁷ Movimento, 6 de março de 1978. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/interior/2019/03/31/noticia_interior,575691/historicas-entrevistas-de-reinaldo-e-tostao-que-desafiaram-a-ditadura.shtml. Acesso em: 10/10/2020.

⁷⁸ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 11 de junho de 1978.

⁷⁹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 11 de junho de 1978.

Drummond apontava também que “para os que têm o mesmo pensamento do Almirante Heleno Nunes”⁸⁰, se referindo aí aos próprios ditadores e seus apoiadores, o “jeito de ser de Reinaldo é um grande pecado”⁸¹, que teria defeitos “certamente muito mais danosos do que escorregar no gramado de Mar del Plata: é que Reinaldo pensa e, além de pensar, tem a ousadia de dizer o que pensa”⁸², fazendo então com que os controladores do futebol brasileiro se assustem. Porém, depois que Dinamite é colocado como titular, Drummond o elogia, como será visto mais à frente.

Em seguida, o autor se voltou contra seus colegas cronistas esportivos, dizendo que esses também se assustam pelas falas e gestos do jogador, ficando com medo do espantinho⁸³ Reinaldo. Isso pode ser confirmado em um texto vizinho ao seu, do mesmo 11 de junho de 1978. Hélio Fraga, colunista esportivo do *Estado de Minas*, se absteve da discussão política por trás da substituição, escrevendo que “Não adianta, aqui, hoje, discutir porque Roberto está entrando, e porque Reinaldo saiu”⁸⁴, fazendo uma rápida avaliação do mediano desempenho do atacante dentro de campo.

Em outra crônica sobre o assunto, pouco tempo depois da entrevista de Reinaldo ao jornal Movimento, Drummond⁸⁵ usou da repetição e da subjetividade para tentar convencer o leitor. Trazendo para debate a entrevista do jogador, o autor apontou que não é mais possível para o Almirante já citado aqui, nem para a comissão técnica, nem mesmo para aqueles que a pressionam, tirar o atacante da seleção, que de fato foi à Copa do Mundo, porque estariam “criando um mártir e entregando a esse mártir uma bandeira de imenso poder”⁸⁶ colocando também que foi exatamente a entrevista ao meio de oposição “defendendo a anistia, eleições diretas, etc., que salvou a cabeça de Reinaldo”.⁸⁷

Revelando mais uma vez sua incursão aos meandros da política institucional, Drummond, por meio de mais uma pergunta, indaga o leitor, “E se eu disser a vocês que os líderes do partido do Almirante Heleno Nunes chegaram à conclusão de que, se

⁸⁰ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 11 de junho de 1978.

⁸¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 11 de junho de 1978.

⁸² DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 11 de junho de 1978.

⁸³ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 11 de junho de 1978.

⁸⁴ FRAGA, Hélio. *Estado de Minas*, 11 de junho de 1978.

⁸⁵ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*. 9 de março de 1978.

⁸⁶ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*. 9 de março de 1978.

⁸⁷ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*. 9 de março de 1978.

Reinaldo for dispensado, a esta altura, se transformará na grande bandeira do partido da oposição em todo Brasil?”.⁸⁸

Nesse ponto vemos a característica que talvez mais distinga a ditadura brasileira das restantes do Cone Sul, a preocupação com eleições legislativas (as eleições para senadores e prefeitos – menos das capitais – foram restabelecidas em 1972). Diferentemente de países como o Chile, Argentina ou Uruguai, o Congresso Nacional permaneceu funcionando – com apenas dois partidos e uma oposição consentida – durante a ditadura, sendo fechado em três momentos, em outubro de 1966, em dezembro de 1968 e em abril de 1977, para aprovação do chamado Pacote de Abril, para encerrar as chances de maioria da oposição no senado nacional, como ocorreu em 1974. Evidentemente, com as limitações impostas pela legislação do regime, o funcionamento do congresso foi regido por regras que tornavam a oposição inofensiva. Além disso, o período foi marcado por medidas arbitrárias que restringiam o poder de decisão dos congressistas, como o caso do pacote citado.⁸⁹

Mesmo assim, o partido dos ditadores brasileiros precisava ganhar as eleições, preocupação que não existia em outros países. Portanto, políticos da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), apesar de sustentados pelo autoritarismo, tinham de voltar suas atenções para conquistar o voto popular, o que obrigava maior negociação.

Essa contradição na política brasileira, exemplificada com uma ditadura com eleições - para cargos do legislativo -, pode indicar a força da “característica central da cultura brasileira”⁹⁰, a conciliação/acomodação. Nesse sentido, o processo de conciliação/acomodação pode acontecer juntamente com o uso da violência, como no período em que a escravidão esteve vigente no Brasil, durante a independência, e outros momentos em que os chamados setores populares se revoltaram, tendo o Estado agindo com força e brutalidade para manutenção do *status quo*. Na ditadura vemos também o uso da violência, para conter as oposições que não se manifestavam somente via MDB, de forma não institucional.

⁸⁸ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*. 9 de março de 1978.

⁸⁹ Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/143270-anos-60-e-70-ditadura-e-bipartidarismo/>. Acesso em: 15/10/2020

⁹⁰ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Cultura política e ditadura: um debate teórico e historiográfico. **Tempo e Argumento**, Florianópolis: v.10, n.23, p.109-137, jan./mar. 2018, p.116.

Essas foram as poucas crônicas em que Drummond aborda a política institucional com mais profundidade e de forma explícita. Porém, o atacante Reinaldo continua sendo um dos tópicos mais comentados pelo autor. Roberto Drummond reclamou muito, como veremos, das estratégias do treinador da seleção, Cláudio Coutinho.

Para o autor, Reinaldo era o principal afetado pelo “esquema Coutinho”, a camisa de forças, que estaria impedindo o gênio dos jogadores de apresentar seu melhor desempenho. O atacante atleticano, inclusive, foi alvo de uma campanha de Drummond para sua convocação, nos meses que precederam o torneio mundial. No dia 19 de maio de 1978, uma sexta-feira, em uma crônica-diálogo com o jornalista Rogério Perez, Drummond escreveu que

Onde cabe a bola e o sonho, passa Reinaldo. Eu ia escrever sobre Reinaldo, porque eu vinha em campanha a favor de Reinaldo, vocês sabem, e, agora, que a camisa canarinha do Brasil de nº 9 é dele, eu queria dizer que valeu a pena. Mas acho que eu estava mais preparado para a luta do que para a festa. Então, agora, não sei escrever sobre a festa.⁹¹

O craque atleticano foi um dos temas preferidos do escritor, sendo o assunto principal⁹² de 23 das 159 crônicas escritas por Drummond e que serviram de corpus para essa pesquisa. Em grande parte dos textos, o assunto Reinaldo vinha à tona para ter a titularidade defendida na Copa de 1978, como em 3 de maio de 1978, quando com sua poética característica, Drummond escreveu que o camisa 9 seria a estrela a iluminar novamente os caminhos da seleção

Houve uma hora, vocês sabem, em que tudo estava escuro. Então, os que vacilam aos primeiros sinais de escuridão, disseram que Reinaldo não tinha espírito de seleção. Disseram que Reinaldo era bom só no Atlético. Disseram que Reinaldo se perdia na seleção como Dirceu Lopes se perdeu. Disseram que Reinaldo tinha perdido a camisa canarinha do Brasil. Disseram tudo isso, e muito mais, saibam [...] Mas existem os que não têm medo da escuridão e continuam a enxergar na escuridão e a ver uma estrela na escuridão mais escura.⁹³

A partir da leitura das crônicas, é possível perceber a clara admiração do autor pelo atacante atleticano. Admiração essa que não vinha apenas das qualidades do camisa 9 dentro de campo, com suas diversas lesões e “muitas cicatrizes”⁹⁴.

⁹¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 19 de maio de 1978.

⁹² Ou ao menos dividindo a titularidade

⁹³ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 3 de maio de 1978.

⁹⁴ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 3 de maio de 1978.

Defendendo-o mais uma vez, Drummond apontou que é contra aqueles que “pensam que um cronista, em vez de ser um porta-voz das madrugadas, deve ser um mero repetidor do que se pretende como sendo a opinião da torcida”.⁹⁵, mostrando mais uma vez como Drummond se diferenciava dos colegas da imprensa “dura”.

Segundo o autor, esses que o criticavam por ser “um pobre disco estragado, que ninguém mais escutava, porque só ficava falando em Reinaldo, só falando em Reinaldo, só falando em Reinaldo”,⁹⁶ agora o telefonam para pedir que não fale mais nisso, nas críticas, porque ele ficaria parecendo um cronista do interior. Drummond retruca dizendo que é “de uma província chamada mundo e aprendi a ser a favor do amanhã das coisas, contra o antontem futebol clube, que quis barrar Reinaldo.”⁹⁷

A admiração de Drummond por Reinaldo foi além dos lances do atacante dentro das quatro linhas. O autor era identificado com os setores progressistas desde sua juventude. Em 1962⁹⁸, filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro. Assim, podemos conjecturar que sua admiração pelo jogador se devia também ao fato de Reinaldo ser um defensor da democracia e de outras pautas progressistas, que figurariam em suas crônicas. Em uma delas, alguns meses antes da Copa de 1978, o autor perguntou aos leitores, em tom de afirmação

E se eu disser a vocês que foi exatamente a entrevista ao jornal “Movimento”, defendendo a anistia, eleições diretas, etc., que salvou a cabeça de Reinaldo? E se eu disser a vocês que os líderes do partido do almirante Heleno Nunes chegaram à conclusão de que, se Reinaldo for dispensado, a esta altura, se transformará na grande bandeira do partido da oposição em todo o Brasil?⁹⁹

Como vemos, a campanha de Drummond pela convocação de Reinaldo não começa no mês anterior à Copa, vem de antes. Já em maio, a mesma entrevista do jogador é citada pelo cronista, apontando que muitos gostariam que Reinaldo retirasse o que disse em entrevistas recentes¹⁰⁰, porque esses “acham que jogador de futebol é como bola e uma bola não pensa”¹⁰¹.

⁹⁵ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 20 de maio de 1978.

⁹⁶ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 20 de maio de 1978.

⁹⁷ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 20 de maio de 1978.

⁹⁸ Ficha de filiação do Partido Comunista Brasileiro, 24 de fevereiro de 1962

⁹⁹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 9 de março de 1978.

¹⁰⁰ Se dirigindo à entrevista ao jornal *Movimento*, de 9 de março de 1978

¹⁰¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 20 de maio de 1978.

Drummond não estava sozinho na campanha para ter Reinaldo com a camisa canarina na Argentina em 1978. Houve também manifestações populares a favor da liberdade de expressão do atleticano e a favor de sua convocação,

como aconteceu durante a última semana em Belo Horizonte, onde estudantes da Universidade Católica chegaram a fazer murais mostrando reportagens e notícias sobre o caso. Alguns universitários chegaram também a escrever nos muros da escola frases como ‘abaixo a repressão, Reinaldo na seleção’, ou ‘por que Reinaldo não pode ter opinião política?’¹⁰²

Após a repercussão da entrevista citada pelo cronista, dirigentes atleticanos viajaram para o Rio de Janeiro a fim de entender as reações do presidente da CBD e a provável não convocação do atacante¹⁰³, no que foram desmentidos pelo próprio Heleno Nunes, que “ao contrário do que havia declarado dias antes, falou ao presidente que não existia nada sobre o possível corte de Reinaldo, disse que ele é um gênio e que é imprescindível à seleção.”¹⁰⁴ A repercussão do caso, como também apontou Drummond, parece ter sido um fator decisivo para a mudança de opinião dos dirigentes da Confederação e para a convocação do atleta.

Outro tema recorrente nos textos de Drummond que se alinha à agenda progressista é a questão racial. O autor, analisando um caso de racismo acontecido no Clube Tietê, em São Paulo, em que “quatro meninos negros do infantil do vôlei foram proibidos de continuar jogando, por ordem do presidente do clube”¹⁰⁵, parece se desgarrar das análises esportivas feitas até então sobre a participação de atletas negros, independente do esporte. A antiga ideia, baseada na democracia racial, de que “Assim como a nação, o futebol brasileiro foi pensado como resultante de mistura e de encontro pacífico de raças”¹⁰⁶ foi descartada por Drummond.

Nessa crônica, além de pautar o racismo na esfera esportiva, o autor, em tom de denúncia, tece sua argumentação demonstrando que o racismo era uma das questões nacionais que ainda não havia sido devidamente enfrentada.

¹⁰² Jornal Movimento, 10 de abril de 1978.

¹⁰³ Jornal Movimento, 10 de abril de 1978.

¹⁰⁴ Jornal Movimento, 10 de abril de 1978.

¹⁰⁵ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 18 de maio de 1978.

¹⁰⁶ ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. O elogio ao negro no espaço do futebol: entre a integração pós-escravidão e a manutenção das hierarquias sociais. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. **Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: Interações**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, p.83

Na verdade, como mostram os acontecimentos no Tietê, o racismo existe no Brasil. Não, não é um racismo mostrando sua fúria, através de uma Klu Klux Klan, como nos Estados Unidos, não, não é um racismo que situa os negros em guetos, como na África do Sul ou na Rodésia, não. Mas é um racismo, num país em que o negro só pode se afirmar no futebol e na música¹⁰⁷

O cronista se referiu aqui a um tipo de racismo específico do Brasil, que enxergaria nos negros qualidades, ou “estereótipos positivos”¹⁰⁸, apenas àqueles referentes a atividades “em que a emoção sobrepujasse a razão”.¹⁰⁹ O racismo à brasileira, que evidentemente está presente no futebol, transporta esses estereótipos para dentro do campo, em que os jogadores, assim como os demais negros brasileiros, teriam “o balanço, a ginga e a alegria”¹¹⁰ como pontos positivos, com características como inteligência e criatividade nunca associadas a esses sujeitos.

Há racismo contra Pelé? Oh, não: Pelé é um orgulho nacional, Pelé é a demonstração, (falsa, mas que consola), de que não somos racistas, Pelé não incomoda a ninguém, e, para muitos, Pelé é um negro de alma branca. Mas há racismo contra outros jogadores. Se os jogadores negros querem se afirmar, vestir-se fora do comum, ter opiniões existenciais, ai deles: pisarão a grama que o diabo plantou, como acontece, por exemplo, a Paulo Cesar, cuja antipatia que ele ganhou tem muita coisa a ver com o fato de, bem ou mal, Paulo Cesar ter assumido a sua negritude.¹¹¹

É importante ver como é dada relevância pelo autor a esportes não tão comuns no país, mesmo semanas antes da competição de seleções mais importantes do planeta, mais uma vez se diferenciando de outros cronistas. Como afirma o próprio Roberto Drummond “Eu sei: vocês estão com o coração na Seleção Brasileira. Mas eu, hoje, queria pegar o coração de vocês e levar até ao clube Tietê, em São Paulo, porque o coração de vocês precisa estar lá”.¹¹²

¹⁰⁷ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 18 de maio de 1978.

¹⁰⁸ ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. O elogio ao negro no espaço do futebol: entre a integração pós-escravidão e a manutenção das hierarquias sociais. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. **Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: Interações**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, P.79

¹⁰⁹ ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. O elogio ao negro no espaço do futebol: entre a integração pós-escravidão e a manutenção das hierarquias sociais. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. **Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: Interações**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, P.80

¹¹⁰ ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. O elogio ao negro no espaço do futebol: entre a integração pós-escravidão e a manutenção das hierarquias sociais. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. **Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: Interações**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, P.82

¹¹¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 18 de maio de 1978.

¹¹² DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 18 de maio de 1978.

2. Capítulo 2

2.1 O contexto das ditaduras brasileira e argentina

“Alguns jogadores brasileiros estão proibidos de fazer referência à situação argentina [...] e sabem que sempre há alguém espionando para ver o que falam”¹.

Assim escreveu Roberto Drummond antes da partida entre Brasil e Áustria pela Copa do Mundo de 1978. A situação Argentina, citada pelo autor, é referente ao último governo ditatorial do país, que ocorreu entre 1976 e 1983. No início deste capítulo foi feito um resumo sobre a situação Argentina durante a competição citada.

A ditadura civil-militar argentina, autodenominada Processo de Reorganización Nacional (PRN), liderada por uma junta militar que teve como primeiro presidente o general Jorge Rafael Videla, tomou para si a missão de acelerar obras e conseguir realizar o décimo primeiro mundial de futebol. A continuidade da sede, ratificada pelo governo do presidente Juan Domingo Perón, em 1974, mostra a complexidade dos processos históricos, visto que o torneio “que ajudou aos militares a renovar o apoio da sociedade ao governo representava a memória peronista que os mesmos procuravam extinguir”², inclusive com símbolos associados ao ex-presidente.³

A ideia dos ditadores era poder se associar à imagem positiva do evento⁴, não só com a possibilidade de vitória da seleção argentina, que aconteceu, mas com a própria organização do torneio, a partir das reformas e obras estruturais do país, principalmente em relação à melhoria urbana⁵, como é comum em sedes de torneios esportivos em nível mundial.

No cenário internacional, um evento bem-sucedido poderia influenciar outros Estados e organismos internacionais, diminuindo a pressão de organizações internacionais que denunciavam violações dos direitos humanos no país, como o

¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 11 de junho de 1978.

² MAGALHAES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos**: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina. 1ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014. P.58

³ MAGALHAES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos**: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina. 1ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014. P.58

⁴ BREITKREITZ, Luciano Anderson. A ditadura e o futebol na América do Sul: A construção de um imaginário coletivo através das copas do mundo de 1970 e 1978. *Revista Semina*, V11 n°01-2012, P.7

⁵ MAGALHAES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos**: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina. 1ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014. P.59

Comité d'Organization pour le Boycotte a la Coupe du Monde en Argentine, o COBA⁶. Internamente, a proposta foi unificar o país, com propagandas contra ataques “antiargentinos”, apontando que não só onze jogadores estariam em campo nas partidas, mas todos os 25 milhões de argentinos⁷, reforçando o discurso nacionalista já exacerbado durante as grandes competições esportivas.⁸

No ano de 1978 as ditaduras brasileira e argentina tinham poucas semelhanças. A primeira estava se encaminhando para o final, com os últimos meses do “General da abertura”. Ernesto Geisel já havia desenhado e colocado em prática, em conjunto com seu homem forte, Golbery de Couto e Silva, o processo de abertura lenta, gradual e segura, conseguindo eleger seu sucessor, o recém General Figueiredo, e tendo a ARENA, partido dos militares, conquistado maioria das cadeiras na câmara federal e no senado, ganhando “controle da velocidade das futuras mudanças”⁹ políticas.

A censura prévia da imprensa, baseada “em uma legalidade ambígua, marcada por práticas institucionais não oficializadas e sigilosas e por uma ausência de formalização expressa dos órgãos competentes para sua implementação”¹⁰, colocada em prática por meio do Ato Institucional número 5, extremamente relevante para as pesquisas sobre a imprensa, viria a cair no ano de 1975, com 3 periódicos censurados até 1978¹¹.

O mecanismo da censura no Brasil tinha alguns entraves, como a própria quantidade de livros lançados por ano. “Só em 1971 foram lançados no Brasil 9.950 títulos novos, que exigiram um número incalculável de censores de alta qualificação

⁶ MAGALHAES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014. P.59

⁷ DO CABO, Álvaro Vicente G. Truppel P. do **Imagens nacionais: Representações do campeonato mundial de 1978 em veículos da imprensa do Brasil e Argentina**. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-graduação em História Comparada, 2016, P.15

⁸ DO CABO, Álvaro Vicente G. Truppel P. do **Imagens nacionais: Representações do campeonato mundial de 1978 em veículos da imprensa do Brasil e Argentina**. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-graduação em História Comparada, 2016. P.5

⁹ GASPARI, Elio. **A ditadura acabada**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016, P.123

¹⁰CARVALHO, Lucas Borges. A CENSURA POLÍTICA À IMPRENSA NA DITADURA MILITAR: FUNDAMENTOS E CONTROVÉRSIAS. **Revista da Faculdade de Direito – UFPR**, Curitiba, vol. 59, n. 1, p. 79-100, 2014, p.79

¹¹ DO CABO, Álvaro Vicente G. Truppel P. do **Imagens nacionais: Representações do campeonato mundial de 1978 em veículos da imprensa do Brasil e Argentina**. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-graduação em História Comparada, 2016. P.17

intelectual”¹². Mas isso não fazia com que essa forma de controle da oposição e da própria imagem da ditadura ocorresse de forma desorganizada, na verdade “a censura política à imprensa obedecia a ordens centralizadas, proferidas por um núcleo institucional devidamente estabelecido. Nada havia de aleatório nas proibições efetuadas por meio dos telefonemas ou bilhetinhos encaminhados às redações.”¹³

Até mesmo um manual com “objetivos da censura” foi produzido e entregue para jornais cariocas e paulistas, com o objetivo de informar aos jornalistas quais temas não poderiam ser tratados a partir de então, em 1968, ano da implementação do AI-5, que vigorou até dezembro de 1978.¹⁴

Importante salientar que estamos tratando aqui da censura política. Durante a ditadura civil-militar, existiram dois tipos de censura no país, a política e a censura de diversões públicas, criada nos anos 1940¹⁵ e que se estendeu após o fim da ditadura civil-militar, na redemocratização, tratando de assuntos morais. A primeira se diferenciou até mesmo pela forma como foi introduzida, sendo considerada ilegal pela própria legislação criada pelos militares, “e a sua existência sequer era admitida, publicamente, pelos poderes constituídos, tanto que ela própria – a censura à imprensa – constituía um dos temas mais censurados pelo aparelho repressivo da ditadura militar.”

16

As pesquisas sobre censura política à imprensa durante a ditadura civil-militar estão focadas, em sua grande maioria, em impressos dos dois maiores centros urbanos brasileiros, Rio de Janeiro e São Paulo. Poucos são os autores e textos que abordaram essa prática em outras regiões, como é o caso de Minas Gerais e o Jornal *Estado de Minas*.

¹² GASPARI, Elio; HOLLANDA, Heloisa Buarque de; VENTURA, Zuenir. **Cultura em trânsito: da repressão à abertura**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2020, p.102

¹³ CARVALHO, Lucas Borges. A CENSURA POLÍTICA À IMPRENSA NA DITADURA MILITAR: FUNDAMENTOS E CONTROVÉRSIAS. **Revista da Faculdade de Direito – UFPR**, Curitiba, vol. 59, n. 1, p. 79-100, 2014, P.86

¹⁴ KUSHNIR, Beatriz. **Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988**. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2001, p.118

¹⁵ FICO, Carlos. “Prezada censura”: cartas ao regime militar. *Topoi*, Rio de Janeiro, dezembro de 2002, pp. 251-286 p. 253

¹⁶ CARVALHO, Lucas Borges. A CENSURA POLÍTICA À IMPRENSA NA DITADURA MILITAR: FUNDAMENTOS E CONTROVÉRSIAS. **Revista da Faculdade de Direito – UFPR**, Curitiba, vol. 59, n. 1, p. 79-100, 2014, p.84

Já a ditadura civil-militar argentina estava passando por momentos diferentes. Em primeiro lugar é importante salientar que, apesar de algumas semelhanças, os períodos ditatoriais da segunda metade do século XX de países do cone sul têm suas características únicas e específicas, que os diferenciam entre si.

O golpe de Estado na Argentina teve como justificativa "restabelecer a ordem e assegurar o monopólio estatal da força"¹⁷ frente ao "caos econômico de 1975, a crise de autoridade as lutas de facções, a morte presente cotidianamente, a ação espetacular de organizações guerrilheiras [...]"¹⁸. A repressão colocada em prática no país pode ser descrita como "uma ação sistemática realizada pelo Estado". [...] Se tratou de uma ação terrorista clandestina".¹⁹ E "apesar de a Junta Militar ter estabelecido a pena de morte, todas as execuções foram clandestinas".²⁰

O ano de 1978 fez parte do que foi chamado de "triênio sombrio", que se iniciou em 1976, no qual foi produzido o maior número de desaparecimentos, palavra usada para definir grande parte dos assassinatos colocados em prática pelo Estado. Mesmo após o fim das ameaças reais das organizações de esquerda, a repressão se manteve firme.²¹

Na ditadura argentina também houve censura. Na verdade "foi instalada uma ferrenha censura de imprensa"²². Inclusive durante o mundial de 1978 as críticas à seleção e a seu treinador foram proibidas²³, por meio de interventores em veículos da imprensa. Assim como no Brasil, lá a censura foi usada como um mecanismo de suporte da ditadura e desestabilização da oposição. Também como no Brasil, uma legislação

¹⁷ ROMERO, Luis Alberto. **Breve historia contemporánea de la argentina**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2012, p.295 (Tradução nossa)

¹⁸ ROMERO, Luis Alberto. **Breve historia contemporánea de la argentina**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2012, P.294 (Tradução nossa)

¹⁹ ROMERO, Luis Alberto. **Breve historia contemporánea de la argentina**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2012, P. 296 (Tradução nossa)

²⁰ ROMERO, Luis Alberto. **Breve historia contemporánea de la argentina**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2012, P.297 (Tradução nossa)

²¹ ROMERO, Luis Alberto. **Breve historia contemporánea de la argentina**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2012. P.298 (Tradução nossa)

²² ALABARCES, Pablo. **Fútbol y patria: El fútbol y las narrativas de la nación em la Argentina**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007, p.112 (Tradução nossa)

²³ DO CABO, Álvaro Vicente G. Truppel P. do **Imagens nacionais: Representações do campeonato mundial de 1978 em veículos da imprensa do Brasil e Argentina**. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-graduação em História Comparada, 2016. P.16

especial foi criada para sustentar mecanismos como a censura, que “impedia qualquer menção ao terrorismo estatal e suas vítimas [...]”.²⁴

2.2 A Copa do Mundo de 1978 nas crônicas de Roberto Drummond

A Copa do Mundo de 1978 foi realizada na Argentina entre os dias primeiro e vinte e cinco de julho de 1978. Com o golpe de 1976, houve também alteração no órgão responsável pela organização do evento, que passou do Consejo Nacional del Desporte (CND) criado ainda no governo de Perón em 1974, para o Ente Autárquico Mundial 1978 (EAM), criado pelo governo militar em 2 de julho de 1976.²⁵

Essa foi a última Copa do Mundo com apenas 16 seleções. As participantes estavam divididas em quatro grupos, e os jogos foram realizados em seis estádios diferentes, dois em Buenos Aires, o Monumental de Nuñez e o José Amalfitani, que já existiam no país e foram reformados; um em Córdoba, o Estádio Olímpico de Córdoba, construído para a competição; Mar de Plata, com o Estádio Mundialista que também foi construído para o evento, assim como em Mendoza, com a construção do Estádio Ciudad de Mendoza.²⁶

As crônicas de Roberto Drummond durante esse período tiveram como foco a análise dos jogos, com aproximações a situações corriqueiras da vida social de então, que podem ser analisadas sob a luz das abordagens preconizadas pela Nova História Política. As análises das partidas muitas vezes deram lugar a um diálogo com os jogadores ou com os próprios leitores, por meio de pedidos ou de rezas, ou textos em forma de carta, recurso utilizado para se aproximar de quem lê o texto²⁷. O diálogo com o leitor é uma das características mais presentes nas crônicas, esportivas ou não:

Mais do que uma ficção em si, sem conexão com a realidade a ser apresentada, a crônica procurava estabelecer uma relação de diálogo intersubjetivo e sentimental com os seus interlocutores e, para tanto, as

²⁴ ROMERO, Luis Alberto. **Breve historia contemporánea de la argentina**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2012, P.299 (Tradução nossa)

²⁵ MAGALHAES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014. P.73-74

²⁶ MAGALHAES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014. P.73-74

²⁷ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego**. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003. p.98

histórias eram criadas para ser tornarem cada vez mais humanas e próximas dos leitores.²⁸

Os personagens reais mais comentados por Drummond foram sua “bandeira”²⁹ Reinaldo, e o técnico brasileiro Cláudio Coutinho, que emprestou seu nome ao “esquema camisa de forças”, muitas vezes citado pelo autor. A “prisão” dos jogadores pode ser uma forma de entender que o cronista preferia a habilidade individual dos jogadores frente a qualquer esquema tático.

A primeira partida da Seleção Brasileira na competição foi contra a seleção da Suécia, no dia 3 de julho, em Mar del Plata. No dia anterior, Drummond escreveu que começou a acreditar mais na seleção, após assistir à partida de abertura da Copa entre Alemanha Oriental e Polônia. Segundo o autor, “A seleção alemã sentia saudades de suas antigas estrelas”³⁰, e “sem Beckenbauer, sem Breitner, e sem Gerd Muller, ainda que tenha outros bravos, como o goleiro Sepp Maier, a seleção alemã é um lençol branco apenas: não é uma assombração.”³¹

A Seleção Brasileira se diferenciaria “porque ela, sim, tem as estrelas capazes de clarear qualquer escuridão.”³² Vemos que apesar das críticas feitas até então ao treinador brasileiro, a confiança do autor não está em esquemas táticos ou na estratégia, mas nos próprios jogadores, em suas potencialidades e, especialmente, na tradição do “futebol arte” que havia encantado o mundo oito anos atrás na Copa do México.

Ao tratar o futebol não apenas como esporte, mas “principalmente, um espetáculo, um entretenimento, algo que é para ser visto (ou ouvido), e não (só) para ser praticado.”³³, em uma tradição que pode ter seu início nas crônicas esportivas associada à Nelson Rodrigues, Drummond privilegia o lado espetáculo do esporte, analisando o próprio lado objetivo de forma subjetiva. “Como o sacerdote para o ritual, o cronista de futebol é, para o jogo-espetáculo, o intérprete privilegiado, iniciado em seus segredos,

²⁸ COUTO, André Alexandre Guimarães. **Cronistas esportivos em campo**: letras, imprensa e cultura no Jornal dos Sports (1950-1958). Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2016. p.69

²⁹ Os motivos de Drummond ter chamado Reinaldo de “bandeira” são a campanha feita nos meses anteriores para a convocação e titularidade do atacante, e a sinergia de opiniões entre os dois amigos, que faziam parte do campo político progressista.

³⁰ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 2 de junho de 1978.

³¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 2 de junho de 1978.

³² DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 2 de junho de 1978.

³³ SILVA, Marcelino Rodrigues da. **O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1997. p.7

capaz de compreender o seu lado "misterioso" e "patético" e de desvendar os seus sentidos.”³⁴

No dia da partida de estreia da seleção canarinha, Roberto Drummond continuava com sua análise, trazendo marcas do lirismo ao se referir ao selecionado nacional. Drummond personificava em suas crônicas a mentalidade do torcedor brasileiro, na qual a objetividade e a subjetividade, regadas de passionalidade, se misturavam no entendimento dos fatos, como pode ser visto na crônica de 28 de maio de 1978, em que ele afirmou que “Uma seleção é um sonho coletivo [...] É preciso que Zico mude o vento com um chute [...] Uma seleção é talento. Uma seleção é vivencia. Uma seleção é malícia. Uma seleção é a alma molhada de suor.”³⁵

Aliado a isso, há também no texto do dia 3 de julho críticas ao treinador brasileiro e à confiança nos jogadores. “[...] eu temo que a Seleção Brasileira, com a presença de tantos jogadores geniais, capazes de ganhar a Copa do Mundo, possa ser sacrificada por alguns enganos do técnico Cláudio Coutinho [...] Vamos esperar: com fé, muita fé na seleção canarinha do Brasil, que não há de ser uma fé inútil”.³⁶

Aqui, é possível aproximar Drummond de outro grande cronista brasileiro, José Lins do Rego. Um pouco diferente do autor paraibano, que teria uma “fidelidade quase religiosa”³⁷ em relação ao Flamengo, Drummond exerce sua religiosidade tratando a Seleção Brasileira como uma figura em que é possível ter fé, rezar para, aproximando a crença religiosa à crença futebolística.

A fé de Drummond e de seus leitores não ajudou muito, e o Brasil tropeçou. 1 a 1 contra a Suécia, com o gol brasileiro anotado por Reinaldo, o atacante que, para Drummond, estava

sitiado entre os zagueiros suecos, só e amarrado lá na frente, como que para demonstrar aos incrédulos do mundo que a solidão existe, sim, e costuma

³⁴ SILVA, Marcelino Rodrigues da. **O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1997. p.39

³⁵ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 28 de maio de 1978.

³⁶ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 3 de junho de 1978.

³⁷HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego**. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003. p.104

aparecer vestida com a camisa canarinha do Brasil. [...] Vi Reinaldo [...] usando a camisa de força imposta pelo esquema Coutinho.³⁸

Drummond, que viu “uma seleção canarinha do Brasil que é a sua pior adversária, porque não é uma seleção boa taticamente, não é uma seleção boa estrategicamente, e, além de tudo, não é uma seleção completa, não é inteira, como toda seleção que apareceu jogando até agora na Copa do Mundo é.”³⁹, comentou sobre algumas atuações específicas, de Reinaldo, Zico e outros, culpando o nervosismo peculiar da partida de estreia de Copa do Mundo, mas culpando principalmente o esquema de Coutinho, “já que só o nervosismo não pode desmontar uma seleção, não”.⁴⁰

Por fim, Drummond apelou novamente às características individuais dos jogadores, afirmando que “Ainda é possível e não é um sonho acreditar que é possível, pois temos um coração e um talento que podem nos salvar.”⁴¹ O coração e o talento se apresentam aqui frente à frieza e a estratégia, características que estariam associadas ao esquema de Coutinho para o autor.

A defesa das características individuais dos jogadores, feita por Drummond, poderia estar relacionada ao estilo chamado futebol-arte, que, para o cronista, teria sido abandonado pelo treinador brasileiro da Copa de 1978. Essa forma de jogar futebol, associada às equipes e à Seleção Brasileira, está relacionada ao “mito da brasilidade”, que passa da análise da sociedade para a forma de jogo do selecionado nacional dentro de campo.

Influenciados por Gilberto Freyre, autores recentes continuam a alimentar a tradição do “freyrismo popular”⁴², na qual o sucesso do futebol brasileiro estaria conectado às “ideias/qualidades de manhã, malícia, malandragem, capoeira, ginga,

³⁸ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 4 de junho de 1978.

³⁹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 4 de junho de 1978.

⁴⁰ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 4 de junho de 1978.

⁴¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 4 de junho de 1978.

⁴² SOARES, Antônio Jorge. **Futebol brasileiro e sociedade**: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. In: ALABARCES, Pablo (Org). *Futbologías: Fútbol, identidade y violência en América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2013.

samba, improviso, arte, etc.”⁴³, qualidades essas atribuídas não só aos jogadores, mas aos brasileiros de maneira geral, na “virada cultural arquitetada por Freyre”⁴⁴.

A ideia de brasilidade ainda é representada pela “ginga e a capacidade de improvisação”,⁴⁵ não dos jogadores em si, mas dos jogadores enquanto representantes da população, esportistas que, por serem brasileiros, teriam a capacidade de improvisar, a malícia do povo do país. O futebol é entendido pelo autor também como uma metáfora da sociedade.⁴⁶

Em algumas crônicas de Drummond, é possível perceber a defesa do futebol-arte, a partir da valorização de aspectos como a imaginação e criatividade, frente à suposta camisa de força imposta aos craques brasileiros. Nas análises ainda encontramos vestígios dessa interpretação, mesmo com as mudanças realizadas no futebol brasileiro para a Copa do mundo de 1970, em que “impunha-se a transformação completa do jogador em atleta de futebol.

Para assumir essa nova função, já não bastavam a habilidade, a técnica, a ginga e a malandragem”⁴⁷. No entanto, ao recorrer ao mito da brasilidade, em algumas crônicas, é possível perceber que Drummond estaria disposto a renunciar à “obediência, da disciplina e do espírito coletivo”⁴⁸, frente à liberdade para os jogadores.

Voltando à Copa do Mundo, de fato a seleção não jogou bem contra a Suécia. Ou pelo menos não jogou o esperado, não atingiu as expectativas dos brasileiros e da crônica esportiva. Drummond fez suas críticas que, há pelo menos um mês, reforçavam o entendimento de que o esquema tático de Coutinho prejudicava os jogadores, minando

⁴³ SOARES, Antônio Jorge. **Futebol brasileiro e sociedade**: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. In: ALABARCES, Pablo (Org). *Futbologías: Fútbol, identidade y violência en América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2013.

⁴⁴ COUTO, Euclides de Freitas; VALENTE, Alan Castellano. Do viralatismo à crítica engajada: a ambivalência nas crônicas de Juca Kfourí em tempos de megaeventos esportivos. *Aletria*, Belo Horizonte, v.26, n.3, p. 141-156, 2016.

⁴⁵ PASCHOALINO, Christiane Bara. A construção e (des)construção da Identidade da Seleção Brasileira. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, CE – 3 a 7/9/2012, P.3

⁴⁶ SOARES, Antônio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. **Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais**: Interações. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, p.41

⁴⁷ COUTO, Euclides de Freitas. **Da ditadura a ditadura**: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978). 1ª edição, Niterói: Editora da UFF, 2014, p. 182.

⁴⁸ COUTO, Euclides de Freitas. **Da ditadura a ditadura**: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978). 1ª edição, Niterói: Editora da UFF, 2014, p. 182.

as qualidades individuais de cada um e os condicionando a atuar em um modelo tático conservador e ineficiente.

Na crônica seguinte, com um pouco mais de tempo para analisar a partida, Roberto Drummond fez uma análise mais sóbria. O nervosismo deu lugar à humanidade dos jogadores como um dos culpados pela má partida. “Chame-se que nome chamar, ainda que fosse Pelé ainda que fosse Tostão, um jogador da Seleção Brasileira é de carne, osso, tem uma cabeça, um coração, e se deixa governar pelas pernas, pelas vivências e emoções, como qualquer mortal.”⁴⁹

Drummond escreveu que nós, apaixonados pelo futebol, “temos o mau costume de vestir nossos jogadores de poderes mágicos que os aproximam, não de figuras reais (sujeitos aos pecados e fraquezas e às virtudes e bravuras da condição humana) mas dos personagens mágicos [...]”⁵⁰. Era preciso, segundo o cronista, “colocarmos a seleção no plano do real, em que ela deve viver”⁵¹. Mais uma vez criticando o “esquema-Cláudio Coutinho”, o autor continuava a acreditar no sucesso da seleção, que, segundo ele, poderia sair vitoriosa dos confrontos se superasse o nervosismo da estreia.

No dia da partida contra a Espanha, a segunda da Seleção Brasileira na competição, Drummond escreveu “Eu hoje grito ao mundo: grito desde a palma do meu pé à última raiz do meu cabelo, que eu creio na seleção canarinha do Brasil”⁵². Em uma “crônica-sermão de fé [...] crônica comício de fé”⁵³, ele “grita” aos leitores que crê na seleção, crê em Reinaldo, Cerezo, Zico, Rivelino, Leão e em Nelinho.

Há um porém. O autor não confia no que ele chama de “nosso pior adversário”⁵⁴, que a esse ponto imagino que já saibam quem é. Drummond não crê em Claudio Coutinho e no esquema tático da seleção, que nesse momento da competição já leva o nome do treinador. Ele continuava defendendo a liberdade e a criatividade dos esportistas frente ao modelo tático escolhido pelo treinador.

Não, não creio no técnico Cláudio Coutinho, não. Mas creio na seleção canarinha contra a Espanha porque sei que o talento e a criatividade de nossos jogadores se levantarão contra a camisa-de-força do esquema Cláudio

⁴⁹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 6 de junho de 1978.

⁵⁰ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 6 de junho de 1978.

⁵¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 6 de junho de 1978.

⁵² DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 7 de junho de 1978.

⁵³ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 7 de junho de 1978.

⁵⁴ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 7 de junho de 1978.

Coutinho, que aprisionou (junto da tensão nervosa) cada um dos nossos craques. [...] Não creio, é verdade, numa seleção canarinha do Brasil amarrada pelos fios invisíveis da prisão decretada pelo esquema Coutinho. Creio, sim, numa seleção canarinha do Brasil livre, como livre ela foi em 58, em 62 e em 70, quando a criatividade e o gênio dos jogadores eram livres para ousar.⁵⁵

Ao enfatizar aspectos como a tradição da escola brasileira, ou seja, o “futebol arte” e os atributos individuais dos jogadores, o cronista menospreza o papel do trabalho do treinador, atribuindo a ele um papel de segunda ordem no escopo da equipe, “Quando valorizamos as capacidades individuais, formar uma equipe significa apenas escolher os melhores e deixá-los jogar: os melhores conheceriam a melhor solução.”⁵⁶ É quase como se a Seleção Brasileira fosse algo separado do esquema de Coutinho.

Após mais um empate, dessa vez sem gols, Drummond não analisa a partida em sua crônica publicada no dia seguinte. Apenas apela para a religiosidade e pede ao novo “santo brasileiro”, o zagueiro Amaral, que salvara uma bola em cima da linha em um lance quase inacreditável, para que ele “olhe por nós”,⁵⁷ mais uma vez aproximando a religiosidade ao futebol.

Santo Amaral que nos salvou da catástrofe frente a Espanha e, assim, manteve acesa a vacilante chama da esperança, olhe por nós! [...] Não deixe, Santo Amaral, milagroso zagueiro, que a tentação de perder continue a amarrar as pernas e os corações de nossos jogadores [...] Acenda a fé na seleção canarinha do Brasil, Santo Amaral! É só uma questão de desencabular, St.º Amaral, é só um gol contra a Áustria, para que tudo venha a ser como está escrito que será.⁵⁸

Relevante notar como a conquista da Copa do Mundo pelo Brasil é dada como certa pelo cronista. Após o primeiro título em 1958, a Seleção Brasileira não passou mais de um ciclo de 4 anos sem levantar a taça, com vitórias em 1962 e a conquista definitiva da Jules Rimet em 1970. Até 1979, apenas em 1966 e 1974 o Brasil perdeu as competições, por isso a confiança do cronista e dos torcedores estava muito alta para a competição na Argentina.

Nem mesmo o lirismo fez o autor esquecer ou deixar de lado as críticas ao esquema do Brasil. Sem esquecer de Cláudio Coutinho, Drummond lembrou dos fios

⁵⁵ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 7 de junho de 1978.

⁵⁶ SOARES, Antônio Jorge. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. In: ALABARCES, Pablo (Org). **Futbologías: Fútbol, identidade y violência en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2013. P.35

⁵⁷ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 8 de junho de 1978.

⁵⁸ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 8 de junho de 1978.

que prendiam os jogadores, metáfora para o esquema tático do treinador, e escrevendo que os sentimentos da seleção são os mesmos sentimentos da população, pergunta ao Santo zagueiro como será possível

[...] soltar, como um rio Amazonas desaguando nas praças e almas, como poderemos soltar tanta vontade de amar, de sair pulando e dançando pelas ruas, se a seleção canarinha do Brasil está encolhida, está conformada, está deixando que fios invisíveis, mas frágeis como os fios de aranhas, tecam a morte da sua felicidade, que é a nossa felicidade, Santo Amaral?⁵⁹

A crônica do dia seguinte foi um desabafo. Drummond escreveu tudo o que, até então, estava atrapalhando o time, por meio da anáfora.

Sim, o gramado de Mar del Plata é horrível [...] Sim, a camisa está pesando em nossos jogadores [...] Sim, nossos jogadores estão muito tensos [...] Sim, os nossos jogadores estão sem autoconfiança [...] Sim, não temos um líder dentro de campo, como havia em toda Seleção Brasileira, como havia em 58, em 62 e em 70 [...] Sim, como técnico, Cláudio Coutinho dá pena [...] Sim, a nossa seleção é uma triste seleção [...] Sim, a seleção canarinha do Brasil vem sendo uma das piores da Copa [...] Sim, estamos discutindo coisas que não era para estar discutindo [...] Sim, a seleção canarinha do Brasil dá pena [...] Sim, tudo isso é verdade e Coutinho é o grande culpado, não é o único, mas é grande culpado [...] Sim, concordo com tudo isso, mas continuo a ter uma fé cega e supersticiosa fé, esta é que é verdade.⁶⁰

Alguns pontos merecem atenção aqui. Em primeiro lugar, a manutenção das críticas ao treinador e ao modelo tático. Mesmo com diversos “outros culpados” citados, como o próprio gramado e o nervosismo peculiar à maior parte dos jogadores, debutantes em Copas do Mundo, o peso dos erros de Coutinho, com seu esquema “camisa de forças”, ainda se mantém.

Outro ponto curioso da retórica drummondiana é a necessidade de se encontrar líderes para a seleção. Um mês antes do início da competição, analisando as necessidades do time brasileiro, Drummond escreveu claramente que a seleção não precisava de líderes. Perguntando ao leitor se “Ainda falta um líder, dentro de campo, à Seleção Brasileira?”⁶¹, o cronista argumentou que essa seria uma desculpa para “desviar a discussão”⁶² para o que realmente o selecionado precisaria. O autor apontou inclusive que “Não, Pelé não era o líder, Gerson não era, Tostão não era e nem o capitão Carlos

⁵⁹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 8 de junho de 1978.

⁶⁰ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 9 de junho de 1978.

⁶¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 2 de maio de 1978.

⁶² DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 2 de maio de 1978.

Alberto, o grande lateral direito, era um líder, pois não teria condições de liderar tantos gênios.”⁶³

O que se percebe aqui e em alguns outros momentos da competição, é que o autor regulava o discurso a partir das necessidades, como o fato da necessidade de liderança no selecionado, que passou a ser importante após jogos ruins com uma tática que não o agradava. Além disso, como veremos mais à frente, a própria comparação dos jogadores escolhidos para a Copa do Mundo de 1978 com atletas de outros anos já havia sido condenada pelo autor.

É possível que Drummond não se lembrasse do teor dos seus próprios discursos. Como ressaltamos, as crônicas não eram escritas para durar, e o autor poderia não se lembrar, assim como seus leitores, de que havia defendido a não necessidade de um líder dentro de campo. Outro ponto é que, além de cronista, Roberto Drummond era, declaradamente, um torcedor, apaixonado pela Seleção Brasileira. No espaço dialógico criado pela crônica, gênero textual que confere liberdade ao autor, não raramente, a racionalidade analítica convive em harmonia com a passionalidade.

No dia anterior à primeira partida decisiva, contra a Áustria, em que somente a vitória serviria para a classificação, Drummond utilizou mais uma vez a anáfora, mas agora para criticar o treinador de forma indireta e irônica. O autor escreveu todo o texto como se fosse Coutinho, para dizer da polêmica que tomava protagonismo nas discussões de futebol, a substituição ou não de Reinaldo por Roberto Dinamite

Se eu me chamasse Cláudio Coutinho. Se, no fundo de mim mesmo, eu tivesse a incômoda certeza que fui escolhido técnico da seleção canarinha do Brasil em prejuízo de técnicos mais capazes do que eu. Se eu soubesse que tenho uma pequena experiência de técnico e mais nada. Se eu tivesse mil dúvidas e só uma rara certeza. Se eu tivesse medo. [...] Se eu estivesse me sentindo muito só e abandonado. Se eu tivesse vontade de chorar escondido. [...] Se eu dependesse do almirante Heleno Nunes, presidente da CBD, para continuar técnico. Se eu tivesse medo da crônica esportiva, principalmente de rádio. [...] Se eu morresse de medo das críticas. Se eu fosse um homem acostumado a obedecer. [...] Se eu fosse um pobre, vacilante, temeroso e abandonado técnico. Se eu fosse um técnico que está de passagem pelo futebol, querendo me afirmar, nada mais. [...] Se eu fosse mesmo fraco até onde um homem pode ser, não tenham dúvidas, se eu fosse tudo isso eu barraria Reinaldo, barraria Cerezo, barraria Zico e depois ia festejar, com muita alegria, a minha contribuição ao futebol.⁶⁴

⁶³ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 2 de maio de 1978.

⁶⁴ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 10 de junho de 1978.

Para além do tom de refinada ironia e das críticas a si mesmo para atingir o treinador brasileiro, essa crônica revela os problemas vislumbrados por Drummond no técnico Cláudio Coutinho, que até o momento não haviam sido mencionados. O autor qualifica o treinador como alguém inexperiente, como, de fato, era.

Coutinho possuía um currículo modesto, ilustrado apenas por passagens em três clubes cariocas (Vasco, Botafogo e Flamengo) antes de assumir o comando da seleção nacional, além de participar como preparador físico e outros cargos em comissões técnicas anteriores da Seleção Brasileira. Roberto Drummond cita também a suposta relação de dependência do técnico ao presidente da CBD, o interventor Almirante Heleno Nunes. Curioso notar que apesar de todas as insinuações, Drummond não cita a carreira militar de Coutinho, que fora também capitão do exército brasileiro.

Chegara o dia da partida decisiva, e “o medo venceu”⁶⁵. Dinamite seria o substituto de Reinaldo contra a Áustria, resolvendo assim “dois problemas que doem nos homens que controlam o futebol brasileiro [...] a fome de gols”⁶⁶ e o afastamento do atacante que é “inconveniente para os senhores da CBD, como é Reinaldo”⁶⁷. Essa é a crônica em que Drummond mais aproximou a política institucional de suas análises futebolísticas. Mesmo afirmando que

Não, não estou dizendo que o almirante Heleno Nunes obrigou Cláudio Coutinho a tirar Reinaldo (e também Zico, outro que, por coincidência pensa como parecido com Reinaldo) por razões exclusivamente extraesportivas. Não: Reinaldo não estava jogando bem. Zico não estava jogando bem.⁶⁸

Drummond acreditava que o clima “massacrante” na seleção, de censura aos jogadores em relação à situação argentina afetava mais àqueles que entendiam do contexto, como Reinaldo, frente àqueles que não se importavam com a situação política, àqueles que “não dão opinião nem sobre a maçã ou a pera da Argentina”⁶⁹. Reforçando as críticas ao treinador, Drummond escreveu que o clima de proibições chegou também dentro de campo, com o esquema tático que forçava jogadores como Reinaldo a atuar fora de suas posições características.⁷⁰ Mesmo com todas as graves discordâncias com o treinador, o cronista exteriorizava seu desejo: “eu espero que ela vença e se classifique: apesar de

⁶⁵ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 11 de junho de 1978.

⁶⁶ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 11 de junho de 1978.

⁶⁷ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 11 de junho de 1978.

⁶⁸ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 11 de junho de 1978.

⁶⁹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 11 de junho de 1978.

⁷⁰ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 11 de junho de 1978.

tudo é o que eu quero e espero”⁷¹. Seria uma ironia do destino, ainda mais para Roberto Drummond, se seu xará, Roberto Dinamite, marcasse o gol da classificação do Brasil para a próxima fase.

Assim aconteceu e o Brasil desencabulou. A seleção venceu a Áustria por 1 a 0 e “A esperança ressurgiu dos mortos e a seleção canarina do Brasil pode, enfim, fazer uma coisa que parecia proibida: sonhar com a felicidade na Argentina”⁷². Para Drummond, a seleção venceu seu pior inimigo⁷³, o medo de ganhar, e se classificou para a próxima fase da competição.

O salvador do dia foi Roberto Dinamite, e surpreendentemente, mesmo após toda a campanha para a convocação e titularidade de Reinaldo, Drummond admite que “Tirar Roberto, agora, seria cruel”⁷⁴, escrevendo inclusive um P.S na crônica, para aqueles que “como eu, preferem Reinaldo, e seguem preferindo, como eu sigo, uma sugestão: não vamos esquecer que Roberto é um irmão de sonho de todos nós.”⁷⁵

Nesse texto, Drummond se dedica mais a comemorar a vitória do que a tecer uma análise tática sobre a partida. Também é curioso notar que o autor não menciona o treinador brasileiro após a vitória, nem para elogiar, nem para criticá-lo. O traço que marcava as crônicas após a primeira vitória nacional na competição era a crença na possibilidade de crescimento e na conquista de “grandes coisas”⁷⁶.

Ainda melhor do que a ausência das críticas depois da primeira vitória era o que viria a ser escrito sobre Coutinho pelo cronista após a segunda vitória da seleção. Classificado para a segunda fase da competição, o Brasil venceu a seleção peruana por 3 a 0, fato que rendeu elogios até ao criticado treinador, no dia seguinte. Parece que o próprio Drummond desencabulou após o triunfo.

Alma: nota 10. Estratégia: duas vezes 10. Tática: nota 10. Coração: três vezes 10. Fé e vontade: cem vezes 10. [...] No Brasil e nos países que amam o futebol, só não é passional a bola, que não tem coração, e pode se manter fria e equidistante. Nos envoltimentos da paixão, somos levados a atitudes naturais, mas não podemos negar, agora, ao técnico Cláudio Coutinho, a sua

⁷¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 11 de junho de 1978.

⁷² DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 13 de junho de 1978.

⁷³ Em diversas crônicas, Drummond apresenta um novo e suposto “pior inimigo”.

⁷⁴ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 13 de junho de 1978.

⁷⁵ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 13 de junho de 1978.

⁷⁶ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 13 de junho de 1978.

nota 10 como participante da epopeia dos 3 a 0: isso ninguém pode negar a Coutinho, nem eu mesmo, nem você pode.⁷⁷

A passionalidade, como o próprio autor escreveu, seria algo natural “nos países que amam o futebol”, como é o Brasil. Por meio dessa crônica, é possível perceber que Roberto Drummond, em sua vida e em seus textos, se deixava contagiar pelo subjetivismo, pelo sentimentalismo, deixando de lado a rigidez das críticas negativas, que até aqui se colocavam sobre o treinador Cláudio Coutinho.

Assim, mesmo aqui, nessa pesquisa com moldes cartesianos, não podemos esquecer que o autor é um ser humano como qualquer outro, apaixonado pelo futebol, e que deixava de lado, em certos momentos, a “racionalidade” exigida pelo jornalismo para se mostrar como um torcedor brasileiro.

O próximo confronto foi contra os anfitriões. Nos três dias que separaram os jogos contra o Peru e a partida contra a Argentina, Drummond avaliou as qualidades dos adversários e escreveu o que queria ver no selecionado brasileiro. A Argentina, para o autor, era a melhor seleção até então na Copa, porque reunia “todas a qualidades do futebol sul-americano, conjugadas com as virtudes tidas como europeias, com o preparo físico e a velocidade.”⁷⁸ Para ele não havia favoritos, e poderíamos vencer mesmo estando “na toca da onça”⁷⁹.

Drummond aproveitou também o intervalo entre as partidas para defender sua “bandeira”⁸⁰. Reinaldo, que seria muito mais inteligente do que outros jogadores e alguns analistas da imprensa, “[...] o ponta de lança do Atlético está na frente, não só do comum dos jogadores brasileiros, mas, mesmo, de análises do futebol [...]”⁸¹. O autor, assim como Reinaldo, defendia que a seleção, contra a Argentina, deveria usar a inteligência e a paciência, para não ser envolvida no jogo veloz da seleção anfitriã.

A peleja contra a Argentina seria de “vida ou morte”. Não só para a própria Seleção Brasileira, que ficaria dependendo do resultado do jogo entre Peru e Argentina, mas também para Reinaldo.

⁷⁷ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 15 de junho de 1978.

⁷⁸ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 16 de junho de 1978.

⁷⁹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 16 de junho de 1978.

⁸⁰ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 17 de junho de 1978.

⁸¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 17 de junho de 1978.

Não a morte física, mas uma outra, que dói mais: a morte dentro do coração brasileiro. [...] porque hoje, no jogo contra a Argentina, Reinaldo vive a sua opção: ou ele deixa seu nome tatuado no coração dos brasileiros ou passa em brancas nuvens pelo coração dos brasileiros [...] hoje, só uma pessoa pode ajudar Reinaldo: ele mesmo, Reinaldo. Mais que tudo, hoje, em Rosário, Reinaldo vai tentar vencer um fantasma, de carne e osso, que aparece para ele desde que começou no ‘dente-de-leite’ do Atlético: é o fantasma do jogador estilo tanque [...] e hoje, em Rosário, a questão se põe de novo, numa interrogação que anda pelos corações: Reinaldo pode tanto quanto Roberto Dinamite?⁸²

Contundido desde a partida contra o Peru, Roberto Dinamite fora substituído por Reinaldo para a segunda grande decisão do Brasil na competição, e Drummond continuava a acreditar que o atacante atleticano poderia destruir todos os fantasmas que o assustavam e assustavam também a Seleção Brasileira.

Porém, o que aconteceu foi mais um empate sem gols, e mais uma vez a utilização da anáfora.

Pior não é estar quase tudo perdido, não. Pior não é tentarem transformar um jogador tão pobre de qualidades, como Roberto Dinamite, num deus de barro. [...] Pior não é terem transformado a seleção canarinha do Brasil num combinado Rio-São Paulo (com reforço gaúcho como antigamente). Pior não é saber que essa seleção, que jogou contra a Argentina, não representa o verdadeiro futebol brasileiro, não. Pior não é travestirem o técnico Cláudio Coutinho de estrategista, de mestre das táticas, não. [...] Pior não é a triste figura do Almirante Heleno Nunes, não. Pior não é terem condenado Reinaldo ao inferno porque perdeu gols num campo escorregadio, em que mal dava para ficar de pé, não. [...] Pior é que ainda vamos acender as velas da nossa fé e ficar esperando quarta-feira: com o coração na mão (batendo na garganta) esperando que algum milagre salve a seleção canarinha do Brasil.⁸³

A Seleção Brasileira foi eliminada da competição na segunda fase, após vitória de 3x0 sobre a equipe peruana, empate de 0x0 contra os donos da casa, e mais uma vitória de 3x1 contra os poloneses. Já desqualificada do torneio na partida final do grupo B contra a Argentina, a seleção do Peru sofreu uma contestada goleada de 6x0, que fez avançar à final os anfitriões.

Esse jogo, o qual os argentinos já sabiam o resultado necessário para a classificação, ficou marcado por um possível suborno, arquitetado pelos generais da Junta de Buenos Aires em conjunto com os militares de Lima⁸⁴. Assim, “a repercussão

⁸² DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 18 de junho de 1978.

⁸³ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 20 de junho de 1978.

⁸⁴ MAGALHAES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos**: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina. 1ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014. P.116

no Brasil, principal afetado, foi imediata, e a delegação voltou ao país declarando-se ‘campeã moral’ do torneio”⁸⁵

Drummond, que após o empate contra a Argentina já escrevera que apenas um milagre classificaria o Brasil para a final, criticando a estratégia de Cláudio Coutinho, a não titularidade de Reinaldo, “a triste figura do Almirante Heleno Nunes, presidente da CBD”⁸⁶, a transformação da seleção canarinha em um “combinado Rio-São Paulo”, pede que

[...] não me venham falar em campeão moral da Copa do Mundo. Não me venham falar na invencibilidade da seleção. Oh, não falem mais nada disso, porque essas pobres alegrias ficariam muito bem para o futebol do México ou da Tunísia, não para nós, que fomos campeões do mundo.⁸⁷

O autor recusou o “título” de campeão moral supostamente conquistado pela seleção, ideia debatida pela imprensa da época, e recusa também as desculpas de Coutinho sobre a derrota. Se dirigindo diretamente ao leitor, Drummond mais uma vez se utiliza da figura de linguagem da anáfora⁸⁸ para revelar os verdadeiros culpados pela derrota, quais sejam, o treinador e as estratégias escolhidas, o almirante Heleno Nunes e “alguns donos do futebol brasileiro”.

Estão furando os seus olhos, com o punhal da paixão, e você não vê. Estão jogando areia nos seus olhos, também em nome da paixão, e você não sente. Querem você cego. Querem você tumultuado. E, mais do que isso, querem você alucinado, tão alucinado a um ponto que você perderá toda a capacidade de raciocínio e análise, e jogando toda a culpa no Peru, você sairá às ruas do Brasil para festejar a triste e pobre seleção de Cláudio Coutinho, que não honra a glória da seleção canarinha do Brasil. [...] Você não pode ser cúmplice das injustiças e discriminações do técnico Cláudio Coutinho, que deixou de convocar jogadores que tinham que estar entre os 22, como Marinho e como Joaozinho, como Ziza e como Palhinha. Você não pode ser cúmplice das vacilações do técnico Cláudio Coutinho que, até hoje, não definiu ainda a Seleção Brasileira. Você não pode ser cúmplice do técnico Cláudio Coutinho, que, abrindo mão do que parecia ser uma convicção, escalou uma seleção sem imaginação e sem criatividade, ao gosto do almirante Heleno Nunes e de alguns donos do futebol brasileiro.⁸⁹

O cronista, que criticava Coutinho desde antes da Copa do Mundo de 1978⁹⁰, parecia confirmar as hipóteses de que o treinador estaria vestindo “uma camisa de

⁸⁵ MAGALHAES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos**: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina. 1ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014. P.116

⁸⁶ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 20 de junho de 1978.

⁸⁷ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 28 de junho de 1978.

⁸⁸ Repetição de palavra no início de cada frase ou verso.

⁸⁹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 24 de junho de 1978.

⁹⁰ Pelo menos desde 6 de maio de 1978, critica mais antiga a Coutinho nas crônicas selecionadas para esse trabalho.

forças na seleção”⁹¹, alterando características dos jogadores para enquadrá-los no esquema tático, estrangulando o potencial da equipe. Não era possível, segundo o autor, imputar a culpa nos peruanos e no regulamento da competição, e teríamos que “sacudir o futebol brasileiro tendo como ponto de referência a nossa própria glória: nada temos que imitar, temos é que nos reencontrar.”⁹². Nesta crônica, vemos novamente a variação entre o Drummond apaixonado e o Drummond racional, passando do apego ao sentimentalismo após a vitória contra o Peru para a crítica a esse mesmo sentimentalismo após a eliminação.

Apesar de já ter recusado a comparação da seleção de 1978 com outras do passado, principalmente com a de 1970⁹³, é exatamente isso que Drummond faz. Ele buscou encontrar nos jogadores e modelos táticos do passado, respostas para os problemas atuais do selecionado nacional, baseadas principalmente no talento individual.

Ao esboçar a análise de que o modelo tático escolhido não daria conta de levar o time à final do campeonato, o autor recorre às habilidades individuais dos jogadores, nos fazendo remeter ao tipo ideal do futebol-arte. É possível entender também o texto de Drummond como “reclamações sobre as ‘perdas’ do estilo nacional”⁹⁴, que “interpretam o presente como declínio em contraposição ao valor do passado, puro e positivo, provocando um sentimento de ‘saudades’”.⁹⁵

Ainda que aspectos como a ginga, a improvisação e a astúcia fizessem parte do imaginário coletivo da época, o jogador brasileiro, no fim da década de 1970, passava por uma transformação na qual ele se converteria no “atleta de futebol”. Mesmo com as atitudes boêmias e destemperadas sendo recusadas, o mito da brasilidade ainda estava presente. O individualismo, se aliado à técnica e aos dribles, é incentivado. A disciplina

⁹¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 24 de junho de 1978.

⁹² DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 24 de junho de 1978.

⁹³ “E, assim, vai: então, não adianta comparar a seleção de 78, com as de 58, de 62 e de 70, que foram campeãs do mundo. Não adianta comparar, nem adianta querer usar as mesmas soluções, pois fatalmente não darão certo. [...] A evolução da seleção de 78 acontece na medida em que a seleção, e o técnico Coutinho, se libertam de outras seleções”. DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 6 de maio de 1978.

⁹⁴ SOARES, Antônio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. **Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: Interações**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011. P.34

⁹⁵ SOARES, Antônio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. **Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: Interações**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011. P.34

não é, necessariamente, um aspecto a ser cobrado aos jogadores considerados acima da média, como o caso de vários dos convocados para o mundial na Argentina.

Ainda em sua retórica de defesa da liberdade dos atletas, a próprio Drummond chegou a admitir que

O que está havendo agora é que, como em todas as outras profissões, desaparece um sentido boêmio ou lírico que havia no passado. O jogador de futebol, em outros tempos, não se cuidava fisicamente: era um boêmio, não só um boêmio de ficar em bar, boate ou o que for, não. É que ele não estava preparado para aceitar certos rigores indispensáveis. O futebol brasileiro se tornou tricampeão do mundo, não só pelo gênio de jogadores como Garrincha, Pelé e Tostão, não, também pela evolução física dos jogadores, pela conscientização que os levou a se prepararem.⁹⁶

Os textos das décadas de 1930 a 1960 e a “A ideia difundida pelos cronistas de que o brasileiro incorporava em seu estilo de jogar os traços essenciais da cultura, como a improvisação, a ginga e a malícia”⁹⁷ continua presente nas crônicas de Drummond do final da década de 1970 e início de 1980.

Vemos também que a crítica ao “esquema Coutinho” e a preferência pelo talento individual não se apresentaram somente de forma objetiva. Três dias antes da competição na Argentina, Drummond, de forma lírica, descreveu como deveria ser uma seleção.

Uma seleção é um sonho coletivo. Mas uma seleção mantém as individualidades. Sim, porque uma seleção, para ser verdadeira, não pode ter nenhum tipo de prisão. Então, é preciso que um Nelinho desequilibre com um chute. É preciso que um Zico mude o vento com um drible. É urgente que um Reinaldo transforme tudo com um lençol. [...] Uma seleção é talento. Uma seleção é vivência. Uma seleção é malícia. Uma seleção é a alma molhada de suor. Uma seleção é o coração. E, acima de tudo, reunindo essas qualidades todas, como eu creio que a seleção dirigida por Cláudio Coutinho reúne, uma seleção é uma exaltação da liberdade de jogar.⁹⁸

Ao lembrar a Seleção Brasileira de 1974, Drummond descreveu que “Ah, eu já vi, sim, uma seleção prisioneira: era a Seleção Brasileira treinada por Zagallo, em 1974, uma triste seleção, proibida de criar, proibida de inventar, proibida de ousar, proibida de ser ela mesma. Era uma seleção tecida com os fios do medo”⁹⁹. Transitando entre as

⁹⁶ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 13 de maio de 1978.

⁹⁷ COUTO, Euclides de Freitas. **Da ditadura a ditadura**: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978). 1ª edição, Niterói: Editora da UFF, 2014. p. 56.

⁹⁸ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 28 de maio de 1978.

⁹⁹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 28 de maio de 1978.

críticas ao “esquema Coutinho” e os elogios às possíveis mudanças adotadas pelo treinador, Drummond apontou que

Cláudio Coutinho tentou, como Zagallo, enfiar uma camisa de força na seleção canarinha do Brasil: não conseguiu, e não conseguiu porque o talento e a personalidade do jogador brasileiro de 78 reagem às prisões de esquemas, e essa reação fez vir abaixo a prisão que a que o modelo Coutinho condenava nossos jogadores.¹⁰⁰

Ao postular que os leitores poderiam ter esperanças na Copa da Argentina, Drummond apontava que poderiam ter também uma alegria: “ao contrário da seleção de 74, que era uma prisioneira, a seleção canarinha do Brasil de 78 é livre para criar – é livre para alegrar a cada um de nós com seu futebol que canta”¹⁰¹.

Mesmo admitindo que o treinador concedeu mais liberdade tática aos jogadores ao se aproximar a data de estreia da Copa do Mundo, durante a competição as críticas à falta de liberdade voltariam a aparecer, como um dos maiores inimigos do selecionado, como vimos. Drummond chegou a tecer elogios pontuais ao treinador, como após a vitória contra o Peru. Mas, de maneira geral, Coutinho e seu esquema tático eram, na crônica drummondiana, os maiores adversários dos jogadores.

Uma das crônicas de Drummond pode ajudar a explicar essa posição ambígua em relação ao treinador. “Eu acho que nada é açúcar só ou sal só. Para mim, somos essa mistura, e ainda que muitas vezes o sal prevaleça numa pessoa, ainda assim costuma ficar o equilíbrio, ou a guerra interna”.¹⁰² Podemos entender que o próprio Roberto Drummond era “essa mistura”, entre o racional e o passional, por meio de temas que a primeiro momento parecem não dizer muita coisa, “Na sua despretensão, humaniza [...]”¹⁰³

Como em outras crônicas, o tema desta recorreu à uma percepção generalizada do mundo e das relações sociais cujas interpretações poderiam ser lançadas ao espectro futebolístico. Drummond continua: “Não há santos, babies. Não há demônios, babies. Por que falo nisso? Por causa do técnico Cláudio Coutinho”¹⁰⁴. Aqui a temática principal é introduzida. O autor desenvolve o texto apontando que quem “pintar”

¹⁰⁰ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 28 de maio de 1978.

¹⁰¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 28 de maio de 1978.

¹⁰² DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 10 de maio de 1978.

¹⁰³ CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992. p.13

¹⁰⁴ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 10 de maio de 1978.

Coutinho como demônio estará errado, assim como que o “pintar” como santo. “Qual é a verdade sobre Coutinho? Eu digo: é a mistura de santo e demônio. E essa mistura se estende por todas as coisas. Inclusive, sobre a questão de Coutinho entender, ou não de futebol.”¹⁰⁵

De forma um pouco irônica e quase subliminar, Drummond fez críticas ao treinador indicando algumas situações que aconteceriam com qualquer técnico da Seleção Brasileira de futebol:

Cláudio Coutinho, mesmo, gosta de tornar o futebol muito misterioso. Gosta, esta é a verdade, de complicar demais. Por que Cláudio Coutinho complica tanto? Eu creio que por insegurança e por necessidade de afirmação. Se Cláudio Coutinho fosse mais seguro e, na verdade, a sua pouca experiência o torna inseguro, ele não precisaria exhibir tantos conhecimentos. [...] Cláudio Coutinho fala (a expressão não é minha) em futebolês, como muita gente fala em economês. É a moda dos inseguros. É a moda dos que querem impressionar os ingênuos. Então, Cláudio Coutinho é também isso. [...] Coutinho vacila? Vacila. Coutinho tem dúvidas? Tem. Mas é do ser humano vacilar e duvidar, até, é certo, a hora em que tudo deve ficar claro.¹⁰⁶

Mais uma vez vemos como Drummond se apresenta como o contrário dos supostos entendidos, dos “doutores” do futebol. O autor termina esse texto escrevendo que “Se Cláudio Coutinho escalar a seleção certa, aí então, não tenham dúvidas, a parte boa do técnico prevalecerá, derrotará a parte ruim e tudo seguirá pelo único caminho que interessa à seleção canarina do Brasil: o caminho da felicidade.”¹⁰⁷

Porém, após o empate contra a Argentina e a eliminação na segunda fase, Drummond escreveu com todas as letras que “o verdadeiro futebol brasileiro nada tem a ver com o Almirante Heleno Nunes e com o técnico Cláudio Coutinho”¹⁰⁸. A fé e a esperança em mudanças no esquema de antes da Copa do Mundo dão lugar à tristeza e até mesmo ao distanciamento do técnico da seleção ao futebol do país.

Qual seria então essa “seleção certa” a ser escalada? Para Drummond, existiam alguns jogadores fundamentais e que deveriam ser protagonistas do selecionado, principalmente os mineiros. A questão da origem dos atletas também foi um dos assuntos tratados pelo autor, que acreditava haver pressão da mídia carioca e paulista acerca da escalação de determinados jogadores, pressão essa aceita por Coutinho. No

¹⁰⁵ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 10 de maio de 1978.

¹⁰⁶ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 10 de maio de 1978.

¹⁰⁷ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 10 de maio de 1978.

¹⁰⁸ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 23 de maio de 1978.

entanto, além de ser um tema recorrente nas crônicas drummondianas ao longo do período da Copa e também nas semanas que antecederam e sucederam o evento, a atenção conferida ao jogador Reinaldo foi especial.

Nesse capítulo, analisamos as complexidades e contradições das crônicas de Roberto Drummond sobre a Copa do Mundo de 1978, em que o autor apresentou temáticas diversas, como a citada acima, mas que tratou, na grande maioria, dos personagens centrais, quais sejam, Cláudio Coutinho e Reinaldo, e o desempenho da Seleção Brasileira na competição.

A questão política institucional, menos representada, marcou pontualmente alguns comentários, enfatizando pessoas mais ligadas à Confederação Brasileira de Desportos, como foi o caso do Almirante Heleno Nunes. A política, para Roberto Drummond, é aquela que “não tem fronteiras naturais”¹⁰⁹, ou seja, o campo político, para ele, “é o ponto para onde conflui a maioria das atividades e que recapitula os outros componentes do conjunto social”¹¹⁰, como, por exemplo, o racismo, a convocação de Reinaldo e a defesa da liberdade dos atletas.

¹⁰⁹ RÉMOND, René. Do político. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. P. 442

¹¹⁰ RÉMOND, René. Do político. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. P. 442.

3. CAPÍTULO 3

3.1 As continuidades nas crônicas de Roberto Drummond

Nas crônicas escritas por Roberto Drummond em 1982 e analisadas aqui, é possível perceber mais continuidades nos termos e ideias utilizadas por Drummond do que rupturas. O alvo principal do cronista no mês anterior à Copa do Mundo na Espanha continuava a ser o treinador, dessa vez Telê Santana. As críticas ao então treinador se mantem, sendo difícil, em alguns momentos, perceber diferenças entre o tratamento de Cláudio Coutinho e de Telê Santana nos textos. Assim como no ano de 1978, analisamos as crônicas escritas por Drummond durante os meses da competição, e no primeiro mês que antecedeu e sucedeu a Copa do Mundo.

Já a dimensão do “político” para Drummond, também se manteve no mesmo campo que enquadramos no capítulo anterior. Ou seja, podemos percebê-la a partir da abordagem da Nova História Política. Em alguns textos, como o do dia da abertura da competição em 1982, o autor se dedicou de forma mais explícita à política institucional.

A Copa do Mundo de 1982, sediada na Espanha, foi realizada em 14 cidades diferentes. Os estádios foram o Santiago Bernabeu e Vicente Calderón em Madrid; Camp Nou e Sarrià em Barcelona; Ramón Sánchez e Benito Villamarín em Sevilha; Balaídos em Vigo; Riazor em Corunha; El Molinón em Gijon; Carlos Tartiere em Oviedo; Nuevo em Elche; Jose Rico Perez em Alicante; San Mamés em Bilbao; José Zorrilla em Valladolid; Luis Casanova em Valência; La Romareda em Saragoça e La Rosaleda em Málaga.

Como ocorreu nas análises das crônicas da Copa do Mundo de 1978, analisamos as crônicas escritas por Drummond durante os meses da competição, e no primeiro mês que antecedeu e sucedeu a Copa do Mundo. Assim como na Argentina, em 1982 um dos temas preferidos do cronista foi o treinador da Seleção Brasileira.

A dimensão política continuou a abastecer as crônicas de Drummond em 1982. Mesmo com a Copa do Mundo sendo realizada no continente europeu, o autor escreveu, no primeiro dia da competição, em 13 de junho daquele ano, uma reza à bola, para que ela pudesse levar paz aos homens de todo o planeta:

Ave bola, cheia de graça, que hoje começa a rolar na Espanha, em mais uma Copa do Mundo: dê um pouco de paz aos homens do mundo, bola.

Tranquilize o coração dos homens do mundo, bola. Diga a eles que é hora de festa e de paz, sob o seu império, bola. Suspenda os foguetes, bola.¹

O futebol para Roberto Drummond, como vimos no capítulo anterior e vemos se repetir neste trecho, possuía uma dimensão que extrapolava o campo esportivo. A bola assumia na linguagem drummondiana uma representação muito mais ampla do que um simples objeto inanimado. Por meio da metáfora, o cronista deu não só vida à redonda, mas faz pedidos a ela, assim como fez ao Santo Amaro em 1978. Ao reportar-se aos conflitos internacionais da época, o autor suplicou que ela “Cale as bombas, os canhões, as várias armas da morte, bola (que eu gostaria que fosse a branca pomba da paz)”². Pediu que a bola “Fale com argentinos e ingleses que, no fundo, seus soldados (como os dois povos) são irmãos. Explique o mesmo a judeus, sírios, libaneses e palestinos, bola que hoje começa a rolar na Espanha, no jogo Argentina x Bélgica.”³

A ocorrência de conflitos simultâneos aos torneios esportivos é comum, e ainda hoje é possível ver a interferência dos embates armados no futebol e na Copa do Mundo, como aconteceu com a repescagem para o próximo torneio mundial de seleções e o conflito entre Ucrânia e Rússia⁴.

Mais uma vez é possível ver como Roberto Drummond discute outros assuntos em seu espaço esportivo do *Jornal Estado de Minas*. Na continuação do texto de abertura do maior evento esportivo do planeta, o autor pediu desculpas e questionou repetidamente o leitor:

E peça desculpa aos leitores por mim, bola da Copa do Mundo, se hoje, em vez de soltar festivos foguetes, eu estou assim. [...] Sei que muitos podem censurar-me. Podem falar que eu não devia sair do meu tema, que é o futebol. Mas será que um cronista de futebol tem um coração de bola batendo no peito? Será que um cronista de futebol tem sangue de bola? Será que tem alma de bola? Será que seus nervos são nervos são os nervos de uma bola? Será?⁵

Fazendo referências mais uma vez ao conflito pelas Ilhas Malvinas, entre Argentina e Inglaterra, Drummond perguntou aos leitores:

¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 13 de junho de 1982.

² DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 13 de junho de 1982.

³ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 13 de junho de 1982.

⁴ COMO a guerra afetou a seleção da Ucrânia que disputa vaga na Copa. **Placar**, São Paulo, 31 de maio de 2022. Disponível em: <https://placar.abril.com.br/placar/como-a-guerra-afetou-a-selecao-da-ucrania-que-disputa-vaga-na-copa/>. Acesso em: 08 de ago. de 2022.

⁵ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 13 de junho de 1982.

Não seria melhor se o soldado argentino estivesse seguindo, pela televisão, o maravilhoso futebol de Ardiles? E o soldado inglês, não seria melhor que tivesse contando os momentos que faltam para a estreia da Inglaterra contra a França, outras duas belas seleções, não seria melhor?⁶

A Copa do Mundo de 1982 foi a primeira com a participação de 24 seleções, após as mudanças realizadas pelo então presidente da FIFA, João Havelange. O brasileiro, enquanto ocupava o cargo, rearranjou as competições, não somente pela quantidade de equipes, mas também pelos patrocínios. Ele fez da Copa do Mundo uma marca em que valia ainda mais a pena investir, sendo um dos responsáveis por transformar as Copas não só em um campeonato de futebol, mas em um evento de entretenimento de alcance mundial.

Com mais equipes participantes, a organização do evento foi diferente. As 24 seleções foram divididas em seis grupos de quatro na primeira fase. O Brasil estava no Grupo F, e jogou contra a União Soviética, Escócia e Nova Zelândia. De cada grupo, duas seleções se classificaram, e a segunda fase teve quatro grupos de três times. Na segunda fase, a Seleção Brasileira jogou contra Itália e Argentina. A fase final foi realizada em duas semifinais e a final, entre Itália e Alemanha Ocidental, com a seleção italiana se sagrando campeã.

O próprio Roberto Drummond admitiu que sabia “que vocês esperavam de mim uma análise da Copa do Mundo”⁷, e depois de citar alguns jogadores e seleções que poderiam brilhar na competição, e escrever que sabia “que vocês esperavam que eu dissesse, por exemplo, que a Copa do Mundo de 82, é certamente, a Copa do Mundo que maior número de grandes seleções já reuniu e, ao mesmo tempo, é a Copa do Mundo que tem mais estrelas, vindas de vários países”⁸ fazendo referência ao aumento do número de países participantes, pediu desculpas novamente ao leitor:

Eu peço desculpas a vocês, mas hoje, dia do início da Copa do Mundo, eu sou um soldado argentino e, ao mesmo tempo, sou um soldado inglês. Sou um soldado de Israel e, ao mesmo tempo, sou um soldado da Síria e sou um soldado da Palestina. [...] Daqui eu peço a você, bola da Copa do Mundo: faça a paz chegar ao coração dos homens, bola, onde quer que eles estejam, para que possamos nos entregar, sem conflitos, à alegria de uma Copa do Mundo, amém.⁹

⁶ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 13 de junho de 1982.

⁷ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 13 de junho de 1982.

⁸ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 13 de junho de 1982.

⁹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 13 de junho de 1982.

O lirismo, como uma marca pessoal do autor, esteve presente em todas as crônicas publicadas ao longo da competição, assim como ocorreu em 1978. Os textos teciam análises sobre as partidas da Seleção Brasileira e de outras equipes. De forma emblemática, chama a atenção como na crônica de abertura da maior competição esportiva do planeta, Roberto Drummond não colocou a disputa esportiva em primeiro plano. Ao evocar o tema dos conflitos internacionais, ele evidencia sua vocação humanista e suas inquietações políticas com o cenário belicista do momento. O espaço da sua coluna, notadamente, serviu como um manifesto a favor da paz entre os povos.

O técnico da Seleção Brasileira para a Copa de 1982 era Telê Santana da Silva. Mineiro de Itabirito, Telê foi jogador de futebol nas décadas de 1950 e início de 1960, se tornando ídolo do Fluminense. Após a carreira dentro das quatro linhas, treinou vários grandes clubes brasileiros, como o próprio Fluminense, Botafogo, Flamengo, Grêmio, Palmeiras, e os dois clubes em que teve maior sucesso, o Atlético Mineiro, onde ganhou o Campeonato Brasileiro de 1971, sendo até hoje o treinador que mais comandou a equipe, com 434 jogos em três passagens diferentes, além do São Paulo Futebol Clube.

No São Paulo, Telê teve seu melhor desempenho, vencendo dois Campeonatos Paulistas, um Campeonato Brasileiro, duas Copas Libertadores da América e duas Copas Intercontinentais, hoje reconhecidos como Mundiais de Clubes. Recentemente Telê Santana foi escolhido por mais de 100 treinadores brasileiros, em atividade ou aposentados, como o maior técnico da história do futebol brasileiro, em pesquisa realizada pelo Globo Esporte¹⁰. Na Seleção Brasileira teve duas passagens, sendo o treinador nas Copas do Mundo de 1982 e 1986.

Dos textos analisados aqui, o primeiro em que Drummond tratou da Seleção Brasileira foi também o primeiro em que ele se referiu à Telê Santana no dia 7 de maio. Dois dias antes o Brasil enfrentara a Seleção Portuguesa em um amistoso na cidade de Fortaleza, para inauguração do Estádio Governador Plácido Castelo, conhecido como Castelão. O Brasil venceu a partida por 3 a 1, com os gols brasileiros sendo anotados por Junior, Éder e Zico. O tento português foi anotado por Nenê.

¹⁰ DANA, Bruno Murito. Telê é eleito o maior técnico da história do futebol brasileiro. **Globo**, Rio de Janeiro, 26 de jul. de 2022. Disponível em: <https://interativos.ge.globo.com/futebol/materia/tel-eleito-o-maior-tnico-da-histria-do-futebol-brasileiro>. Acesso em: 11 de ago. de 2022.

Mesmo com um resultado que pode ser considerado convincente, de acordo com Roberto Drummond, a Seleção “não convenceu e fez sua pior exibição desde que o Telê está no comando”¹¹. Porém, ainda segundo o autor, “ninguém pode levar a sério o que houve no jogo com Portugal, simplesmente, porque não era um jogo de levar a sério”¹². Drummond fez essa afirmação talvez por considerar que o amistoso tenha sido quase um jogo festivo, em comemoração à inauguração do estádio no estado do Ceará, mesmo que tenha sido realizado a poucos dias do início da Copa do Mundo.

Por isso, ele alertara que os técnicos das seleções que enfrentariam o Brasil no mês seguinte, de qualquer forma, temeriam a Seleção Canarinha, mesmo com os problemas vistos no esquema do treinador.

De qualquer maneira, aconteça o que acontecer, as seleções da União Soviética, da Escócia e da Nova Zelândia hão de nos respeitar, hão de nos temer. Mesmo que o esquema Telê seja uma camisa de força, em certos momentos parecida com a mesma camisa de força que Zagalo (em 1974) e que Cláudio Coutinho (em 1978) enfiaram na seleção, mesmo assim. O medo e o respeito dos nossos adversários continuarão até se Telê vestir de vento onze camisas canarinho do Brasil e as puser para jogar.¹³

Não é nem necessário mencionar que o autor utiliza a mesma expressão para o esquema de Cláudio Coutinho e Telê Santana, visto que o próprio Roberto Drummond relembrou em sua crônica. Mesmo que seja uma rápida e tímida crítica, a expressão do cronista é a mesma, quatro anos depois, com jogadores e treinador de estilos diferentes. Ao final do texto, ele voltou a criticar o treinador, que seria mencionado em outras crônicas, como veremos nesse capítulo. “Por isso, seja como for que Telê vai escalar a Seleção Brasileira, seja como for que a mandar jogar, com pontas de verdades ou com falsos pontas, recuada e acuada e contraditória, como tem sido, seja como for, vão ter cuidado conosco na Espanha.”¹⁴

A pouco mais de um mês para o início da competição, assim como em 1978, Drummond fez suas críticas principalmente ao treinador, afirmando que ele ainda não havia decidido o esquema com o qual jogaria a competição mundial. Nesse texto não há passagens criticando os jogadores

¹¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 7 de maio de 1982.

¹² DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 7 de maio de 1982.

¹³ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 7 de maio de 1982.

¹⁴ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 7 de maio de 1982.

Eu acho que chegou a hora de Telê se definir quanto algumas questões. O que inquieta pelo menos a mim, que tenho visto a Seleção Brasileira a partir de um ponto de vista sério (e não na baseado ôba, ôba), que inquieta é que, na verdade, Telê não está ainda definido nem com relação ao estilo de jogo que vai adotar.¹⁵

A indefinição do treinador, para Drummond, estaria no fato de que Telê ainda não havia se decidido se utilizaria jogadores com características defensivas ou ofensivas no meio de campo, como eram Dirceu e Éder, respectivamente. A indefinição de Telê quanto ao esquema e os jogadores virou inclusive motivo de piadas na época, com a falta de utilização de pontas pelo treinador brasileiro.¹⁶ Drummond ainda apontou que a essa altura, Telê já deveria saber quem seria o atacante titular da seleção, se Careca ou Serginho. Outro aspecto a ser destacada nessa crônica é a referência ao “oba oba”. Após a eliminação para a Itália na Copa, o autor apontou a festa antecipada da imprensa como um dos fatores para a derrota, como veremos ao final do capítulo.

Mais uma vez, no dia 9 de maio, Roberto Drummond voltou a comentar sobre a seleção. Dessa vez ele foi mais incisivo, e escreveu que o impasse pelo qual Telê passava, de “arranjar lugar, no mesmo time, para jogadores como Cerezo, Sócrates, Zico e Falcão”¹⁷ era um impasse que até mesmo uma criança de sete anos poderia resolver. “Pois eu digo a vocês que o impasse de Telê na Seleção Brasileira, com tantos cobras no meio de campo, é coisa para uma criança de cinco anos resolver. Ou, pelo menos, para uma criança de sete anos”¹⁸.

De forma irônica, ao escrever que nenhum dos quatro poderia ser barrado por Telê e que deveriam jogar juntos, Drummond teria recorrido a uma imaginária criança de sete anos para buscar a solução para o problema do meio de campo da seleção. Mais da metade da crônica foi destinada à reprodução da suposta conversa com o garoto Carlos Bina Machado, que mais tarde se revelaria uma ficção.

Na conversa/entrevista, Drummond diz a Carlos que como bom patriota, o menino devia ajudar Telê com seu “impasse terrível na Seleção Brasileira”¹⁹,

¹⁵ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 7 de maio de 1982.

¹⁶ MIRANDA, Leonardo. "Bota Ponta, Telê!": bordão de Jô Soares sintetizou período de mudanças táticas no futebol brasileiro. *Globo*, Rio de Janeiro, 05 de ago. de 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/painel-tatico/post/2022/08/05/bota-ponta-tele-bordao-de-jo-soares-sintetizou-periodo-de-mudancas-taticas-no-futebol-brasileiro.ghtml>. Acesso em: 15 de ago. de 2022

¹⁷ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 9 de maio de 1982.

¹⁸ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 9 de maio de 1982.

¹⁹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 9 de maio de 1982.

escolhendo quem deveria ser barrado no meio campo da seleção, se Cerezo, Falcão, ou Sócrates, para o que o garoto pergunta: “Mas é preciso barrar? O Telê precisa mesmo barrar algum deles?”²⁰. Para essa pergunta, Drummond responde que aparentemente sim,

Pelo menos, Carlos Bina, é o que todos dizem no Brasil. Você liga uma rádio, abre um jornal, vê a televisão, e todos estão falando do terrível impasse do Telê. Por sinal, o assunto está sendo discutido do Oiapoque ao Chuí, é o mais sério tema brasileiro, em todos os bares e esquinas do Brasil.²¹

O garoto Carlinhos não acredita nas discussões dos adultos, as quais chama de perda de tempo, mesmo que Drummond coloque essa questão como “tão importante para os destinos pátrios na Espanha”²². Ao perguntar ao garoto quem, então, ele barraria no meio de campo da seleção, Drummond escreveu que seria um escândalo barrar Sócrates, pois “a torcida do Corinthians marcharia em procissão até a Espanha, em sinal de protesto”²³, mas o garoto continua a dizer que também não o barraria, assim como não barraria Cerezo, Falcão ou o “deus Zico”²⁴.

Para a pergunta “Como podem jogar os quatro?”, a resposta do garoto é apenas “Jogando, uai...”²⁵. A análise do menino de 7 anos o surpreende, e ele responde que colocaria “o Falcão plantado na frente dos zagueiros, mais fixo, deixo o Sócrates mais solto, e o Cerezo fica livre como um passarinho [...] o Zico eu coloco como centroavante, com o Cerezo liberado para se encostar nele.”²⁶. Na seleção de Drummond, quer dizer, de Carlos Bina, quem ficaria de fora são Serginho ou Careca, e não gênios como Zico, Sócrates, Cerezo ou Falcão.

No Post Scriptum do texto, Drummond afirmou que “O menino Carlinhos Bina Machado declara que, se quiser, Telê pode adotar, sem nenhum constrangimento, essa sua fórmula mágica e salvadora para a Seleção Brasileira.”²⁷ Drummond se utiliza de figuras de linguagem e de uma entrevista ficcional para colocar para o leitor seu ponto de vista sobre o esquema tático, já mostrando também que seria crítico, mais uma vez,

²⁰ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 9 de maio de 1982.

²¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 9 de maio de 1982.

²² DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 9 de maio de 1982.

²³ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 9 de maio de 1982.

²⁴ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 9 de maio de 1982.

²⁵ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 9 de maio de 1982.

²⁶ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 9 de maio de 1982.

²⁷ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 9 de maio de 1982.

ao treinador canarinho. Além disso, é possível perceber, mais uma vez, que a “genialidade” dos jogadores é colocada em um patamar superior aos esquemas táticos desenvolvidos pelo treinador e sua equipe, ou seja, a mesma estrutura argumentativa mobilizada nas crônicas relativas ao mundial de 1978.

Mas nem só de críticas viveu nosso cronista. Na realidade, menos de uma semana depois dos textos analisados nesta e nas páginas anteriores, Drummond escreveu que “com relação ao que eu pensava ontem sobre a seleção, mudei quase da água para o vinho”²⁸, no dia 14 de maio, há um mês da Copa do Mundo. Essa mudança de opinião do autor aconteceu depois de assistir a um treino dos convocados de Telê na Vila Olímpica, antigo centro de treinamentos do Atlético.

Mas a mudança do cronista não aconteceu, segundo ele mesmo, pelo fato de “Telê ter confessado que vai escalar, conta a União Soviética, quando Cerezo estará impedido pela suspensão, Falcão, Éder e Careca (quanto aos outros não havia dúvida)”²⁹. E mesmo após as críticas quanto a possível não escalação dos quatro “gênios” do meio campo para o ataque, Drummond continuou dizendo que “Acredito mais: acredito que Telê acabará escalando, a partir do jogo contra a Escócia, Cerezo, Falcão, Sócrates e Zico lá na frente”³⁰. Mesmo assim, com Telê escolhendo os jogadores de preferência de Drummond, não teria sido isso que o fez ficar otimista de mudar radicalmente sua opinião sobre a seleção canarinha.

O que fez mudar a opinião de Roberto Drummond foi o que ele viu no treino, mesmo em um “treino sem importância, contra o Júnior do Atlético”³¹. Para o autor, no supracitado treino, “os erros mais básicos do esquema de Telê praticamente desapareceram. Desapareceram os espaços vazios entre os jogadores. Desapareceu a solidão do centroavante. Desapareceu mesmo a solidão do ponta-esquerda.”³²

E aqui vemos a religiosidade de Drummond entrando em cena para explicar as mudanças vistas no esquema do Brasil. O autor perguntou e respondeu a si mesmo “O que houve, então? Uma mudança tática? Uma mudança estratégica? Não. Prefiro dizer

²⁸ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 14 de maio de 1982

²⁹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 14 de maio de 1982

³⁰ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 14 de maio de 1982

³¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 14 de maio de 1982

³² DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 14 de maio de 1982

que o que houve foi uma ação divina. Alguma coisa que mostra que uma força oculta quer nos ajudar a Copa do Mundo na Espanha”³³, e já adianta para os leitores mais descrentes: “Brincadeira? Não: falo sério.”³⁴

Para Drummond, uma das principais diferenças do jogo que assistiu no campo do Atlético foi a dimensão do gramado, que estava oito metros menor do que todo gramado brasileiro, com a mesma dimensão dos gramados que seriam utilizados na Copa do Mundo da Espanha. Por esse motivo, segundo o autor, os jogadores se aproximaram mais, os espaços foram preenchidos

Sabem a impressão que dava? Que a Seleção Brasileira estava jogando apenas com dez: que um tinha sido expulso e aí, como sempre acontece com times brasileiros nessa situação, os jogadores passaram a jogar mais próximos, mais solidários, e se multiplicaram. Mas havia lá os onze jogadores, quer dizer, o encurtamento do gramado teve uma influência altamente benéfica para a Seleção Brasileira.³⁵

Portanto, ao analisar essa crônica, percebemos que Drummond observou uma mudança tática positiva da seleção, não como méritos do treinador, mas como um acaso da simples diminuição das dimensões do campo. As possíveis alterações pedidas e feitas por Telê Santana não são levadas em consideração pelo autor.

Os elogios não eram direcionados a Telê, mas as críticas sim. Na crônica do dia seguinte, Drummond começou tentando acabar com um lugar comum do futebol, mais uma vez para defender a escalação que ele acreditava ser mais correta. Como Cerezo não poderia jogar a primeira partida da competição na Espanha, o autor tinha medo que, se a seleção jogasse bem contra o primeiro adversário, Telê não utilizasse o jogador nos confrontos seguintes, “É que não se mexe em time que está ganhando...”³⁶.

Drummond tentou desmontar esse que seria “por sinal, um dos chavões muito em voga no Brasil. Mas se esse chavão não tivesse sido desrespeitado, Pelé não tinha se tornado rei do futebol aos 17 anos, na Copa do Mundo de 58, na Suécia. Garrincha não teria maravilhado o mundo, também nessa mesma Copa do Mundo de 58.”³⁷

³³ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 14 de maio de 1982

³⁴ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 14 de maio de 1982

³⁵ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 14 de maio de 1982

³⁶ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 15 de maio de 1982

³⁷ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 15 de maio de 1982

Ao comparar o treinador da Seleção Brasileira em 1958, Vicente Feola, com Telê Santana, Drummond escreveu que Feola tinha uma vantagem, pois sabia ouvir seus comandados, que supostamente sugeriram a entrada de Garrincha em alguns jogos, “ótimo, maravilhoso, um grande comandante tem que saber ouvir seus comandados, tem que manter um diálogo, áspero ou cordial, com eles, sempre”.³⁸ Ainda segundo Drummond, é preciso parabenizar e reconhecer Feola, que “violentou um lugar-comum do futebol e foi capaz de ouvir seus jogadores”.³⁹

Já Telê Santana seria o contrário do treinador de 1958. O treinador de 1982, segundo Drummond, tinha uma carga de poder muito grande, e “muitas coisas mudariam na atual Seleção Brasileira se o técnico Telê Santana ouvisse jogadores como Zico, Sócrates, Júnior, Cerezo. Talvez até Reinaldo seria convocado”⁴⁰.

É possível perceber, assim como nas crônicas de 1978 analisadas no capítulo anterior, que Drummond presava pela liberdade dos jogadores, pedindo a participação dos atletas em decisões que normalmente não os cabiam, quase que em um apelo pela democratização da escolha na seleção, tanto no esquema tático, como na convocação. O fato de que Reinaldo não foi convocado para mais uma Copa do Mundo também é um tema recorrente de seus textos em 1982.

Ainda sobre a questão da comparação entre Telê e Feola, Drummond escreveu que o primeiro, diferente do campeão de 1958, seria “um todo-poderoso ditador que joga com as mais violentas paixões nacionais. Seria melhor se houvesse uma comissão técnica [...] Seria também aconselhável que houvesse um conselho de jogadores para opinar.”⁴¹ Mas depois de alguns outros pensamentos sobre, o autor mudou de opinião, escrevendo que “Talvez o melhor é ser como é, mas com o técnico ouvindo seus jogadores, com o técnico driblando suas antipatias, vaidades, etc.”⁴² Vemos que alguns dos textos de Roberto Drummond servia as vezes como um caderno de rascunhos, um espaço em que ele poderia organizar seus pensamentos sobre o futebol, sobre os esportes, e sobre a sociedade de maneira geral, muitas vezes abrindo diálogo com ele mesmo, como nesse texto.

³⁸ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 15 de maio de 1982

³⁹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 15 de maio de 1982

⁴⁰ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 15 de maio de 1982

⁴¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 15 de maio de 1982

⁴² DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 15 de maio de 1982

Ao finalizar o texto do dia 15 de maio, reaparece a questão já trabalhada por nós no último capítulo sobre a diferença de tratamento do autor entre o treinador e os jogadores. Para ele, o primeiro seria o problema, e os segundos a solução para as dificuldades que vinham enfrentando a seleção.

A verdade que grita é a seguinte: Apesar de Telê, com Telê, sem Telê, a genialidade dos jogadores brasileiros, como Zico, Junior, Luizinho, Falcão, Sócrates, Cerezo, Éder, apenas a genialidade dos jogadores brasileiros, repito, torna-os merecedores (de vencer a Copa do Mundo)⁴³. Podemos, então, ganhar a Copa do Mundo na Espanha... O diabo é que, para isso, muita coisa vai depender de Telê.⁴⁴

Mais uma vez Drummond compara os treinadores, mesmo que tenha dito, quatro anos atrás, que não gostava de comparações entre os times, principalmente aqueles campeões. Mas para provar seu ponto de vista, e pedir para que Telê arriscasse mais, a aproximação entre ele e Feola voltou a aparecer em um tipo de súplica: “Por isso é que, desde já, eu invoco o espírito do gordo e bom Vicente Feola: baixai sobre a cabeça de Telê, espírito da ousadia, do sonho e da coragem, iluminai Telê, espírito da eterna mudança, pois o mundo é feito disso: de um eterno mudar.”⁴⁵

Apesar das críticas ao treinador e ao esquema tático criado por ele, Drummond reconheceu as qualidades do profissional, como vemos ao comentar a entrevista do jogador Getúlio, que criticou severamente Telê por sua não convocação:

Cronista comprometido até a raiz do cabelo (e do coração) com o futebol, eu me sinto, inclusive, obrigado a fazer um depoimento sobre Telê Santana. Em certa época, nas vezes em que ele foi o técnico do Atlético, convivi muito com Telê Santana. O que dizer, se é que isso é necessário? Dizer que Telê Santana é uma pessoa humana muito séria. Dizer que Telê Santana é visceralmente honesto. Dizer que Telê Santana é um homem que, sempre, como jogador e depois, como técnico, teve em alta conta o auto-respeito. Nada, em Telê Santana, esse tempo todo, eu vi que pudesse comprometer a imagem de um técnico sobre cuja a honestidade o Brasil não tem dúvida. O Brasil sabe que, quanto a isso, pode confiar em Telê.⁴⁶

Porém, mesmo apontando as qualidades do treinador, Drummond fez suas críticas.

Se Telê erra? Erra. Telê errou no Atlético, errou no Grêmio, errou no Fluminense, Telê errou no Palmeiras, Telê errou na Seleção Brasileira. Quanto a seus erros na Seleção Brasileira, no entanto, fazendo um balanço, eles são menores, quase uma gota d'água, se comparados com suas virtudes

⁴³ Acréscimo nosso.

⁴⁴ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 15 de maio de 1982

⁴⁵ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 15 de maio de 1982

⁴⁶ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 16 de maio de 1982

de acertos. Telê é contraditório? É. Telê é um temperamento difícil? Também sim. Mas tudo com muita honestidade.⁴⁷

Ao final do texto, remetendo-se à ausência de Reinaldo na lista dos convocados, Drummond mais uma vez comparou o então atual treinador com outro treinador da Seleção Brasileira, dizendo que, diferentemente de João Saldanha, que era “um homem ousado de fronteira (ainda que tenha assimilado também o espírito carioca) Telê Santana [...] tem a chamada prudência mineira, tão utilizada por nós nos momentos fatais. A prudência mineira é a nossa virtude. Mas costuma ser, também, Telê Santana, o nosso pecado [...].⁴⁸

Para Drummond, pouco menos de um mês para a Copa do Mundo na Espanha, a discussão sobre o esquema de Telê, se ele estaria certo ou errado, era apenas teórica, porque dos adversários que o Brasil estava enfrentando como treinamento para a competição, nenhum deles servia de teste para a Seleção Brasileira.

O autor questionava o leitor, e a si mesmo, sobre temas que já tinham sido abordados em 1978:

Será que a Seleção Brasileira joga (de verdade) é só na cabeça de Telê? Será que Telê está tirando a liberdade do futebol brasileiro e inibindo nossos jogadores (ou nosso esquema)? Ou será que Telê, tal como fez Zagalo em 74 e Coutinho em 78, está é aprisionando a criatividade e a vocação de gol do jogador brasileiro?⁴⁹

Mais uma vez o autor recorre ao uso das comparações com seleções e treinadores do passado para analisar a então atual equipe do Brasil. As críticas são, quase sempre, como vimos, voltadas à liberdade dos atletas em campo, e da necessidade do esquema tático se enquadrar a eles e as suas características, e não o contrário.

Ele continuou essa crônica escrevendo que tinha medo de alguns pensamentos de Telê, principalmente ao comparar os jogadores europeus e os brasileiros, “é que não se pode comparar, de maneira alguma, o jogador brasileiro com o jogador europeu. As características de um e de outro são diferentes: se, de um lado, o jogador brasileiro improvisa mais, cria mais, o europeu é muito mais versátil”.⁵⁰

⁴⁷ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 16 de maio de 1982

⁴⁸ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 16 de maio de 1982.

⁴⁹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 19 de maio de 1982.

⁵⁰ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 19 de maio de 1982

Porém, o maior medo de Drummond em relação a Telê era o mesmo que o autor tinha em relação a Cláudio Coutinho em 1978:

O que me faz temer, também, sobre a validade do esquema de Telê é que ele está cometendo um erro: tentar impor um esquema. Ora, todo técnico que fez isso, na Seleção Brasileira, se deu mal. Na verdade, em todas as grandes seleções brasileiras, como as campeãs do mundo de 58, 62 e 70, a maneira de jogar surgia das características dos jogadores, como deve ser.⁵¹

Para o autor, tentar impor um “novo” esquema tático significava tirar os jogadores das posições em que jogavam em seus clubes, para adaptá-los em novas posições na Seleção Brasileira. Deveriam ser respeitadas, segundo Drummond, as características de cada um dos 11 atletas, e, a partir daí, seria feito um esquema para o time.

Assim, Drummond continuou escrevendo que “O esquema não caía de paraquedas sobre os jogadores, não os aprisionava, era alguma coisa deles – o que Zagalo, em 74, e Coutinho, em 78, eu repito, ignoravam, da mesma forma que Telê faz agora”⁵². A comparação de Telê com antigos treinadores e a comparação da seleção de 1982 com equipes do passado, nos parece uma das estratégias discursivas mais mobilizadas pelo autor.

Ao continuar comparando as estratégias do futebol com estratégias de guerra, Drummond escreveu que Telê estaria adotando uma estratégia usada também em conflitos armados: “Ainda que não adote, oficialmente, o nome, Telê está adotando, queira ou não, um futebol não convencional, uma estratégia que eu tenho chamado de futebol guerrilha.”⁵³ E em que consistiria esse tipo de estratégia? Para o autor, “Tem consistido, nos jogos da seleção de Telê, em recuar e atrair o adversário para nosso campo e, então, na base da paciência, do talento, da maestria dos nossos jogadores, pegar o adversário desprevenido, já dentro do nosso campo, e liquidá-lo no contra-ataque.”⁵⁴

O problema dessa estratégia, para Drummond, é que, em primeiro lugar, deixa o torcedor muito aflito, “haja coração do torcedor para aguentar isso”, porém, o erro

⁵¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 19 de maio de 1982

⁵² DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 19 de maio de 1982

⁵³ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 19 de maio de 1982

⁵⁴ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 19 de maio de 1982

principal para o autor é que essa ideia de jogo seria “arma do mais fraco contra o mais forte”.⁵⁵

Se a Nova Zelândia adotar o futebol guerrilha contra nós, na nossa terceira partida da Copa do Mundo na Espanha, tudo certo. E tudo certo porque a Nova Zelândia é mais fraca, tem que ter as cautelas do mais fraco, e, aí, sim, o futebol guerrilha é uma grande arma.⁵⁶

Para uma seleção que era tricampeã do mundo e que possuía grande reconhecimento no cenário internacional, esse tipo de estratégia, seria um desperdício na visão do cronista. A presença de grandes jogadores, especialmente no setor de armação e de ataque, deveria ser aproveitada em um modelo de jogo ofensivo, que privilegiasse a individualidade dos jogadores “capaz de romper com a camisa-de-força do próprio Telê”⁵⁷, expressão consagrada pelo autor em 1978.

Por fim, Drummond escreveu que todas as análises dos esquemas de Telê eram teóricas, porque “a seleção de Telê é teórica, mesmo porque ele demora a definir um time e a Copa do Mundo vem chegando”⁵⁸. Em sua opinião, a indefinição do treinador estaria, inclusive, atrapalhando a própria seleção.

Ao mesmo tempo em que fazia críticas ao então treinador, Drummond também retornava a um tema muito caro a ele, e que já foi debatido também ao analisarmos as crônicas de 1982. Roberto Drummond, mineiro do município de Santana de Ferros, acreditava haver uma imposição, na seleção, por atletas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Isso ajuda a explicar, inclusive, sua insistência pela titularidade de Cerezo no segundo jogo do Brasil na Copa do Mundo, o meio-campista era mineiro.

Para Drummond, era de conhecimento dos seus leitores, mas esquecido por parte do Brasil: “a Seleção Brasileira com Cerezo é uma e que, sem Cerezo, essa mesma seleção é outra: é apática, sem brilho, sem relâmpagos”.⁵⁹ E segundo o autor, existia um grupo de culpados pelo brasileiro não se inteirar disso, o desprezo da crônica “do eixo Rio-São Paulo.”⁶⁰

⁵⁵ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 19 de maio de 1982

⁵⁶ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 19 de maio de 1982

⁵⁷ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 19 de maio de 1982

⁵⁸ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 19 de maio de 1982

⁵⁹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 21 de maio de 1982

⁶⁰ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 21 de maio de 1982

Ainda, segundo o autor, mesmo o meio-campista tendo sido escolhido o melhor jogador do Mundialito pela crônica europeia, havia um esforço para que essa informação fosse esquecida, “porque há interesse numa espécie de lavagem cerebral para esquecer tudo aquilo que não convém ser lembrado, em termos de seleção.”⁶¹

Aqui, Drummond apontou os motivos de Cerezo causar esse tipo de amnésia nos torcedores e na crônica esportiva brasileira:

Antes de mais nada, porque Cerezo pertence a um clube de Minas, o Atlético, e não a um clube do Rio de Janeiro ou de São Paulo. Seria totalmente diferente se Cerezo fosse, por exemplo, jogador do Flamengo ou do Corinthians, ou, até mesmo, se fosse do Fluminense ou do Guarani de Campinas.⁶²

O fato do jogador ser atleta do Atlético Mineiro também pode ter influenciado na campanha de Drummond por sua convocação e titularidade. Porém, para ele, um outro aspecto que provocara a perda recente da memória sobre Cerezo possuía motivações econômicas: “Outra coisa: a gente queira ou não, poderosos interesses publicitários investiram muito em algumas figuras da Seleção Brasileira.”⁶³ Drummond apontou que existiria uma ordem de investimentos, que tinha em primeiro lugar Zico, em segundo lugar o técnico Telê Santana, em terceiro Sócrates e em quarto Falcão. A questão econômica da competição mundial ganhou novos contornos com a presidência do brasileiro João Havelange na Fifa, com os primeiros grandes contratos comerciais sendo negociados durante sua gestão na entidade.⁶⁴

Esses seriam, para o cronista, os dois fatores que mais influenciavam o esquecimento do meio campista, mas não só o esquecimento: “Prejudicado por jogar em Minas e, ainda, por não fazer parte do esquema publicitário, Cerezo tem sido sacrificado”.⁶⁵ O autor chegou a escrever que, mesmo que alguns digam que ele estaria vendo assombração de dia, o fato era esse mesmo, o atleta estava sim sendo prejudicado por causa do time em que jogava e por não ser tão relevante publicitariamente como os colegas de seleção.

⁶¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 21 de maio de 1982

⁶² DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 21 de maio de 1982

⁶³ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 21 de maio de 1982

⁶⁴ STEIN, Leandro. João Havelange gostava de poder, não de futebol, e o preço disso foi maior que os ganhos do esporte. Disponível em: <https://trivela.com.br/brasil/joao-havelange-gostava-de-poder-nao-de-futebol-e-o-preco-disso-foi-maior-que-os-ganhos-do-esporte/>. Acesso em: 13 de out. de 2022.

⁶⁵ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 21 de maio de 1982

Para Drummond, os técnicos estrangeiros já sabiam que Cerezo era o jogador mais perigoso da Seleção Brasileira, mesmo que os colegas da crônica esportiva não percebessem. Segundo o cronista, “Aqui, tentaram silenciar essa verdade”⁶⁶. E não parou por aí. Com a vítima mais comum de suas críticas, o técnico Telê foi alertado, “o técnico Telê, que já cometeu muitos pecados, não poderá cometer o pecado mortal, que o condenará ao fogo do inferno, que será uma derrota na Copa do Mundo, de aceitar toda a pressão que ainda existe contra Cerezo”⁶⁷

Ele terminou o texto mostrando que o futebol brasileiro tem influência de seus “donos”, ou melhor, “ex-donos”: Cerezo (e isso eu já escrevia ontem, antes do jogo contra a Suíça), é o mais inquietante jogador da Seleção Brasileira, queiram ou não os ex-donos do futebol brasileiro.”⁶⁸

E não parou por aí. Drummond continuava a mencionar que a sorte do Brasil na Copa do Mundo dependia de um homem, exclusivamente.

Chama-se Cerezo, esse homem? Não. Acaso, chama-se Falcão? Também não. Será Sócrates? Outra vez, não. Será Júnior? Não. Ou Éder? Ainda não. Quer dizer, então, que é o goleiro Valdir Peres? Não. Ah, sim, esse homem de quem depende a alegria esportiva de mais de cem milhões de brasileiros é Zico? Não. Esse homem, de cuja cabeça e de cujo coração depende nossa sorte chama-se Telê Santana? Isso mesmo: Telê Santana⁶⁹

É curioso notar como Drummond retira quase toda a responsabilidade de outros profissionais, não só dos atletas, mas também da comissão técnica. Nesse sentido, Drummond constrói seu discurso alimentando-se da tradição adotada pela crônica esportiva brasileira na qual o papel dos treinadores é superdimensionado na análise do rendimento e da performance das equipes, conforme percebemos abaixo quando ele se refere ao técnico Telê Santana: “como um piloto de avião, de cuja perícia depende um pouso forçado. Como um médico cirurgião de cuja habilidade depende a vida de um paciente.”⁷⁰ Assim como o técnico de futebol, todas essas outras atividades citadas contam também com equipes capacitadas que auxiliam o profissional principal a realizar o trabalho.

⁶⁶ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 21 de maio de 1982

⁶⁷ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 21 de maio de 1982

⁶⁸ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 21 de maio de 1982

⁶⁹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 23 de maio de 1982

⁷⁰ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 23 de maio de 1982

Há três semanas do início da Copa do Mundo, Drummond afirmava que Telê precisaria “se definir sobre questões fundamentais para o sucesso ou fracasso da Seleção Brasileira”⁷¹. E o que era sucesso, para o autor? “É ganhar a Copa do Mundo, reafirmando toda a genialidade do futebol tricampeão do mundo”⁷². Ou seja, não era necessário “somente” vencer a Copa, era preciso também convencer, mostrar que o futebol brasileiro era realmente o melhor e mais genial do mundo, como mostrou em outras edições, principalmente em 1970.

E não serviria, para Drummond, mostrar um belo futebol se a vitória não viesse. “O que é fracasso? É não ganhar a Copa do Mundo. Não me falem em campanha brilhante, isso não serve, se não ganharmos.”⁷³ Lembrando o que ocorreu em 1978, quando foi falado que o Brasil teria sido o campeão moral do torneio na Argentina, Drummond se adiantou e escreveu “Não me falem (oh, nunca mais me falem) em campeões morais, isso é uma conversa do passado.”⁷⁴

O autor continuou apostando que a Seleção Brasileira tinha sim jogadores para vencer o torneio na Espanha. O que faltava, e Drummond estava torcendo para que fosse corrigido a tempo, era que Telê soubesse escalar os onze melhores, mas não só isso, mas que o treinador libertasse os onze escolhidos. O maior medo de Drummond, nesse momento, era que o treinador não tivesse coragem de escalar os onze “certos”.⁷⁵ “Mais do que nunca, é indiscutível que Telê tenha coragem de violentar todas as pressões, tanto as regionais quanto as passionais e as outras, e escalar os onze certos. E, além de coragem, que Telê tenha, ao mesmo tempo, ousadia suficiente.”⁷⁶

Chegando cada vez mais perto da Copa do Mundo, Drummond escreveu que era incrível pensar que o time ainda não estava definido, não tendo então, um conjunto, um esquema um ritmo de jogo próprio. Mesmo assim, Drummond escrevera que não havia espaço para derrotismo. Assim como negava o oba-oba que estava acontecendo algumas semanas antes por parte de colegas da crônica esportiva, o autor negava o espírito de

⁷¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 23 de maio de 1982

⁷² DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 23 de maio de 1982

⁷³ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 23 de maio de 1982

⁷⁴ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 23 de maio de 1982

⁷⁵ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 23 de maio de 1982

⁷⁶ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 23 de maio de 1982

derrota que começava a florescer no jornalismo brasileiro: “Se eu sou contra a euforia excessiva, também sou contra o derrotismo que ganha espaços em vários setores”.⁷⁷

Antes, quando eu condenava a supereuforia e, hoje, quando condeno o desespero, o meu objetivo é um só: contribuir para que o Brasil ganhe a Copa do Mundo e reafirme, mais uma vez, o talento criativo de todos nós brasileiros, talento que um Zico, um Cerezo, um Falcão, um Luizinho, um Sócrates, um Éder, exercem com toda a maestria.⁷⁸

É relevante notar como o autor se coloca como alguém muito importante para o eventual sucesso da seleção na Espanha. Para o cronista, não só ele, mas crônica esportiva de forma geral teria capacidade de influenciar a opinião pública, de modo que a repercussão midiática poderia influenciar na escalação ou no esquema tático adotado na própria Seleção Brasileira. Outro aspecto importante desse trecho é a comparação, mais uma vez, da sociedade brasileira à seleção. O “talento criativo de todos os brasileiros” seria mais uma vez mostrado e revelado se a Seleção conseguisse convencer e vencer na Espanha. O que demonstra novamente sua adesão ao mito da brasilidade como uma estrutura narrativa que vai abastecer suas crônicas.

Ao retornarmos à crônica publicada no dia 23 de maio, percebemos que Drummond reforçou que, naquele momento, tudo dependeria de Telê. E isso era grave, porque se o treinador falhasse, “era uma vez”.⁷⁹ O autor até admitiu que sabia da dificuldade de ser treinador da seleção, não pela dificuldade de escalar e montar um time, mas pela pressão, “pois o futebol é não apenas uma paixão nacional, é uma manifestação realmente democrática, então, o técnico sofre as saudáveis pressões da liberdade”.⁸⁰

Ao final do mês de maio de 1982, Drummond continuava sua luta contra o treinador da seleção, e sua defesa aos jogadores. Para o autor, o que os jogadores precisavam era de um bom descanso, “Descanso físico e mental, longe dessa pressão (e quase opressão) que sofrem aqui no Brasil, e nas vésperas da Copa do Mundo”.⁸¹

Prestes a realizar uma partida contra o Eire, na inauguração do Parque do Sabiá, estádio em Uberlândia, Minas Gerais, Drummond apontou que se os atletas não

⁷⁷ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 23 de maio de 1982

⁷⁸ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 23 de maio de 1982

⁷⁹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 23 de maio de 1982

⁸⁰ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 23 de maio de 1982

⁸¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 27 de maio de 1982

realizassem todas as fantasias dos torcedores, ele incluído, “que compensem todas as nossas frustrações, com uma festa de gols, de dribles, de genialidades. E se eles não forem os super-heróis, os deuses de camisa canarinha”⁸², o que estaria reservado para os jogadores seria “um pedaço do inferno, e os faremos pisar a grama que o diabo plantou”.⁸³

É relevante notar como o autor se coloca não só como parte da imprensa, que teria de ser objetiva na análise, mas como um torcedor comum da Seleção Brasileira, que também espera que os jogadores compensem suas frustrações do dia a dia. A paixão do torcedor Drummond quase sempre é mais forte do que a frieza do jornalista/autor Drummond.

Esta crônica, de quinta-feira, foi a última do mês em que Drummond fez críticas ao treinador. Na verdade, foi a última crítica negativa antes do início da competição, no dia 13 do mês de junho. O autor escreveu, após uma análise da diferença entre o tratamento dos jogadores e do próprio futebol entre Brasil e países da Europa, que continuava

a achar que o esquema de Telê enfia uma camisa de força na criatividade e na característica ofensiva do nosso jogador. Continuo a discordar de Telê, na maneira de forçar o papel dos pontas (ou o jogo pelas pontas). Continuo, como sempre, a achar que Telê errou ao deixar Reinaldo de fora [...] Eu não retiro nada do que disse sobre Telê. Eu não retiro a crítica fundamental: a de que o esquema de Telê atrai o adversário para o nosso campo, logo de saída, porque é um esquema que não leva em conta a capacidade do nosso jogador.⁸⁴

Mesmo após manter firme a opinião de discordar do treinador, apenas três dias depois deste texto, no sábado, Drummond mudou de opinião. Após a partida contra o Eire, na qual a Seleção Brasileira vencera por sete a zero, o autor escreveu que o quadro de Telê já estava pintado, mas ainda não estava finalizado. A “verdadeira Seleção” foi colocada em campo pelo treinador, com os quatro grandes, Zico, Cerezo, Falcão e Sócrates.

Para Drummond, “Quando Telê tirou Paulo Isidoro e colocou Cerezo, ficou claro como é importante a crítica, e, não, um cego e inútil oba-oba”.⁸⁵ As críticas da

⁸² DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 27 de maio de 1982

⁸³ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 27 de maio de 1982

⁸⁴ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 27 de maio de 1982

⁸⁵ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 29 de maio de 1982

crônica esportiva “séria” teriam ajudado na mudança de opinião sobre o meio-campista brasileiro, que ao que parecia naquele momento, seria titular a partir da segunda partida da Copa do Mundo na Espanha.

O autor continuou apontando que

Telê acabou cedendo a boa parte da crônica esportiva brasileira (entre a qual me encontro), que quer a presença dos quatro grandes na seleção. Eu mesmo, e permitam-me avivar a memória de vocês, cheguei a fazer uma crônica, neste minifúndio de papel, em que entrevistava um menino de 7 anos, personagem fictício, inventado por mim para melhor embalar o tema, que dava a dica para Telê colocar os quatro grandes, pois que nenhum deles pode mesmo ficar de fora.⁸⁶

Porém, para Drummond, não teria sido apenas essa a mudança do treinador. “Telê, na verdade, abriu mãos das prerrogativas de ditador, que lhe faculta a condição de técnico da Seleção Brasileira, e aceitou o diálogo nacional, e, mais do que isso: aceitou uma sugestão nacional.”⁸⁷ Curioso notar como o autor coloca a imprensa e seus cronistas esportivos como a voz da opinião nacional. Apesar de entendermos que parte dos torcedores concordava com a escalção do jogador, não é possível mensurar essa opinião. Ou seja, o autor se coloca na posição de um porta voz dos torcedores brasileiros, uma espécie de representante autorizado para falar em nome da nação.

Nesse sentido, Drummond escreveu que uma Seleção Brasileira não se fazia apenas com o trabalho coletivo dos jogadores, treinador, comissão técnica, preparador físico, do auxiliar do técnico e do médico, mas contava também com a participação, das críticas e dos olhos abertos da crônica esportiva e também da torcida.⁸⁸

As mudanças colocadas em prática por Telê fizeram Drummond confiar na vitória do quarto título mundial pela Seleção: “a Seleção Brasileira, libertando-se das amarras defensivas e colocando todas as suas estrelas de primeira grandeza em campo, surge, simplesmente, como a melhor de todas as grandes seleções que sonham com o título na Espanha”.⁸⁹

Outra mudança apontada por Drummond foi em relação ao esquema de jogar de Telê, que seria muito defensivo, e para o autor, teria caído por terra também nessa

⁸⁶ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 29 de maio de 1982

⁸⁷ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 29 de maio de 1982

⁸⁸ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 29 de maio de 1982

⁸⁹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 29 de maio de 1982

última partida antes da Copa do Mundo, isso porque o treinador colocou Éder no lugar de Dirceu, o primeiro um ponta esquerda de velocidade.

Sendo o esquema ofensivo, Drummond escreveu que “A essa seleção, pela qual lutei, não tenho crítica a fazer”⁹⁰. As mudanças adotadas por Telê, muitas das quais vinham sendo sugeridas pelo próprio autor ao decorrer do mês de maio, fez com que ele mudasse o tom não só sobre o time, mas sobre o próprio treinador: “Quanto ao mais, penso que agora, Telê é o técnico de uma espécie de união nacional: é o técnico de todos e a seleção volta a ser a amada seleção canarinha do Brasil, pela qual valem todos os gritos, todos os cantos, todas as lágrimas, todos os abraços”⁹¹.

O treinador, que era tratado como o “ditador” do futebol brasileiro, passou a ser considerado, após algumas alterações de jogadores e no esquema tático, o treinado da união nacional. Ao fim deste texto, Drummond voltou a fazer referência à ideia de que os jogadores brasileiros seriam a representação de todos os brasileiros, desta vez de forma mais objetiva. “Agora é esperar a Espanha e torcer pelos nossos irmãos de camisa canarinha, representantes da genialidade e da invenção do povo brasileiro na Copa do Mundo”⁹².

Chegara o mês da Copa do Mundo da Espanha e Drummond pediu, em sua primeira crônica, um mito para a Seleção Brasileira. “Precisa-se de um mito. Um mito como Garrincha. Um mito como Pelé. Esta é, talvez, a grande necessidade da Seleção Brasileira”⁹³. Após as mudanças feitas por Telê, que tranquilizaram o cronista, este mudou as maiores necessidades da seleção canarinha: “É que temos muitos ídolos, todos regionais, por sinal, mas ainda não temos um mito”⁹⁴.

Para ele, as três seleções brasileiras campeãs do mundo tinham mitos. E a de 1982 poderia voltar da Espanha com “um mito para chamar de seu”. Isso dependeria de apenas um fator, que não era ser campeã, mas que a seleção jogasse bem, “é preciso que a seleção de Telê jogue bem, que enfeitice as imaginações. Fatalmente, não vai ser

⁹⁰ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 29 de maio de 1982

⁹¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 29 de maio de 1982

⁹² DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 29 de maio de 1982

⁹³ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 1º de junho de 1982

⁹⁴ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 1º de junho de 1982

necessário que a seleção seja campeã do mundo [...]”⁹⁵, mesmo que ele tenha escrito, alguns dias atrás, que não interessava a ele que o Brasil só jogasse bem, mas que era fundamental ser o campeão de fato do torneio.

Evidentemente não há como analisar os textos apenas de forma objetiva, porque Drummond é um torcedor, apaixonado. Ele mesmo escreveu isso. Em uma conversa com uma leitora por telefone, sobre um dirigente do Cruzeiro, o cronista disse a ela que “o futebol é uma manifestação apaixonada. É como a política [...] E no meio da paixão, não creio que possa haver lugar para a razão, entende?”⁹⁶

Ainda comparando o futebol com a política, a três dias do início da Copa do Mundo da Espanha, o autor escreveu que muitas vezes, a espera por um jogador ao final das partidas, parece a espera por um deus, e que “muita gente condena o amor dos simples, a devoção dos simples, pelos ídolos do futebol. Certas pessoas torcem o nariz e dizem: - É uma alienação...”⁹⁷. Mas não Roberto Drummond:

Mas eu vou dizer uma coisa a vocês: eu entendo o que sentem os devotos dos jogadores de futebol. Entendo, porque já fui um deles, quando menino e adolescente. E sei quantas alegrias os jogadores de futebol deram ao meu mundo. Pensando bem, fazendo um balanço, eu diria a vocês, considerando não só minha infância e a juventude, também a minha vida adulta: nenhum político brasileiro, tenha o nome que tiver, vivo ou morto, deu uma fatia de alegria imensa que me deram os ídolos de futebol.⁹⁸

Nesta crônica, o autor fez referência a dois temas que são caros a eles, mas que não estão necessariamente relacionados ao futebol, que são a religião e a política. Como vimos no segundo capítulo, era muito comum que essas temáticas fossem abordadas por Drummond, mesmo em momentos tão importantes como a semana de início da Copa do Mundo. Ele terminou a crônica com uma frase que, para mim, resume a interseção entre futebol e política na vida de Roberto Drummond: “Garrincha foi o grande estadista da minha vida”.⁹⁹

Na véspera do início da Copa do Mundo na Espanha as crenças voltaram a ser o tema central da crônica de Drummond. Segundo o autor, a seleção de Camarões teria levado um feiticeiro para a competição, e para o cronista, se alguém acredita, vale a

⁹⁵ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 1º de junho de 1982

⁹⁶ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 3 de junho de 1982

⁹⁷ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 10 de junho de 1982

⁹⁸ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 10 de junho de 1982

⁹⁹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 10 de junho de 1982

pena, “Aliás, em época de Copa do Mundo, tudo vale”,¹⁰⁰ e continuou explicando: “Porque, durante uma Copa do Mundo, que é uma espécie de guerra, todos ficam muito sensíveis, predispostos a crenças. E, nessas ocasiões, a fé, tanto em Deus como nas divindades da umbanda, por exemplo, aumenta muito no Brasil.”¹⁰¹

“Tudo que for a favor do Brasil campeão na Espanha, há de ser bom”.¹⁰² Essa frase não é uma surpresa vinda de Drummond, que tem em várias obras a presença de videntes, e inclusive já disse em entrevistas que uma dessas influenciou sua carreira. O autor continuou citando que qualquer crença na Seleção Brasileira era motivo de acreditar e torcer mais: “Os apostadores de Londres preferem a Seleção Brasileira? Ótimo. Um computador russo anuncia que o Brasil será campeão na Espanha? Viva o computador russo!”¹⁰³

O próprio autor, que disse por várias vezes durante a vida ser católico. Escreveu que não há nada de censurável em crer em outras religiões nos momentos difíceis: “Confesso que, eu mesmo, nos momentos cruciais ou difíceis da minha vida, me agarrei com os santos da Igreja Católica e também com as divindades da Umbanda. Se valeu? Eu respondo: Valeu. No caso do futebol, muitos times se valem da macumba, e com sucesso.”¹⁰⁴

Indo além, Drummond não deslegitimava nenhuma crença, seja relacionada ao futebol ou não: “É que o futebol, visto de dentro, é uma paixão sujeita a toda espécie de fé ou crença. Evito a palavra credence, por achar que ela não é válida hoje em dia”.¹⁰⁵ E terminou o texto da véspera do início da Copa escrevendo que

Na guerra do futebol, a vitória é o que conta, e para que cada jogador fique mais forte, seja da seleção de Camarões, do Brasil ou da Inglaterra (que crê muito em fantasmas e em feiticeiros), tudo acaba sendo permitido. Em outros tempos, era difícil dizer o que estou dizendo: havia muito preconceito e o que, hoje, é uma religião respeitável, era caso de polícia. Agora mudou. E, durante a Copa do Mundo, todos os deuses (e computadores) são bem-vindos.¹⁰⁶

¹⁰⁰ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 12 de junho de 1982

¹⁰¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 12 de junho de 1982

¹⁰² DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 12 de junho de 1982

¹⁰³ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 12 de junho de 1982

¹⁰⁴ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 12 de junho de 1982

¹⁰⁵ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 12 de junho de 1982

¹⁰⁶ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 12 de junho de 1982

Portanto, é perceptível que na concepção de Drummond, o futebol, para além das suas dimensões táticas e técnica está inserido também na esfera metafísica. Atributos como fé, crença, feitiçaria e religiosidade disputam o mesmo espaço simbólico onde habitam os indicadores de treinamento, performance, desempenho e técnica.

3.2 A Copa do Mundo de 1982 nas crônicas de Roberto Drummond

Começara a Copa do Mundo para o Brasil. O primeiro jogo da Seleção Brasileira aconteceu no dia 14 de junho, contra a União Soviética. O adversário começou surpreendendo, e marcou primeiro com Andriy Bal, aos 34 minutos do primeiro tempo, em um lance que contou com uma falha do goleiro Waldir Peres. Em um chute feito da intermediária pelo meio campista soviético, uma bola relativamente fácil não foi defendida pelo brasileiro.

A seleção conseguiu a virada nos últimos 15 minutos da partida, em dois gols. O primeiro de Sócrates aos 30 minutos do segundo tempo, e o segundo de Éder Aleixo. Os dois gols dos meio-campistas foram de fora da área, o primeiro em uma bela jogada individual, e o segundo em uma jogada coletiva da seleção.

Mesmo com os belos gols, a crônica de Drummond do dia seguinte focou no erro do goleiro são paulino: “O que salta na minha frente agora não é o lance genial de Sócrates empatando o jogo. Não é o canhão fatal de Éder nos salvando, não. O que pula em mim agora, e fica, como um tape parado, é a figura do goleiro Waldir Peres depois que a bola o traiu. Ah, Waldir Peres”.¹⁰⁷

O autor tentou mostrar em seu texto que a falha não foi culpa apenas do goleiro, mas teria sido causada pela traição da bola, a quem dois dias atrás ele pediu paz. A bola

nos monta, a cada esquina do jogo, uma cilada. Mesmo os maiores goleiros do mundo conheceram o gosto amargo da traição de uma bola. [...] Então, o que aconteceu com você, Waldir Peres, foi um lance doloroso, sim, mas normal na vida de um goleiro, mesmo quando é um grande goleiro¹⁰⁸

Drummond escreveu que, no momento do gol, reinava a mais absoluta solidão dentro do coração de Waldir Peres, “a louca solidão de um goleiro que acaba de engolir

¹⁰⁷ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 15 de junho de 1982

¹⁰⁸ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 15 de junho de 1982

um frango”¹⁰⁹, e mobilizando as suas tradicionais figuras de linguagem, perguntava ao coração do goleiro:

Qual a vontade que dá num homem, mais exatamente, um goleiro, na hora em que deixa passar uma bola tão importante para alegria de 120 milhões de almas de um povo muito amado? [...] Há alguma reza que se queira rezar? Há alguma lágrima que se queira chorar? Há algum grito que se queira gritar? Há?¹¹⁰

Mas para Drummond, a traição da bola não foi necessariamente ruim. Na verdade, mostrou o poder de reação da Seleção Brasileira: “Bendita hora, Valdir Peres, que a bola, usando toda a traição de que falam os sambas e os boleros, traiu você; foi naquela hora (que parecia maldita) que a Seleção Brasileira foi desafiada e pôde mostrar tudo que é uma representante legítima do país de Pelé, de Garrincha e de Tostão.”¹¹¹

A análise mais objetiva do jogo veio no dia seguinte. A crítica maior ficou com Zico e com Telê, mais uma vez. Sobre o atacante do Flamengo, Drummond escreveu que se perdeu o jogador em Sevilha: “Quem souber de seu paradeiro, favor se comunicar com o técnico Telê, que será realmente recompensado”.¹¹² Ainda segundo o autor, essa não era uma crítica regionalista ou bairrista, na verdade o que ele queria com suas palavras era salvar o futebol de Zico para o restante da competição, “levando-o a reencontrar todo o seu genial futebol”.¹¹³

Não só Zico estaria perdido em campo, mas a maioria dos jogadores brasileiros. Para Drummond, “A rigor mesmo, para mim, só três se acharam, ou melhor, quatro”.¹¹⁴ Esses quatro foram Éder, Falcão, Sócrates, e, por último, Paulo Isidoro, que jogou apenas 45 minutos da partida.

Para o treinador, sobrou quase toda a culpa, a ponto de ter seu esquema tático chamado de “doença infantil”¹¹⁵ pelo autor. O fato de os jogadores estarem perdidos era responsabilidade de Telê, mesmo dando mais liberdades aos atletas, como o lateral-esquerdo Júnior. A final do texto, Drummond pediu mais uma vez um rearranjo no

¹⁰⁹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 15 de junho de 1982

¹¹⁰ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 15 de junho de 1982

¹¹¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 15 de junho de 1982

¹¹² DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 16 de junho de 1982

¹¹³ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 16 de junho de 1982

¹¹⁴ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 16 de junho de 1982

¹¹⁵ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 16 de junho de 1982

esquema tático: “É hora, enfim, de dar à Seleção Brasileira uma estratégia ofensiva, curá-la do defensivismo que obriga um Zico a se anular”.¹¹⁶

Na crônica seguinte, Drummond voltou a pedir mudanças no esquema tático brasileiro, repetindo as críticas que já havia feito à famosa frase “em time que está ganhando não se mexe”. Para o autor, era preciso mexer sim, mesmo com a vitória do Brasil na estreia. E a mudança fundamental era a titularidade de Cerezo, como já comentamos nesse capítulo. Para Drummond, “A entrada de Cerezo é um reforço”¹¹⁷

Ao citar as virtudes do futebol, Roberto Drummond escreveu a frase que dá título à essa pesquisa: o futebol “é uma atividade democrática, condicionada pela paixão, mas democrática”.¹¹⁸ Com essa frase, Drummond citou as diferentes opiniões sobre a mudança ou não para a entrada de Cerezo como titular da seleção. Mesmo com a dimensão passional do futebol, “Certas horas, no entanto, para ganhar, o técnico de uma Seleção não pode ter coração: ele tem que ter cabeça”.¹¹⁹ A entrada de Cerezo era importante para Drummond porque, mesmo tendo vencido a União Soviética, a seleção não havia convencido.

E Telê teve mais cabeça do que coração. No dia 18 de junho, a Seleção Brasileira venceu e convenceu contra a Escócia, com o placar de quatro a um. Os gols foram marcados por Zico, José Oscar, Éder Falcão e David Narey pelo lado escocês. E diferentemente de Telê, Drummond era só coração e elogios em sua crônica: “Saibam vocês: o grande herói dos 4x1 (e da classificação) não se chama Zico”.¹²⁰

Depois de elogiar grande parte do elenco, Drummond revelou que “o grande herói é o técnico da Seleção Brasileira. O grande herói se chama Telê Santana”¹²¹. Mais uma vez, assim como na Copa do Mundo de 1978, após uma grande atuação da Seleção Brasileira, Drummond rasgou elogios ao treinador. Todos os elogios ao treinador são referentes à coragem de colocar em campo, como titulares, os grandes craques da seleção, “nocauteando” o tabu no qual se dizia que em time que está ganhando não se mexe.

¹¹⁶ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 16 de junho de 1982

¹¹⁷ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 17 de junho de 1982

¹¹⁸ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 17 de junho de 1982

¹¹⁹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 17 de junho de 1982

¹²⁰ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 18 de junho de 1982

¹²¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 18 de junho de 1982

Com a mudança de postura do treinador, Drummond passou a acreditar que a Seleção Brasileira era a melhor equipe que se apresentara até então na Espanha, tanto pelo esquema, como pela qualidade individual dos jogadores, “que são os mais fascinantes do mundo, no momento. Cada craque brasileiro é um feiticeiro. É um mágico e um inventor. É um malabarista.”¹²². Por fim, escrevendo toda a dualidade presente em seu ser, Drummond apontou que “liderando esses jogadores que parecem ter parte com Deus e (Deus que me perdoe) parecem ter parte também com o Diabo, está o grande herói Telê Santana”.¹²³

A última partida da Seleção Brasileira na primeira fase foi contra a seleção da Nova Zelândia, e mais uma vez o Brasil goleou. Quatro a zero com dois gols de Zico, que para Drummond foi o melhor jogador da partida, um de Falcão e outro anotado por Serginho Chulapa. Os elogios do autor foram para todo o time, principalmente para Sócrates e Cerezo, que “não é apenas um. Cerezo é dois e, às vezes, Cerezo é três”.¹²⁴

Já sabendo que a Seleção Brasileira iria enfrentar a Argentina e, provavelmente, a Itália nas próximas fases, Drummond apontou que mesmo que a Nova Zelândia fosse uma seleção fraca, a vitória brasileira ajudava a vencer a batalha psicológica contra os argentinos e italianos: “o Brasil começou a vencer, antes da hora a guerra de nervos, a batalha psicológica, a batalha estratégica contra a Argentina”¹²⁵, próxima adversária do Brasil.

Antes das partidas decisivas, Drummond novamente comparou as seleções brasileiras de 1970 e 1982. Para ele, ainda era cedo para afirmar que a seleção de 1982 era melhor que a de 1970:

Bom, comparando, se é que isso é possível, eu penso que a seleção atual é como uma menina de 15 anos. A seleção atual está sonhando com uma dança de debutante. A seleção atual está doida para dançar a valsa dos 15 anos. [...] A seleção de 70 era como uma mulher de 30 anos. A Seleção Brasileira de 1970 já tinha perdido as ilusões da menina de 15 anos, que se apaixona pelo galã de novela ou pelo astro de um filme. A Seleção Brasileira de 1970 era mulher de 30 anos já sofrida e vivida.¹²⁶

¹²² DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 18 de junho de 1982

¹²³ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 18 de junho de 1982

¹²⁴ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 24 de junho de 1982

¹²⁵ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 24 de junho de 1982

¹²⁶ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 25 de junho de 1982

Mesmo não tendo crescido e aparecido ainda, a Seleção Brasileira de 1982 era, para Drummond, a favorita contra a Argentina no primeiro jogo da segunda fase da Copa do Mundo na Espanha. O autor escreveu que a seleção argentina era muito vulnerável, tanto ofensivamente como defensivamente, podendo ser considerada “um tigre ferido”.¹²⁷ Mesmo analisando as vantagens do time brasileiro frente ao argentino, não havia clima de já ganhou na crônica drummondiana, “Mesmo porque o futebol da seleção de Menotti é irmão do futebol da seleção de Telê e, depois, não podemos nos esquecer da rivalidade entre Brasil e Argentina em matéria de futebol.”¹²⁸

A confiança para o jogo contra a Argentina continuou nos dias que antecederam a partida,

Unindo corações e mentes e pernas e estratégias e a nossa genialidade que, na soma das estrelas, é maior do que a dos argentinos. [...] Se o Brasil for Brasil, ele vencerá. Se o Brasil não for Brasil, ele perderá. [...] Dá para acreditar no Brasil: é isso que conta. Somos melhores e devemos vencer¹²⁹

Porém, a desconfiança também estava presente. “Vai dar tango? Ou vai dar samba? [...] A chance maior é de dar samba.”¹³⁰ Drummond afirmou assim porque, segundo ele, a seleção argentina dependia muito da estrela Maradona para marcar gols, enquanto o Brasil tinha muito mais opções no ataque e meio de campo. Para o cronista, a única posição em que a Argentina era melhor que o Brasil era o gol, “pois que Fillol é, sim, muito mais goleiro que Valdir Peres”.¹³¹ A Seleção Brasileira só não podia, escreveu Drummond, perder a cabeça nem a razão.

E o Brasil manteve a cabeça e a razão no lugar. A seleção canarina venceu os *hermanos* por três a um, com gols de Zico, Júnior e Serginho Chulapa. O gol argentino foi anotado por Ramón Díaz. Para a estrela Maradona, sobrou apenas uma expulsão ao final da partida. Não faltaram elogios de Drummond para a equipe brasileira: “Aleluia: foi a maior de todas as exibições da Seleção Brasileira nesta Copa do Mundo da Espanha”¹³².

¹²⁷ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 30 de junho de 1982

¹²⁸ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 30 de junho de 1982

¹²⁹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 1º de julho de 1982

¹³⁰ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 2 de julho de 1982

¹³¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 2 de julho de 1982

¹³² DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 3 de julho de 1982

Drummond se animou não só pela vitória maiúscula do Brasil, mas, principalmente, por ter sido contra o adversário mais difícil até então, uma seleção também sul-americana e campeã mundial, como a brasileira. “Eu hoje dou nota 10 à Seleção Brasileira. É a primeira vez, nesta Copa do Mundo, que dou a nota máxima a nossa seleção”.¹³³

Para o autor, a vitória não deveria ser tributada apenas aos aspectos técnico e tático, mas também psicológico, o que, segundo ele, afastaria fantasmas e místicas contra a seleção argentina. Todo o elenco foi elogiado por Drummond, inclusive o treinador, antes tão criticado, agora também recebeu a nota 10 do nosso cronista. Mesmo citando alguns defeitos a corrigir, Roberto Drummond afirmou que a Seleção Brasileira estava novamente jogando, naquele momento, o futebol mais bonito do mundo.

Ele terminou a crônica com palavras de esperança e alegria, mais uma vez comparando o povo brasileiro com seus representantes na Espanha:

Ah, e eu queria deixar com vocês agora, de mistura com o chute de Éder, o samba com que o lateral-esquerdo Junior festejou seu gol contra a Argentina. Eu podia dizer que nós, brasileiros, estamos na fé, na força e fúria do chute de Éder, mas nós brasileiros estamos, também nos passes de samba com que Junior festejou seu feito. Nós, brasileiros, estamos na alegria – não estamos no ódio pré-fabricado.¹³⁴

Não houve tempo para uma crônica pré-jogo contra a seleção italiana, última e decisiva partida na segunda fase da Copa da Espanha. A seleção vencedora seria a classificada para as semifinais. E deu Itália. Com uma atuação quase irretocável do atacante Paolo Rossi que assinalou três gols, a Itália despachou o Brasil, se sagrando tricampeã dois jogos depois.

A crônica da derrota não esboçou nenhum tipo de análise técnica. A publicação foi um diálogo entre Drummond e sua filha, em que alguns trechos valem a pena serem trazidos aqui:

Você tem só dez anos e você precisa aprender a perder... Aprender a perder pra que, pai? Pra você viver melhor, minha filha... Mas Eu não quero aprender a perder, pai, eu quero aprender é a vencer, pai [...] Seria muito bom se o Brasil Ganhasse, minha filha. Seria muito bom pra você, para mim, pra sua mãe e pra todo o povo brasileiro, se o Brasil ganhasse. O povo brasileiro

¹³³ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 3 de julho de 1982

¹³⁴ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 3 de julho de 1982

não tem muita alegria, não, minha filha, então é no futebol que ele se alegra...”¹³⁵

Juntamente com a análise da derrota nos textos seguintes, vieram também comentários sobre a função do futebol, principalmente no Brasil, e a necessidade de não crucificar ou criar bodes expiatórios no elenco de 1982, como estavam fazendo outros jornalistas:

“Eu podia conseguir uma cruz. Providenciar pregos. Arranjar um bom martelo. E crucificar o técnico Telê Santana. Não faltariam os Pilatos que iam lavar as mãos, enquanto eu pregava Telê na cruz. [...] Mas seu eu crucificasse quem quer que seja, Telê ou seus jogadores, estaria sendo injusto”.¹³⁶

Mesmo com todas as críticas feitas ao treinador, Drummond escreveu, após a desclassificação da seleção, que não poderia crucificar o treinador em um momento de tamanha dor e sofrimento de todo o Brasil. Na verdade, o que fez, foi escrever que “o técnico Telê Santana criou uma linda, uma inesquecível Seleção Brasileira”.¹³⁷

O erro, como havia adiantado dias antes, foi a imaturidade da seleção, a ingenuidade da “maior de todas as seleções”¹³⁸ da Copa do Mundo na Espanha. Os brasileiros teriam sido “traídos por um estado de espírito que acabou contaminando nossos jogadores, de Valdir Peres a Éder, e a nosso próprio técnico Telê Santana”.¹³⁹

A ideia de não criar e cultivar culpados máximos pela derrota foi o tema central após a desclassificação. Criticando analistas e cronistas de outras áreas que “caíram de paraquedas” no futebol após a derrota para a Itália, Drummond escreveu quase uma ode ao esporte:

Todos os que, de uma forma ou de outra, descem de pára-quedas sobre a dor de um povo, não sabem o que o jogador de futebol significa para as multidões brasileiras. Qual o maior político, e o maior líder para a torcida do Flamengo no Rio de Janeiro? É Zico, porque Zico dá à torcida do Flamengo o que nenhum político ou líder dá: Zico dá festa, dá gols, dá alegrias para multidões que não têm nada.¹⁴⁰

E continuava, em sua comparação entre a paixão do futebol e a política nacional:

Nenhum estadista brasileiro, nem os dois maiores, que a meu ver foram Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek – nem eles podem competir, no

¹³⁵ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 6 de julho de 1982

¹³⁶ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 7 de julho de 1982

¹³⁷ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 7 de julho de 1982

¹³⁸ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 7 de julho de 1982

¹³⁹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 7 de julho de 1982

¹⁴⁰ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 8 de julho de 1982

coração do povo brasileiro, com jogadores como Pelé, Garrincha, Nilton Santos, Didi, Jairzinho, Carlos Alberto, Tostão, para citar só alguns [...] O assunto mais popular do Brasil é o futebol, porque o futebol é a paixão mais enraizada que existe [...] É uma paixão democrática, o futebol, aliás. Em nenhum momento da História do Brasil, nos vimos uma democracia tão aberta e tão verdadeira como a que existe nos estádios brasileiros, nos quais o coração é livre, a boca é livre, a vaia é livre, o assovio é livre, o choro é livre, mas também o canto é livre.¹⁴¹

Para terminar, o autor mostrou que entendia o futebol como manifestação cultural importante do Brasil, e não como manipulação do povo como alguns acreditavam e ainda acreditam: “A dor que o Brasil está vivendo é tão respeitável como qualquer outra dor. É uma dor séria. Nada tem de ópio do povo, nada tem de alienação, nada tem de subdesenvolvida, nada tem de dor desperdiçada. Com essa dor, teceremos os fios da alegria”.¹⁴²

Continuando a sua defesa de não criar bodes expiatórios na Seleção Brasileira, Drummond fez algo que vimos poucas vezes, ele defendeu colegas da crônica esportiva paulista e carioca, mas não todos eles: “Para dizer a verdade, a atitude da maioria mais responsável da crônica esportiva brasileira, tanto no Rio como em Minas, em São Paulo como em Porto Alegre, é uma atitude madura, de recusar-se a encontrar bodes expiatório e a fazer uma caça às bruxas”.¹⁴³

E não era somente nos jornais que o cronista via essa atitude madura, mas também em todo o povo brasileiro: “Por outro lado, a reação da maioria do povo brasileiro é, também, no sentido de suportar a dor, sem crucificar ninguém”.¹⁴⁴ O próprio Drummond, que quatro anos antes chegou a impor a derrota ao treinador, escreveu dessa vez que “O queijo da culpa tem que ser repartido, irmãmente, entre todos os jogadores e o técnico, porque o pecado (e o grande erro) da Seleção Brasileira foi do todo, não só desta ou daquela parte do queijo.”¹⁴⁵

Até porque, depois de elogiar todo o elenco, incluindo Telê Santana, em suas próprias características, Drummond lembrou o leitor de que “A beleza de nosso futebol continua. A genialidade do jogador brasileiro continua. Tivemos apenas um tropeço, erramos, esta é que é a verdade, e fomos punidos por nossos erros, mas nem por isso o

¹⁴¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 8 de julho de 1982

¹⁴² DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 8 de julho de 1982

¹⁴³ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 9 de julho de 1982

¹⁴⁴ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 9 de julho de 1982

¹⁴⁵ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 9 de julho de 1982

futebol brasileiro morreu, nem por isso: continua maravilhoso”.¹⁴⁶ Assim como fez quando a Seleção venceu no torneio, Drummond também colocou todo brasileiro como responsável pelos erros e pela derrota na Espanha.

No último dia da Copa do Mundo, em que a seleção Italiana se sagrou campeã contra a Alemanha Ocidental, Drummond voltou a escrever que a Seleção Brasileira não estava completa, por meio de seu lirismo bem conhecido

A Seleção Brasileira foi uma sinfonia inacabada. Foi um quadro maravilhoso, diante do qual dava vontade de cantar, mas que você olha hoje e sente que o pintor não o terminou: ficou faltando uma maçã lá na extrema direita do quadro, ficou faltando um olho da moça que come a maçã, etc.¹⁴⁷

Como escritor que foi, Drummond também usou uma metáfora da literatura para explicar a Seleção de 1982, uma das que até hoje é mais lembrada pelo belo futebol, e definida por Drummond como “uma seleção genial, mas que não estava pronta”.¹⁴⁸

A Seleção Brasileira de Telê Santana foi como uma obra-prima da literatura, um romance que agarra você desde a primeira página, que não deixa você almoçar, não deixa você dormir, mas que, lá pela página 200, acaba de repente, deixando em você a sensação de que estavam faltando os três mais emocionantes capítulos.¹⁴⁹

Na verdade, para Roberto Drummond, o que ajudou, e muito, para a derrota da Seleção Brasileira na Espanha, foi o clima de já ganhou, o oba-oba, “criado por músicas, [...] os anúncios na televisão para venderem os produtos típicos da sociedade de consumo, viraram a cabeça de todo mundo, inclusive dos próprios jogadores”.¹⁵⁰

Após o fim da competição, no restante do mês de julho e no mês de agosto, Roberto Drummond voltaria a mencionar a Seleção Brasileira apenas para criticar o técnico Telê Santana, e mencionar a não convocação de Reinaldo. Ao afirmar que a Seleção de Telê “era um aglomerado brilhante e genial de estrelas solitárias. Estrelas solitárias inesquecíveis, mas solitárias.”¹⁵¹, Drummond continuou defendendo que a culpa da derrota teria sido coletiva, mas dessa vez ele escreveu que teria, talvez, como principal responsável, o treinador, e não um ou outro jogador individualmente.

¹⁴⁶ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 10 de julho de 1982

¹⁴⁷ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 11 de julho de 1982

¹⁴⁸ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 11 de julho de 1982

¹⁴⁹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 11 de julho de 1982

¹⁵⁰ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 11 de julho de 1982

¹⁵¹ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 22 de julho de 1982

Continuando as críticas ao treinador, Drummond escreveu também que Telê teria esquecido de Reinaldo, o colocado em uma lista negra: “Foi ele, Telê Santana, quem pregou o último prego na crucificação de Reinaldo”¹⁵², não convocando o atacante atleticano para a Copa do Mundo da Espanha. Mesmo assim, após a competição, Reinaldo voltara a jogar bem e a se destacar dentro de campo, recebendo altas propostas de outros times brasileiros, como o Botafogo. Roberto Drummond chegou a escrever que Telê não convocava Reinaldo “Porque Telê Santana não gosta das amizades de Reinaldo, não gosta das opiniões de Reinaldo, não gosta da liberdade de falar o que pensa de Reinaldo, não gosta dos partidos políticos a que Reinaldo se sente mais chegado.”¹⁵³, voltando a usar o argumento de que a política estaria afastando o atacante da seleção brasileiro, como aconteceu em 1978.

Para Drummond, Telê continuava com a mesma arrogância de antes da Copa do Mundo, mesmo com a derrota. O autor defendeu, então, a saída do técnico antes mesmo do fim do ano ou do contrato, pelo fracasso do treinador a frente da Seleção Brasileira. Com o fim da competição, Roberto Drummond voltou a tratar dos assuntos relacionados aos campeonatos nacionais, dando mais ênfase aos times mineiros, e dentre eles, ao Atlético Mineiro. Então, quando falava de Seleção Brasileira, era somente para lembrar de Reinaldo, um eterno injustiçado na visão do cronista.

¹⁵² DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 20 de julho de 1982

¹⁵³ DRUMMOND, Roberto. Coluna Bola na Marca, *Jornal Estado de Minas*, 25 de julho de 1982

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivos analisar as crônicas esportivas escritas por Roberto Drummond, publicadas no *Jornal Estado de Minas* durante as Copas do Mundo de futebol dos anos de 1978 e 1982. Partimos do pressuposto que o autor é um dos expoentes de uma cultura política democrática brasileira, cujas representações podem ser aferidas em sua obra literária e jornalística. Por meio da análise documental e da revisão bibliográfica foi possível extrapolar os objetivos iniciais, de maneira que aspectos culturais das crônicas ganharam relevância em detrimento das dimensões estritamente políticas, a exemplo da notória filiação do autor à tradição inaugurada por Mário Filho e cristalizada pelo seu irmão Nelson Rodrigues.

Assim, entendemos que Roberto Drummond continuou, em suas análises que extrapolaram e muito as 4 linhas dos campos de futebol da Argentina e da Espanha, uma forma de entender o esporte mais popular do Brasil como parte da sociabilidade nacional. Rodrigues e Drummond tinham uma visão popularesca do futebol, colocando-o como parte essencial da sociedade brasileira, afastando-o da ideia de ópio do povo.

Nesse sentido, as análises realizadas aqui se inspiraram tanto nas abordagens da História Política do Esporte quanto na História Cultural do Esporte. Além disso, a pesquisa se baseou na teoria desenvolvida por historiadores da Nova História Política, a qual desenvolve a ideia de que o campo político não está presente somente na política institucional, mas nas práticas e representações de sociabilidade, como é o caso do futebol.

A hipótese inicial de que Roberto Drummond estaria utilizando o espaço supostamente menos censurado das crônicas esportivas para tratar de temas políticos especialmente na Copa de 1978 não foi desenvolvida, uma vez que por escassez de fontes não conseguimos demonstrar que essa estratégia foi, de fato, mobilizada pelo cronista. O fato de não reunirmos elementos que pudessem nos evidenciar a existência da censura interna no *Jornal Estado de Minas* nos levou a analisar apenas os discursos do autor, sem inquirir o espaço de sua produção.

A ideia de acomodação/conciliação entre o *Jornal Estado de Minas*, que havia apoiado o golpe de 1964, e Roberto Drummond, que na juventude fazia parte do Partido

Comunista Brasileiro também não foi confirmada, mas também não foi desmentida, uma vez que não conseguimos informações sobre a dinâmica e o ambiente de trabalho no período em que o autor foi funcionário do jornal. Tampouco foi possível confirmar ou negar se houve autocensura nos textos de Drummond.

Assim, ao longo da pesquisa, foi possível enquadrar Drummond não como jornalista, mas como autor e cronista que se colocava como representante de uma cultura política democrática e popular, já que ele se apresentava como defensor de um futebol brasileiro igualmente democrático e popular. Essas características se mostraram em vários momentos de seus textos, seja em 1978 ou em 1982, períodos nos quais o autor defendeu a liberdade dos atletas dentro de campo, frente à esquemas táticos pensados pelos treinadores das duas Seleções Brasileiras analisadas.

Tanto em 1978, como em 1982, o autor defendia que os jogadores fossem posicionados considerando suas características individuais. Ou seja, a partir da performance individual apresentada pelo jogador nos seus respectivos clubes, a escalação da seleção, assim como o desenho tático, deveria preservar as características que sobressaíssem nos atletas de modo que na seleção, o jogador pudesse performar em um nível semelhante ao que era habituado em seu clube de origem.

Ao mesmo tempo, entendemos não ser possível realizar uma análise “100% objetiva” dos textos escritos pelo cronista. Roberto Drummond não era regido pelas regras jornalísticas, pela busca da objetividade e da “informação fria” de seus colegas de jornal. Em muitos momentos foi possível perceber contradições em textos escritos com poucos dias de diferença. Isso acontecia pois Drummond era, em primeiro lugar, um torcedor. Torcedor do Atlético Mineiro, claro, mas torcedor da “Seleção Canarina do Brasil” e do Brasil.

E como torcedor, em matéria de futebol, como ele mesmo escreveu, não é possível “ser só razão”. Exemplo emblemático da passionalidade do cronista ocorreu na vitória do Brasil sobre a Argentina em 1982, quando ele simplesmente “esqueceu” uma série de críticas direcionadas à Telê Santana em suas crônicas anteriores e teceu inúmeros elogios ao desempenho da seleção.

Outro aspecto importante da crônica drummondiana é a importância dada às crônicas esportivas e aos cronistas. A todo momento Roberto Drummond lembrava qual

era o lugar da crônica esportiva brasileira, qual seja, um importante personagem na crítica e, não obstante, na participação do futebol nacional, até mesmo na escolha de jogadores para as competições, como foi com Roberto Drummond e sua bandeira “Reinaldo” na Copa de 1978.

Portanto, as crônicas de Roberto Drummond abarcaram diversos temas, mesmo quando trataram “apenas” de futebol. Por meio da mobilização de um extenso rol de figuras de linguagem, o autor não só analisou, mas escreveu histórias sobre as partidas assistidas. Foram criadas personagens para explicar os confrontos, foram feitas comparações com campos que antes eram considerados distantes, como a própria política, institucional ou não, trazidas por Drummond para dentro das quatro linhas de forma magistral, fazendo dele um verdadeiro “escrevinhador de quimeras”.

Notamos que um dos personagens mais mencionados por Roberto Drummond foi o “povo brasileiro”. E os brasileiros não eram lembrados apenas em comparação com a genialidade negra de Pelé, mas foram incorporados nos textos também nas derrotas e dificuldades. O povo brasileiro, todo ele, e não os jogadores da Seleção Brasileira, eram os verdadeiros responsáveis pelas vitórias e derrotas, pelos dribles e danças e pelos gols sofridos. O autor não deixou de dizer “nós” ao analisar os selecionados brasileiros. Ou seja, acreditamos que para Drummond, a Seleção Brasileira é a representação de seu próprio povo, o que revela a conexão entre o futebol e a sociedade em suas crônicas.

Portanto, a partir da análise do imaginário social, entendido aqui como “um sistema de ideias e imagens de representação coletiva”¹⁵⁴, que, assim como o mundo objetivo, são “ordens consistentes da realidade”¹⁵⁵ de determinado grupo, é possível perceber que a ideia de a Seleção Brasileira ser representante da raça e da ginga do povo brasileiro ainda é marcante, e está presente nos textos de Drummond por meio das ideias de talento, criatividade e genialidade, mantendo a tradição da crônica iniciada por Mário Filho e continuada por Nelson Rodrigues.

¹⁵⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra História: Imaginando o imaginário. **Revista brasileira de História**, São Paulo, v.15, n° 29, pp.9-27, 1995, p. 9.

¹⁵⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra História: Imaginando o imaginário. **Revista brasileira de História**, São Paulo, v.15, n° 29, pp.9-27, 1995, p. 9.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. O elogio ao negro no espaço do futebol: entre a integração pós-escravidão e a manutenção das hierarquias sociais. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. **Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: Interações**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, p.83

ALABARCES, Pablo. **Fútbol y pátria: El fútbol y las narrativas de la nación em la Argentina**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007,

AMARAL, Laio; RODRIGUES, Hila. **Jornalismo político e enquadramento: uma análise da cobertura da ditadura militar pelo jornal Estado de Minas**. Intercom, XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Ouro Preto, 2012.

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. **“Com brasileiro não há quem possa!”: Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BARBOSA, Marialva C. Senhores da Memória. In: **Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo: vol. XVIII, nº2, p. 84 – 101, jul./dez. 1995.

BARBOSA, M. C. Jornalistas, senhores da memória? In: **XXVII Congresso da Intercom**, 2004, Porto Alegre. CD Rom do XXVII Congresso da Intercom. Porto Alegre: PUC-RS e Intercom, 2004.

BERNSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Direção) **Para uma História Cultural**. Tradução de Ana Moura. 1ª Edição, Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

BLOCH, Marc. Apologie pour l’histoire ou le métier d’historien. Paris: Colin, 1969. Apud. JEANNENEY, Jean-François. A mídia. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

BREITKREITZ, Luciano Anderson. A ditadura e o futebol na América do Sul: A construção de um imaginário coletivo através das copas do mundo de 1970 e 1978. **Revista Semina**, V11 nº01-2012.

CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

CAPELATO, Maria Helena: A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador. In: VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria (Orgs.). **História das Américas: fontes e abordagens historiográficas**. São Paulo: Humanitas, CAPES, 2015

CAPRARO, André Mendes. **Identidades imaginadas: Futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX.** Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007

CARVALHO, Lucas Borges. A CENSURA POLÍTICA À IMPRENSA NA DITADURA MILITAR: FUNDAMENTOS E CONTROVÉRSIAS. **Revista da Faculdade de Direito** – UFPR, Curitiba, vol. 59, n. 1, p. 79-100, 2014.

COSTA, Felipe R. et al. Crônica esportiva brasileira: histórico, construção e cronista. **Pensar a Prática** 10/1: 15-31, jan./jun. 2007.

COSTA, Felipe R. **Derrotas da Seleção Brasileira: Futebol e Identidade nas Crônicas de Tostão.** Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2009.

COSTA, Leda Maria da. **A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da Seleção Brasileira em Copas.** Tese (Doutorado em História) – Instituto de Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

COSTA, Maurício Da Silva Drumond. **Nações em jogo: esporte e propaganda política nos governos Vargas (1930-1945) e Perón (1946-1955).** Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

COUTO, André Alexandre Guimarães. **Cronistas esportivos em campo: letras, imprensa e cultura no Jornal dos Sports (1950-1958).** Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2016.

COUTO, Euclides de Freitas. **Da ditadura a ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978).** 1ª edição, Niterói: Editora da UFF, 2014.

COUTO, Euclides de Freitas; VALENTE, Alan Castellano. Do viralatismo à crítica engajada: a ambivalência nas crônicas de Juca Kfourri em tempos de megaeventos esportivos. **Aletria**, Belo Horizonte, v.26, n.3, 2016.

DO CABO, Álvaro Vicente G. Truppel P. do **Imagens nacionais: Representações do campeonato mundial de 1978 em veículos da imprensa do Brasil e Argentina.** Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-graduação em História Comparada, 2016.

DRUMMOND, Roberto. Seleção e Prefácio: Carlos Herculano Lopes. **Coleção melhores crônicas.** São Paulo: Global, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Verbetes biográfico Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo.** Fundação Getúlio Vargas, CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-de-assis-chateaubriand-bandeira-de-melo>>. Acesso em: 30/09/2020.

FICO, Carlos. “Prezada censura”: cartas ao regime militar. *Topoi*, Rio de Janeiro, dezembro de 2002, pp. 251-286.

FRANÇA, Vera Veiga. **Jornalismo e vida social**: A história amena de um jornal mineiro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

GASPARI, Elio; HOLLANDA, Heloisa Buarque de; VENTURA, Zuenir. **Cultura em trânsito**: da repressão à abertura. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.

GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, São Paulo: n. 163, p. 293-350, jul./dez. 2010.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O descobrimento do futebol**: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de guarda**: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2001.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. A crônica como gênero que introduziu o esporte do Brasil. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 159-171, set. 2003.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos**: sociedade, Copa do Mundo e ditadura do Brasil e na Argentina. 1ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014.

MELO, Victor et al. História cultural do esporte. IN: **Pesquisa histórica e história do esporte**. MELO, Victor et al. 1ª Ed, Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho**: O anticomunismo no Brasil. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Cultura política e ditadura: um debate teórico e historiográfico**. Tempo e Argumento, Florianópolis: v.10, n.23, p.109-137, jan./mar. 2018.

PASCHOALINO, Christiane Bara. A construção e (des)construção da Identidade da Seleção Brasileira. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, CE – 3 a 7/9/2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra História: Imaginando o imaginário. **Revista brasileira de História**, São Paulo, v.15, nº 29, pp.9-27, 1995.

- RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ROMERO, Luis Alberto. **Breve historia contemporánea de la argentina**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2012.
- RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Traduzido por Dora Rocha. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- RÉMOND, René. Do político. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. P. 442.
- SARTORI, Alex. **A bala, a letra e a bola: ditadura e futebol nas páginas da revista Veja (1969-1970)**. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal da Fronteira Sul. Santa Catarina, 2016.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. **O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1997.
- SOARES, Antônio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. **Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: Interações**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.
- SOARES, Antônio Jorge. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. In: ALABARCES, Pablo (Org). **Futbologías: Fútbol, identidade y violencia en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2013.
- SOUZA, Renato João de. **Da Informação à Representação: O Papel do Jornal Escrito Mineiro nos Anos 1963 e 1964**. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2012.
- TROUCHE, A. L. G.; REIS, L.; PARAQUETT, M. **Será mesmo este o país do futebol?** In: André Luiz Trouche. (Org.). **Fronteiras do Literário II**. Niterói: EDUFF, 2002, v. 1, p. 121-132.
- ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. **História e Historiografia**: contribuições ao debate, PUC-SP. v.4, p.89-102, jan/dez 1985.